

COMO DESCOBRI A MINHA MEDIUNIDADE

Cecil M. Cook
Tradução de Amadeu António

COMO DESCOBRI A MINHA MEDIUNIDADE

POR

Sra. Cecil M. Cook

Pastora e Médium

O Centro Memorial William T. Stead

Um vislumbre da vida, das provações e das experiências de uma médium que realizou mais de trinta mil sessões e consultas, e através da cuja mediunidade chegaram mensagens e ensinamentos que agora alcançam a multidão por meio dos livros e das lições desta organização

Publicado pelo CENTRO MEMORIAL WILLIAM T. STEAD, Chicago, Illinois

ÍNDICE

INTRODUÇÃO, escrita pelo Presidente do Centro Stead

CAP. I — As Vozes Vindas do Nada, detalhando as memórias mais antigas da Sra. Cook sobre «as Vozes».

CAP. II — As Vozes que os Outros Ouviram, contando sobre a primeira sala de sessões da Sra. Cook, aos seis anos de idade.

CAP. III — Quando Fui Controlada pela Primeira Vez, outra experiência infantil invulgar, aos sete anos de idade.

CAP. IV — O Espírito a Quem Chamo «A Minha Voz» — O guia superior da Sra. Cook, que vela sempre pelo seu destino.

CAP. V — Em Busca do Meu Lugar, relatando algumas das lutas da infância através das quais a Sra. Cook ganhou experiência.

CAP. VI — Assistindo à Minha Primeira Sessão, e explicando como uma médium se sente ao experimentar pela primeira vez a mediunidade de outra.

CAP. VII — A Minha Primeira Experiência com Trombeta, um relato da introdução da Sra. Cook à produção de forças de voz direta.

CAP. VIII — A Chegada de «Cara Brilhante», uma introdução interessante ao controle mais conhecido da Sra. Cook.

CAP. IX — A Aparição de «Pat», que conta sobre um guia de círculo que milhares conhecem, amam e agradecem pela sua ajuda.

CAP. X — A Companheirismo de «Daisy», uma homenagem interessante a uma das amigas leais da Sra. Cook, uma collie amorosa.

CAP. XI — Quando Flor de Neve Veio de Forma Independente — proporcionando-lhe um conhecimento mais íntimo desta doce pequena guia de círculo.

- CAP. XII — A Introdução de «Rosa Cor-de-Rosa» — outro belo controlo desta médium.
- CAP. XIII — «O Pequeno Profeta» Vem até Mim, contando-lhe sobre este pequeno controlo hindu com o dom da profecia.
- CAP. XIV — «Queridinha», um «Controlo Lateral», permitindo-lhe compreender mais sobre as crianças do espírito.
- CAP. XV — Mensagens Através de Escrita Automática, outra característica da mediunidade da Sra. Cook.
- CAP. XVI — «O Dom das Flores», uma fase de mediunidade muito interessante.
- CAP. XVII — Três Outros Guias Úteis Meus, um capítulo que lhe conta sobre «o Juiz», «o Bispo» e «Águia Branca».
- CAP. XVIII — A Minha Primeira «Sessão à Mesa», uma característica muito invulgar de mediunidade materializante.
- CAP. XIX — Vozes Espirituais à Luz, refutando as acusações levantadas por muitos contra as «sessões no escuro».
- CAP. XX — A Aparição dos Médicos, e a introdução da cura útil pela qual o Centro Stead é conhecido.
- CAP. XXI — As Minhas Manifestações de Eterialização, outro tipo interessante de materialização.
- CAP. XXII — Visitantes Inesperados na Sala de Sessões, que relata pessoas que passaram para o espírito de repente e fizeram sentir a sua presença na sala de sessões.
- CAP. XXIII — Antecipando o «Grande Trabalho», que tipifica o labor agora realizado pelo Centro Stead.
- CAP. XXIV — Um Novo Poder de «Projeção», que é um tipo desconcertante de mediunidade possuído pela Sra. Cook.
- CAP. XXV — As Minhas Visitas no Astral, um relato de algumas das viagens da Sra. Cook no espírito.
- CAP. XXVI — A Época de Perseguição, contando-lhe sobre algumas das batalhas que a Sra. Cook travou pela Verdade.

INTRODUÇÃO

A nossa Pastora e Médium, Sra. Cecil M. Cook, decidiu chamar a este volume de mesa «Como Descobri a Minha Mediunidade». Acho que eu o teria intitulado «Como Desenvolvi a Minha Mediunidade», mas, como a Sra. Cook me apontou, uma coisa pode existir e, no entanto, do nosso ponto de vista, estar por descobrir.

Durante os primeiros dias da Sra. Cook como médium, ela foi para muitas cidades e vilas diferentes e realizou sessões. Realizou sessões nas casas de pessoas em Chicago e em outras cidades.

Durante esses primeiros dias, a Sra. Cook submeteu-se a todos os testes científicos concebíveis. Submeteu-se a esses testes durante um período de muitos anos. Mas há algumas pessoas que exigem testes toda a vida, e no final não estão mais convencidas do que estavam no início.

Lembro-me de um incidente que ocorreu uma noite quando eu estava no Centro. Um jovem tocou à campainha e foi admitido. Disse à Sra. Cook: «Vim para ter uma consulta.» A Sra. Cook respondeu: «Não me lembro de nenhum compromisso consigo. Certamente não vou quebrar nenhum compromisso para lhe agradar.» Ele respondeu da seguinte forma: «É muito importante que eu tenha uma consulta. Sou um investigador. Veja, vou a um médium e faço anotações cuidadosas do que recebo, e depois vou a outro médium e vejo se me dizem a mesma coisa. Desta forma, posso dizer se o médium é uma fraude ou se os espíritos estão a mentir.»

A Sra. Cook disse-lhe, em resposta: «Por outras palavras, imagina que é científico. Provavelmente leu o livro de Sir Oliver Lodge, 'Raymond'. Deseja ser igualmente científico. Entrou num lugar de culto. Só pode vir aqui quando tiver amor no coração e desejar comunicar com os seus entes queridos do outro lado. Isto não é um laboratório e não é uma oficina. Não temos de baixar a beleza da nossa verdade para satisfazer os seus caprichos.

O que ganharia o Espiritualismo ou o mundo se fosse convencido? Quem é o senhor? O que fez no mundo? Contribuiu para algum trabalho do mundo? Posso ouvir uma voz a dizer-me que é um funcionário de escritório muito comum, que nunca mostrou qualquer habilidade ou capacidade particular na vida, e que se está a levar demasiado a sério. Veio aqui na ignorância, e através da sua ignorância ofereceu um insulto a esta casa, a esta organização de igreja e aos entes queridos do outro lado. A sua entrevista terminou.»

Frequentemente recebemos convites, e por vezes desafios, de pessoas que insistem em ditar as suas leis para o mundo espiritual seguir. Dirão que

condições os entes queridos do outro lado devem obedecer. Mas o que ganhou a verdade se eles forem convencidos? Não podemos alcançar o indivíduo com esses testes. Devemos alcançar a maioria das pessoas com quem estamos em contacto através da filosofia. E sabemos que o seu bom senso, os seus instintos dados por Deus, serão suficientes para os ajudar a reconhecer a verdade quando a virem.

Ao mesmo tempo, é sempre interessante saber o que um médium experiencia. Este desejo não se limita ao investigador profissional. Não é curiosidade ociosa. É natural que as pessoas desejem saber o que realmente acontece ao estabelecer comunicação entre as duas fases da vida.

Neste volume de mesa, a Sra. Cook foi muito explicativa. Contou o que viu e o que experienciou. Muitas das declarações que fez pode lê-las superficialmente, mas à medida que o seu conhecimento do Espiritualismo se alarga e aprofunda, voltará a este volume, e nessas declarações encontrará a semente da verdade. Encontrará que, à medida que a ciência estende a sua investigação e ganha mais conhecimento do outro mundo, os factos que a Sra. Cook afirmou neste tratado corresponderão aos factos que então serão dados ao mundo como descobertas da ciência.

Se estiver interessado no desenvolvimento da sua própria mediunidade, este volume provar-se-á de valor inestimável para si. Se estiver preocupado apenas com a filosofia, encontrará o mesmo interesse agudo em ler cada palavra que a Sra. Cook escreveu.

Ela apresentou-lhe os seus guias. Contou-lhe muitas coisas que ocorreram dentro e fora da sala de sessões. Mas, claro, seriam necessários muitos volumes para cobrir mesmo uma pequena fração das experiências que a Sra. Cook poderia pôr por escrito. Selecionou experiências que eram importantes para ilustrar certas características da sua mediunidade.

Dividiu este tratado de mesa em numerosos capítulos curtos, para que as diferentes características e épocas relacionadas com o seu desenvolvimento se destaquem de forma clara e distinta na sua mente. Os termos que usou são termos que pode compreender. Empregou apenas a linguagem que alcançará a pessoa que nada sabe sobre mediunidade e as manifestações de forças espirituais.

Tenho a certeza de que irá valorizar este volume e consultá-lo frequentemente. Achá-lo-á particularmente interessante quando estudado em ligação com O Mundo de Deus, porque enquanto «O Mundo de Deus» lhe dá a filosofia — os Ensinamentos — este volume de mesa mostra-lhe os canais através dos quais esses Ensinamentos foram tornados possíveis.

Muitos que visitam o Centro tiveram inúmeras experiências interessantes, não só na sala de sessões, mas nas suas próprias casas e na rua.

Quando vim pela primeira vez ao Centro, que foi a 4 de julho de 1917, era absolutamente desconhecido para a Sra. Cook ou para qualquer pessoa no Centro. E no entanto, os meus entes queridos do outro lado vieram um após o outro, e retomaram conversas que haviam sido interrompidas em Denver oito anos e onze meses antes. Nessa altura, eu tinha ido a um médium de voz em Denver, e os mesmos entes queridos do outro lado, com a adição de alguns que haviam passado para o além desde então, vieram até mim e retomaram as suas conversas.

Vou ilustrar:

Durante esta primeira sessão que assisti no Centro Stead, o meu pai veio até mim e disse: «Já faz muito tempo desde que falámos. Da última vez que falei contigo no Oeste, não entendeste o que eu queria dizer, mas cerca de duas semanas depois, entendeste. Não é assim?»

Em agosto de 1908, o meu pai tinha-me dito, na sala de sessões em Denver: «Estou com pressa hoje. Estou muito ocupado. Não posso parar para falar contigo. Estou a trabalhar numa bela casa para a mãe, e está quase terminada. Entendes? Está quase completa.»

A minha mãe nessa altura estava de visita à sua cidade natal, Manchester, Inglaterra. Dentro de duas semanas, recebi um telegrama dizendo que ela havia deixado a sua morada terrena.

Durante esta primeira sessão no Centro Stead, a Sra. Cook disse-me: «Homem grande, vejo uma senhora a guiar uma criança, e elas aproximaram-se de si. Reconhece-as?»

Antes de eu ter oportunidade de responder, Flor de Neve (de quem aprenderá mais neste volume) falou e disse: «É a tua mãe e o George.» O George, o meu irmão, havia passado para o espírito antes de eu nascer, e esta visão dele como criança veio à médium como meio de identificação.

Flor de Neve disse-me então: «Quando a tua mãe passou, estava na Europa — estava em Inglaterra. Morreu de problemas cardíacos, e a causa da passagem do teu pai foi problemas renais. Quando a tua mãe passou para o espírito, vivias a mil milhas daqui — vivias no Oeste.»

Estes eram factos.

O primeiro que veio até mim em Denver foi um cunhado — Jack. Neste mundo, o Jack era um barítono cantor muito belo, e nas sessões no Centro Stead, ele lidera o canto. Qualquer um que tivesse conhecido a voz do Jack na carne, reconhecê-la-ia no espírito. É tão alta e tão maravilhosa como era então, só que mais altamente cultivada.

Durante uma sessão realizada na minha casa em Chicago, a minha mãe veio até mim e cantou «Querida Nelly Gray». Fui transportado de volta aos dias

da minha infância, e podia imaginar-me a brincar pela casa como criança, quando a minha mãe cantava essa canção. Cantou-a exatamente com a mesma voz que eu conhecera durante trinta anos da minha vida.

Desde que estou associado ao Centro Memorial William T. Stead, muitos dos meus amigos terrenos passaram para o outro lado. Um era um velho amigo de escola a quem designarei como Ralph.

O Ralph e a sua esposa eram professores numa pequena cidade no Arizona, e haviam-nos visitado apenas alguns meses antes, quando regressavam de uma visita em Nova Inglaterra. O Ralph prosseguira para o Missouri, onde entrou na universidade estadual para fazer um curso de pós-graduação a fim de se qualificar como professor na Índia para o governo britânico. Foi acometido subitamente e passou para o espírito dentro de poucos dias desde que adoeceu.

Cerca de uma semana após a sua passagem, falou comigo na sala de sessões. Disse: «Bem, velho, quando me contavas sobre estas coisas, pensava que o Jones era um sujeito bastante decente, mas um pouco louco quando se tratava de Espiritualismo. Sei o quão surpreendido ficaste ao receber aquela carta da minha esposa.»

Amigos de infância que quase esquecera vieram até mim na sala de sessões e falaram sobre eventos que estavam fora da minha mente há anos.

Era intimamente conhecido de Frank Gotch, o lutador. Cinco dias após o Frank passar para o espírito, veio até mim e disse: «Muitas vezes me perguntei no que acreditavas, e costumava falar com a Sra. Gotch sobre isso. Um dia encontrei um artigo sobre Espiritualismo numa revista, e li-o, e então soube no que acreditavas. Li todos os livros e todos os artigos sobre o assunto que pude encontrar.»

Era bem conhecido de muitos na indústria do cinema, e quando Florence La Badie passou para o espírito, passaram apenas alguns dias até que veio e falou comigo. Muitas vezes discute os filmes em que os seus velhos amigos, como Mary Pickford e Douglas Fairbanks, estão a trabalhar — filmes que reconheço após serem lançados.

Mesmo para nós, que estamos tão familiarizados com a sala de sessões no Centro Stead, muitas experiências novas ocorrem.

Um dia, a Sra. Cook disse-me: «Ontem à noite, um espírito de um jovem veio até mim. Não era tão alto como tu. Era bastante esguio e muito moreno. Era extremamente espirituoso. Disse-me que estivera contigo quando estavas a fazer o teu trabalho hipnótico.»

Reconheci o espírito como um jovem chamado Dickenson, que vivia no Wisconsin. Chamávamos-lhe «Dick» para encurtar. Veio até mim na minha

próxima consulta, com o mesmo engenho que possuía quando o conhecera no passado. Acho que haviam passado pelo menos dez anos desde que pensara nele.

Elbert Hubbard veio até mim frequentemente e deu-me instruções muito concisas e definitivas para a condução do nosso trabalho de publicação. Disse-me o que fazer e como fazê-lo.

É um privilégio estar numa posição onde se pode consultar estas mentes mestras em diferentes linhas de esforço. Muitas vezes sinto que ninguém no mundo poderia ter um conselho de administração tão capaz de dar conselhos como aqueles que vêm para nos assistir no nosso grande trabalho — que vêm do outro lado da vida com mentes mais brilhantes e mais aguçadas, e uma visão que não podiam possuir na carne.

Em comum com muitos outros, experienciei manifestações físicas notáveis. Não entrarei numa descrição delas, porque o espaço não o permite. Tive artigos perdidos trazidos até mim e materializados mesmo à minha vista. Mas muitos outros poderiam contar experiências igualmente interessantes. Raramente falam muito sobre elas, porque muito poucas pessoas compreendem.

A coisa mais fácil do mundo é chamar outra pessoa de neurótico ou lunático. Sustento que isso não é um argumento. Nunca é um argumento chamar nomes a outra pessoa. Há muitos de nós no Centro que sentimos que demos uma conta suficientemente boa de nós mesmos como mortais para termos direito à reivindicação de que temos pelo menos um julgamento comum. Não reivindicamos ter um julgamento extraordinário, porque isso não é verdade.

Reconhecemos o facto de que há muitas pessoas maravilhosamente brilhantes e eficientes que não são Espiritualistas. Estamos sempre contentes em elogiar o trabalho de qualquer pessoa sem respeito à sua crença. Para nós, faz absolutamente nenhuma diferença saber que outros não acreditam como nós acreditamos. Que mundo triste e lamentável seria este se todos acreditassem o mesmo na religião, na política, em tudo o mais. Haveria uma uniformidade no mundo que excluiria esta riqueza de experiência que requeremos. É através destes conflitos de opinião que muitos dos obstáculos da vida se tornam possíveis. Ao tentar superar esses obstáculos, aprendemos — desenvolvemo-nos. Portanto, são um privilégio em vez de uma penalidade.

Receio que talvez tenha divagado um pouco ao tentar escrever esta pequena introdução ao «Livro de Mesa» da Sra. Cook. Mas pensei que este era um bom lugar para entrelaçar algumas das minhas muitas experiências. São interessantes para mim, e acredito que são interessantes para si. As experiências que tive são muito limitadas em comparação com as da Sra.

Cook. Sei que prestará a mais estrita atenção ao que ela disse, porque em muitas expressões breves ela condensou as riquezas do pensamento filosófico.

Tenho a certeza de que este volume de mesa será mostrado a muitos dos seus amigos, e que eles ficarão contentes em pedir cópias. Confio-o à sua leitura e ao seu pensamento.

Muito sinceramente seu,

Chicago, 18 de junho de 1919.

Lloydtagen Jones

Presidente,

O CENTRO MEMORIAL WM. T. STEAD

CAPÍTULO I

AS VOZES VINDAS DO NADA

«Não faça isso!»

Olhei à minha volta.

A mãe não estava perto — nem o pai.

Mas — a voz era tão clara como qualquer voz poderia ser!

Já tinha ouvido a voz antes, vinda do ar rarefeito, e como criança de apenas quatro anos, estava perplexa. Talvez pessoas mais velhas também ficassem perplexas, porque geralmente associamos vozes a pessoas que podemos ver.

«Tem cuidado, Ellen», diria uma voz. «Vem por aqui — não vás por ali!»

E era natural o suficiente para mim obedecer-lhes.

De alguma forma, parecia perfeitamente natural ter amigos que os outros não podiam ver ou ouvir. Não me maravilhei nada com as vozes. A minha surpresa era que os meus companheiros de brincadeira não tivessem vozes para os guiar.

«Porque paraste de brincar perto daquela árvore e fugiste?», perguntava-me a minha mãe.

«Alguém me disse que tinha de vir embora», respondia eu, e a minha mãe abanava a cabeça, mas não respondia.

Não sabia então que ela tinha ouvido as vozes, tal como a mãe dela antes dela — e outros muito atrás na minha ancestralidade. A herança era minha. Pertencia à família.

Às vezes, apenas ouvia as vozes, mas não demorou muito até que pudesse ver aqueles que falavam. Alguns eram crianças não mais velhas do que eu. Brincávamos juntos. Conversava com eles e eles comigo. Eram mais gentis, mais belos do que os meus companheiros de brincadeira terrenos. Eram mais atenciosos. Sempre me compreendiam, e diziam-me que as outras meninas e meninos não os podiam ver, não os podiam ouvir.

Não questionava; nunca lhes perguntava porquê. Sentia que algum tipo de tesouro era meu que outras crianças não possuíam.

Tínhamos muitas flores belas à volta da nossa casa. Algumas eram plantas cultivadas que a minha mãe criara com carinho. Outras eram flores do campo, e na minha opinião, as flores selvagens eram as mais belas. Algumas podia colher, mas outras que exalavam o seu perfume doce para mim, recusavam-se a ser colhidas. Eram mais delicadas do que as outras flores. E muitas vezes, quando colhia flores, descobria que floresciam novamente, só que quando tentava agarrá-las, os meus dedos fechavam-se vazios!

Ocasionalmente, via pessoas maravilhosamente belas — vestidas com robes amplos de cores delicadas. Sorriam-me e falavam-me, e eu sabia que velavam por mim.

Tudo isto aceitava com a fé simples da infância. Estas verdades eram assim, porque faziam parte da minha vida, e que criança pode questionar aquilo que faz parte da sua vida?

Eram a minha experiência diária.

Um dia, na quinta do meu pai, vaguei para um campo distante, num canto do qual uma grande pilha de pedras indicava a limpeza cuidadosa da terra. A meio caminho dessa pilha de rochas, alguns arbustos de bagas haviam forçado o seu caminho até ao ar e à luz do sol, e as bagas vermelhas pareciam piscar-me o olho e convidar-me a colhê-las e comê-las.

Mal começara a escalada da pilha de pedras, quando uma voz disse, asperamente: «Para!»

As Vozes, tentava sempre obedecer-lhes. Tinham sempre o meu bem-estar no coração, e sempre tinham razão. Ainda muito jovem, distinguia entre este conhecimento das Vozes e as opiniões das pessoas terrenas. Os meus pais cometiam muitos erros honestos, e os meus companheiros de brincadeira enganavam-se frequentemente. Mas as Vozes tinham razão invariavelmente.

Parei, e a Voz disse com cautela: «Agora, olha para baixo para os teus pés, e depois desce de volta ao chão devagar.»

Olhei para baixo, e estendida sobre uma rocha, como uma fita de bronze, estava uma cobra cabeça-de-cobre!

Estes meus amigos que pareciam viver felizes nos campos e no ar, que aparentemente tinham menos preocupações do que nós da terra, podiam ver o que eu não conseguia ver — e aprendi muito cedo na vida que eles podiam ver o que ainda não havia acontecido; o que viria a ocorrer.

Eu sabia quando os cães pretendiam morder, ou os gatos planeavam arranhar. Sabia quando o Shep seria chamado para afastar um vagabundo da quinta. Sabia quando as repreensões me aguardavam em casa. Todas estas coisas eu sabia, porque as Vozes me diziam. Mas às vezes as Vozes permaneciam em silêncio sobre assuntos que pareciam exigir a minha experiência pessoal. Isso, nunca me tiravam.

«Agora», diziam elas após alguma circunstância infeliz, «podes ver que fizeste mal. Quando fazes mal, deves ser punida. Lembra-te da lição que aprendeste!»

Uma criança com um dom como o meu não pode dizer-se que tenha todos os prazeres simples da infância.

Por vezes, os meus companheiros de brincadeira terrenos pareciam organizar-se contra mim e pôr-me de parte como peculiar. Reconheciam o facto de que eu lhes podia contar algumas coisas muito surpreendentes, mas não conseguiam reconciliar-se com a minha versão das Vozes. Se havia vozes, porque não as ouviam eles? Se havia flores belas que floresciam onde eles só viam relva ou ervas daninhas, não estaria eu errada ao insistir que havia flores naquele local?

Às vezes, o trecho de floresta desaparecia, e onde havia grão a crescer no campo, erguia-se um palácio maravilhoso — um palácio criado de material como eu nunca vira, um material suave e belo que poderia ser joias esmagadas num cimento.

A relva grosseira das pastagens desvanecia-se, e no seu lugar surgia a relva mais suave e aveludada que eu já vira — uma relva de textura tão fina que me perguntava de onde poderia ter vindo. A sua cor também era diferente — um tom de verde que eu nunca vira nos campos ou na floresta.

Bem aqui, onde o nosso mundo está localizado, eu podia ver outro mundo, muito mais belo — um mundo que significava mais para mim do que a velha terra áspera e problemática que seria o meu lar.

Homens de sabedoria podem perguntar porque tais coisas podem ser ou do que esse outro mundo é composto. Mas o que eu via, reconhecia como verdadeiro. Estava à minha volta. O nosso mundo era o mundo deles — a terra onde as Vozes viviam.

Isso era um conhecimento reconfortante, porque eu percebia que aqueles que me protegiam não tinham um longo caminho a percorrer até mim. Na

escola dominical, diziam-me que os nossos amigos anjos estavam «lá em cima no céu», mas eu sabia melhor. Eles estavam AQUI! E quando expressava o meu conhecimento, era repreendida pela minha impertinência!

«Ellen», dizia a minha professora da escola dominical, «quando eu te digo uma coisa, debes acreditar. Eu sou grande e sei ler. Sei o que estou a dizer. Nunca me debes contradizer!»

«Bem», respondia eu, «talvez eu seja pequena, mas acho que sei o que VEJO!»

Como era possível as pessoas lerem coisas em livros que contradiziam o que eu vivia todos os dias? Ai de mim! Descobri que, à medida que crescia, as pessoas são muito persistentes nas suas presunções. Quando pensam que sabem, estabelecem esse pensamento como conhecimento, porque como poderia ser possível elas errarem?

Eu discutia estas coisas com as Vozes, mas elas respondiam: «Está tudo bem, Ellen. Nem todas as pessoas podem ver o que tu podes ver. Não podem ouvir o que tu podes ouvir. Um dia ajudarás as pessoas a ver e a ouvir, e elas ficarão gratas por essa ajuda. Sê paciente!»

Tentei ser paciente, mas aqui estava uma contradição terrível na vida. Eu via um mundo bem onde o nosso está localizado — não no céu. Via estas pessoas belas, que vinham com tanto amor e paciência, e aprendi a conhecê-las pelas suas vozes e pela sua aparência. Via flores como o nosso mundo nunca conhecera, e descobrira que as flores que colhemos e que parecem murchar e morrer continuam a florescer — só com maior beleza, e livres dos efeitos esmagadores dos pés irrefletidos que trituravam os seus corpos terrenos na poeira do campo.

«A criança é esquisita, muito esquisita», ouvia os vizinhos dizerem à minha mãe. «Eu corrigiria essas noções se fosse a senhora. Estão a prejudicá-la!»

Que vida tão ingrata, muitas vezes refletia eu, para uma menina pequena viver!

CAPÍTULO II

AS VOZES QUE OS OUTROS OUVIRAM

Num dos quartos da nossa residência, havia um buraco ligado a uma chaminé, onde outrora fora inserido um tubo de fogão. Tinha sido coberto com uma tampa de lata, que tinha pernas que se espalhavam no buraco para manter a tampa no lugar. Fazia-me lembrar uma aranha quando olhava para ela.

Talvez esta tampa tivesse cumprido o seu dever em excesso e não conseguisse mais manter-se no lugar, ou talvez tivesse sido esquecida durante a limpeza da casa. De qualquer modo, o buraco estava descoberto, e eu ficava parada a olhar para cima, perguntando-me para onde levava.

Construí muitos romances de fadas à volta daquele buraco negro. Talvez levasse ao outro mundo que eu podia ver. Talvez se eu conseguisse uma escada e subisse até lá e me espremesse para dentro daquele buraco, me encontrasse no País das Fadas que aprendera a conhecer e amar. Então ninguém me repreenderia porque ouvia as Vozes, ou contava das belezas que geralmente estavam ocultas aos olhos mortais.

«O que raio estás a fazer aí?», disse a minha mãe um dia, quando me apanhou a olhar melancolicamente para o buraco na chaminé. «Estás sempre a olhar para cima. Agora, vem embora!»

E então — uma Voz saiu da abertura. A minha mãe sobressaltou-se e olhou com espanto. Era uma voz clara — e ela ouviu-a!

Esta foi a minha primeira sala de sessões! Finalmente, embora tivesse apenas seis anos de idade, fui vindicada. Outros podiam ouvir as Vozes — se ao menos viessem ao quarto comigo e ficassem perto da parede onde o buraco estava localizado — o buraco que levava diretamente à terra onde os Anjos viviam!

Senhoras vizinhas, que vinham incentivar a minha mãe a métodos de repressão contra a minha «esquisitice», aventuravam-se no quarto e aprendiam algumas coisas muito abruptas e cruelmente verdadeiras sobre a sua conduta por parte das Vozes.

«É o diabo!», gritavam elas. «A casa está assombrada e a Ellen está possuída!»

Era natural, embora cruel, que avisassem as suas próprias meninas e meninos para terem cuidado ao brincar comigo. Eu era estranha — nada natural. Brincava com fantasmas! Espíritos malignos associavam-se comigo. Eu não era deste mundo!

Não importava o que estas mexeriqueiras diziam sobre mim e o meu dom, elas reconheciam que as Vozes, vindas tão audivelmente através do buraco do tubo de fogão, diziam a verdade. Diziam-na de forma um pouco impiedosa por vezes, quando me defendiam. Mas apesar de tudo, era a verdade, e muito cedo na minha vida terrena, descobri que tão poucas pessoas se importam em ouvir a verdade.

Aos seis anos de idade, uma criança tem mais intuição do que razão. Não digo que os meus processos de raciocínio fossem sólidos. Insisto, no entanto, que a minha intuição estava correta.

Estas Vozes eram as minhas amigas. Confortavam-me e protegiam-me. Diziam-me o certo do errado. Apontavam-me a razão pela qual sofria em cada experiência dura. Ajudavam-me a compreender, à minha maneira infantil, que aqueles que vêm à terra com o dom da mediunidade devem pagar um preço. Esse preço por vezes significa ostracismo. Significa sempre ridículo. Mais tarde, aprendi que deve significar perseguição, injustiça e por vezes tortura!

Na igreja, ouvia belos pensamentos expressos sobre Deus e os anjos, e quando uma pequena companheira de brincadeira era levada do nosso meio, o ministro dizia que ela estava com os anjos.

«Falei com a Gertie hoje», disse eu no dia seguinte a uma menina pequena ter passado pelo que os vizinhos chamavam morte. «Brincámos juntas, e ela disse que teve os braços à volta do pescoço da mamã todo o dia, beijando-a e dizendo-lhe para não chorar.»

E as mulheres que ouviram olharam para mim e sussurraram algo sobre o diabo.

Sendo apenas uma criança de seis anos, não conseguia compreender como o diabo poderia trazer o espírito de uma menina pequena à sua mãe enlutada e exibir nada além do mais terno amor.

«A Gertie está com os anjos!», retorquiam essas mulheres.

«Claro que está», respondia eu. «Vi-a com eles — anjos muito belos, também. A tia dela tinha-a pela mão — a tia que disseram que morreu no ano passado!»

Elas afastavam-se de mim. Que direito tinha eu de olhar para uma terra onde crianças anjos brincavam? Não, não! Essa não era a missão das meninas pequenas. Apenas Satanás me poderia fazer acreditar que vira e ouvira aquilo que estava oculto aos vizinhos.

Mas reparei, mesmo como criança, que quando o manto da mudança chamada morte caía sobre uma casa, não importava as opiniões que tivessem sido expressas, aqueles que choravam geralmente ficavam muito contentes por eu lhes contar o que os espíritos falecidos me haviam dito. As mensagens de

«além da fronteira» eram bem-vindas. As mães que haviam sido muito altivas antes ficavam contentes em ouvir o meu tagarelar infantil sobre as suas meninas e meninos que Deus chamara de volta para casa.

Apenas punham os dedos nos lábios e diziam: «Chiu — agora, nem uma palavra sobre isto a ninguém!»

Ficavam contentes em receber notícias de além da fronteira, mas queriam-nas abafadas como um segredo profundo — como se elas e eu fôssemos culpadas de um crime terrível!

Perguntava-me com o medo que a maioria das pessoas exibia ao ver os restos mortais de algum amigo falecido. Não havia nada de terrível na morte aos meus olhos, porque não via eu aquele que havia morrido?

Não via eu mães, que estavam no espírito, inclinarem-se junto dos seus filhos pequenos e amá-los e beijá-los — e velar por eles? A morte nunca teve para mim o significado que tinha para os outros.

Eu vivia no espírito tanto quanto vivia na carne. Aqueles que estavam no espírito, eu amava. Amava-os, mesmo quando haviam sido muito desagradáveis comigo no passado — enquanto ainda estavam na carne.

«Eu não compreendia, querida», diziam-me eles. E eu sabia que não haviam compreendido e estavam arrependidos. Se pediam perdão, porque não perdoaria eu? Era muito belo perdoar, porque ninguém parecia importar-se em perdoar-me. Isto é, ninguém neste mundo.

«A tua mamã está no espírito», dizia eu a uma senhora estranha que por acaso encontrava. «Ela era sempre tão doce, também. E o que era aquele medalhão que usava? Tinha uma fotografia de uma menina pequena nele — uma menina bebé, com caracóis dourados. Ela mostra-mo.»

E a senhora estranha ficava muito pálida. Talvez durante todos estes anos cansativos, tivesse esperado e rezado para que a sua querida mãe ainda vivesse, mas quando chegavam notícias da Terra dos Espíritos, esta mulher da terra afastava-se — temerosa de ter quebrado alguma lei ortodoxa!

Afinal, eu realmente tinha de aprender a ser discreta. Porque os homens e as mulheres não desejavam saber sobre este belo mundo ao lado, não conseguia compreender. Porque estavam tão preocupados com as pequenas coisas triviais que os inquietavam tanto, não conseguia compreender. Parecia que desperdiçavam tanto das suas vidas!

CAPÍTULO III

QUANDO FUI CONTROLADA PELA PRIMEIRA VEZ

Era um daqueles dias preguiçosos na escola, quando o sopro da Primavera nos chamava para brincar e fazia os nossos olhos vaguearem sonolentos sobre as lições.

Eu tinha sete anos, e a escola significava uma espécie de prisão desagradável — um dever imposto — mais do que um templo de aprendizagem.

As Vozes diziam-me que eu devia estudar e aprender o máximo que pudesse, e fazer sempre o meu melhor. Eu esperara que as Vozes me dissessem que não era necessário estudar, mas nestas coisas pareciam discordar de mim. Sendo tão bem conhecida delas, era notável que não me salvassem das repreensões! Quando eu estava errada, diziam-me que estava errada, e quando diziam que eu estava errada, sabia que elas tinham razão.

Enquanto estava sentada à minha carteira neste dia preguiçoso, olhando sonolentemente para o meu livro e lutando com os mistérios de como as letras se tornam palavras, senti uma sensação estranha nos braços. Estavam a formigar. Pareciam estar a ficar mais frios. E este sentimento espalhava-se por todo o meu corpo, e o livro diante dos meus olhos desvanecia-se em nada, e as crianças à minha volta desvaneciam-se. Então — tudo ficou em branco. Quando comecei a recuperar desta experiência invulgar, as outras crianças olhavam para mim com espanto.

«Oh, pareces tão engraçada — tão esquisita!», sussurrou-me uma menina pequena na carteira ao lado.

«Estás doente?», perguntou a professora, ao aproximar-se de mim. «Não», respondi tolamente, «acho que estou bem.»

Mas não gostei da forma como a professora me olhava. Parecia ter medo de — algo.

Esta foi a primeira vez que fui controlada. Não acredito que algo tenha sido dito através de mim. Mas as crianças disseram-me que eu me endireitara e gemera um pouco, e depois parecera adormecer. Afinal, elas sabiam mais sobre isso do que eu!

Quando fiquei sozinha, consultei as Vozes sobre isso. Deram-me confiança e coragem. Quando me sentisse assim novamente, devia entregar-me a isso. Não devia lutar contra isso. Nenhum mal me poderia acontecer. Elas cuidariam de mim — sempre!

QUANDO FUI CONTROLADA PELA PRIMEIRA VEZ «Mas as pessoas dizem que ajo de forma tão esquisita!», dissera-lhes eu. «Não podem arranjar de modo a que eu não aja de forma esquisita?»

Ser uma criança e uma médium ao mesmo tempo não é a coisa mais fácil do mundo.

Havia uma diferença entre ser controlada e adormecer. Quando caía no sono, era deslizar para um estado de relaxamento. Quando era controlada, era sentir alguma influência mais forte a ENTRAR em mim. Vinha como se alguém tivesse entrado diretamente no meu corpo, até que essa pessoa estivesse exatamente onde eu pertencia. Então — eu devia ter ido para algum outro lugar. Enquanto o controlo estava lá, o meu corpo pertencia a esse controlo. O meu corpo tinha um novo inquilino — e nem sempre parecia que eu CABIA no meu próprio corpo quando voltava. Tinha de me ajustar de alguma forma e muitas vezes isso requeria vários segundos.

Não era uma sensação desagradável. Habituei-me a ela. Habitamo-nos a qualquer coisa com o tempo, suponho. Mas quando soube que este novo inquilino do meu corpo dizia coisas às pessoas, fiquei provocada por não as poder ouvir.

Os vizinhos referiam-se a mim como «aquela criança». Durante estes períodos de controlo, quando a minha voz e maneira mudavam, verdades definitivas e talvez por vezes mordazes vinham até aos meus críticos. O facto de eu nada saber do que era dito significava pouco para essas pessoas.

Elas haviam-me criticado livremente e tornado a minha sorte infantil dura. Agora que vozes vinham através de mim — durante esses tempos em que era controlada — e essas Vozes diziam coisas que provavam que alguém devia ter olhado para os seus corações, esses vizinhos mantinham-me sob uma suspeita desagradável.

O significado dessas verdades não me impressionava tanto então. Para mim, todas as pessoas eram honestas e retas. Lamentava que muitas vezes fosse uma proscrita. Muitas noites, chorava até adormecer porque não era convidada para festas. Não era desejada. Não pertencia. Essa era a única resposta.

A humanidade anseia por companhia humana. Mesmo vendo este outro mundo e ouvindo as Vozes, ainda sentia o desejo por este amor terreno. Queria ser incluída como as outras crianças, mas os desdêns, suponho, faziam parte da sorte de uma médium.

Anos mais tarde, quando soube que homens e mulheres podiam vir secretamente e envergonhados para falar com os seus entes queridos no espírito, pude colocar as razões para muitas das ações estranhas daqueles que conhecera na infância.

Sozinhos, no escuro, tantos pareciam ansiosos por falar com os seus entes queridos no espírito. À luz do dia, ao falar com os outros, ridicularizavam abertamente aquilo que sozinho lhes trazia conforto e os sustentava.

Mas à luz ou no escuro, eu era leal aos meus amigos do Mundo Invisível — e muitas vezes, quando me sentia como uma pequena proscrita, perdida no mar sem trilhos da vida, sozinha e abandonada, as Vozes confortavam-me.

Imagine-se nesta situação. Como foi tratada a sua infância? Havia tempo para brincar. Havia jogos infantis. Havia festas. Talvez estivesse em pé de igualdade em todos os seus gostos, desgostos e sabedoria infantil com os seus amiguinhos.

Eu estava sozinha — isolada a maior parte do tempo, deixada a mim mesma, para brincar com crianças belas que os mortais não viam e falar com espíritos belos que os mortais não ouviam. E o mundo à minha volta negava aquilo que eu sabia ser verdadeiro — e fechava a porta contra mim.

Menciono estas memórias dos meus dias de infância não com a ideia de me queixar. Certamente, se fosse tentada a proferir alguma queixa, não poderia ser contra os entes queridos do lado mais brilhante da vida. Apenas eles me ofereciam consolo. Apenas eles me animavam e falavam-me do grande trabalho de amor que me aguardava.

Para aqueles entes queridos que viviam sempre ao sol, podia recorrer em busca de conforto. Mas quando procurava conforto humano, as pessoas muitas vezes afastavam-se de mim, como se eu carregasse alguma pestilência com a minha própria presença.

Desde que existe mediunidade, suponho, foi sempre assim. Ser uma médium é ser diferente. Nos meus anos de adulta, aceitei essa sorte como natural. Mas na infância, era uma barreira que se erguia entre mim e as coisas deste mundo.

«Um dia», disse mais do que uma vez aos meus companheiros de brincadeira, «quando estiverdes no espírito, amareis-me então. Ficará contentes em voltar para mim e em eu contar aos vossos pais e mães o que desejais dizer.»

E com todas as suas inclinações humanas, respondiam: «Ora! Nós nunca vamos morrer!»

Mas eu sabia melhor!

CAPÍTULO IV

O ESPÍRITO A QUEM CHAMO «A MINHA VOZ»

Quase desde a infância, encontrei na associação mais próxima com os entes queridos no espírito uma bela companhia.

Eles conversam connosco, muito à nossa maneira terrena. Aconselham-nos e trocam opiniões connosco. Vêm até nós para exprimir as suas visões, muito como nós mortais expressamos as nossas próprias opiniões.

Isto sei desde a infância. Mas muitas vezes, encontrei mortais prontos a condenar — prontos a dizer: «Os espíritos disseram-me uma coisa, e outra coisa aconteceu.»

Isto causou-me muita infelicidade, porque o que os entes queridos do outro lado muitas vezes disseram foi: «O que nos parece é isto —» ou «Embora não tenhamos olhado para as coisas com cuidado, talvez seja assim.» Vieram com — opiniões. Chamaram a essas expressões opiniões. Quando entregaram uma mensagem definitiva de aviso ou conselho, disseram: «Faz assim e assado.» Isso era mais do que a sua opinião. Representava algo que haviam investigado.

Isso é como os mortais — sempre à procura de alguém sobre quem lançar a culpa das suas próprias falhas. Nem mesmo os entes queridos no espírito estão livres desta inclinação demasiado humana dos mortais para estabelecer um álibi!

Acho que sou verídica ao afirmar que falei com os entes queridos no espírito tanto quanto falei com outros na carne. E sinto que sei distinguir conversa de profecia.

Tenho as minhas pequenas piadas com os meus entes queridos no mundo ao lado, e eles têm as suas pequenas brincadeiras comigo. Esqueço, parte do tempo, que estou a conversar com alguém exceto um semelhante mortal.

Quando «A Minha Voz» vem, sei que não há mais brincadeira. Desde a infância, conheço-o — mas apenas como «A Minha Voz». Nunca o vi — nunca soube o seu nome. Nem os meus próprios guias queridos parecem conhecê-lo, exceto como «Estrela e Crescente». Reconhecem este espírito superior e sabem que todos os assuntos do meu próprio destino são como um livro aberto para ele.

O ESPÍRITO A QUEM CHAMO «A MINHA VOZ» Através das minhas provas mais profundas, A Minha Voz guiou-me. Brevemente, mas sempre com autoridade, dirá: «Faz isto agora!» E quando fala, é como se o Destino tivesse falado.

Algures nas esferas superiores, muito além da visão aberta do médium humano, acredito, há espíritos antiquíssimos, elevados na sua sabedoria e maravilhosos na sua gentileza. Mas lidam com a verdade — com a verdade para mais do que podemos imaginar.

Para eles, as nossas vidas não são enigmas, não são complicações, mas caminhos definidos e bem ordenados de progresso. Os nossos idas e vindas, eles conhecem. O que fomos e seremos novamente, eles compreendem. Se alguma vez ouvimos as suas vozes ou não, é irrelevante. Quando chega o momento de sermos salvos do desastre ou de tomar uma decisão, as suas forças vêm sobre nós e movemo-nos como eles dirigem. É bom que isso seja verdade. Há tantas limitações impostas ao nosso próprio poder de decisão — há tanta cegueira na nossa visão, estaríamos perdidos se não fosse por estas mãos guiadoras.

A Minha Voz, tenho a certeza, pertence a essas esferas superiores. Talvez, de algum lar elevado de progresso, fale e eu o ouça. Talvez venha em pessoa ao meu lado. Mas quer esteja comigo de facto ou em impressão, infalivelmente guia-me rumo ao meu destino.

Esta verdade eu sei, e não importa quais sejam as minhas provações, independentemente do que valham as minhas opiniões, sei que quando chega o momento de decisão ou ação, A Minha Voz dir-me-á o certo — livre de mera opinião, livre de discussão.

E o leitor, não importa quem seja ou onde viva, deve ter também uma Voz Guiadora.

A sabedoria de Deus está muito além da nossa conceção. Muitas vezes, quando nos queixamos mais amargamente, quando estamos nas posições mais difíceis, quando parece que nenhum caminho se abrirá para melhorarmos as nossas sortes, um calor vem insinuando-se sobre nós — entra nos nossos corações. Não podemos analisar o que tudo isso significa. Não compreendemos a sua fonte. Tudo o que sabemos é que algo que parece estar bem no fundo de nós diz: «Tudo ficará bem.»

Todos os meus guias. Eu amo com todo o meu coração e alma. Conhecer qualquer um no espírito é amar esse indivíduo. Mas ouvir A Minha Voz é perceber que, governando todo este amor, existe a Lei. A autoridade falou, e eu reconheço-a como autoridade.

O amor que sinto pela Minha Voz é algo diferente do amor de companheirismo que sinto pelos outros no espírito. Parece-me como se um pai tivesse vindo ao seu filho — e eu apoio-me nesse poder como um braço direito forte e infalível. Nas minhas horas de maiores dúvidas, nos meus dias de provas mais severas, sei que, mais cedo ou mais tarde, A Minha Voz virá e

então, quando tiver ouvido as poucas palavras de advertência, tudo o que preciso fazer é seguir esse conselho.

Mais cedo na minha vida terrena, eu dizia: «Mas — quem é o senhor?» E A Minha Voz respondia: «Estou a protegê-la. Nada mais importa!» E verdadeiramente, nada mais pode importar. Os nomes significam tão pouco. As personalidades significam tanto. A verdade e o amor — o que mais poderia importar?

«A Minha Voz» vela por mim com uma compreensão que está muito além de qualquer poder humano de compreender — e desde o primeiro dia em que «A Minha Voz» veio, tenho tido a bendita certeza de que «tudo está bem».

CAPÍTULO V

EM BUSCA DO MEU LUGAR

«Se esta mulher», pode dizer o leitor, «começou a ouvir as Vozes quando tinha apenas quatro anos, e conseguia fazer com que os outros as ouvissem quando tinha seis, e foi controlada quando tinha sete, então certamente não houve um tempo desde a infância em que ela não servisse como médium.»

Existe um abismo entre «o dom» e a participação nele de forma extensa. Encontramos crianças que sabem desenhar, e um dia tornam-se artistas. Mas as crianças têm de incubar. Têm de passar por certas fases de crescimento. São muito como plantas que provavelmente murcham com a primeira geada, ou quebram sob o stress da primeira tempestade.

Deus achou por bem dar-me o poder da mediunidade — mas Deus também providenciou leis naturais que nos governam no nosso crescimento. Talvez o corpo de uma criança não consiga suportar as tensões de ser usado, como um médium deve ser em todos os momentos.

Pode ser que uma pessoa precise de viver uma certa quantidade de experiência humana antes de o dom da mediunidade se tornar praticável. Não me arrisco a uma opinião definitiva, porque não sei.

Disto estou certa: descobri que era necessário fazer o meu caminho no mundo ainda criança — e aprendi a dura realidade de manter corpo e espírito juntos. Há tão pouco que uma criança pode fazer — tão pouco que tenha qualquer valor para ganhar dinheiro. Mas mesmo uma criança deve comer — e para comer, deve trabalhar. Isso pode não se aplicar a milhões de crianças. Sem esforço da sua parte, a comida é-lhes trazida. Nenhum cuidado é permitido atravessar os seus caminhos. Talvez seja bom que estes confortos venham a alguns. Pergunto-me se esses poucos os apreciam!

Como criança, alguma vez foi necessário para si procurar trabalho, quando não estava qualificado para qualquer tipo particular de trabalho? Como menina pequena, acredita que é fácil vir para uma grande cidade e sobreviver? Não é fácil. É uma luta. Estou grata por essa luta ter sido minha. Considero-a um privilégio, porque naturalmente encontrei outros que lutavam. Cedo na vida, soube que outros sofriam. Compreendi o que era estar «sem sorte» e contar os meus tostões e tentar calcular como fariam o trabalho de moedas de dez cêntimos. Sabia o que significava encontrar inveja humana e lutar pelos poucos direitos que reclamava como meus.

Mas não sofriam também os outros? Eu conhecia as suas dificuldades e o seu sofrimento. Estava a aprender o «lado humano» da vida — e se mais tarde eu ia atuar como guardiã do portão, ao qual os enlutados viriam em busca de consolo, não era apropriado que eu tivesse VIVIDO E SENTIDO o que eles sentiriam?

Uma vez, quando estava em atraso com o aluguer do quarto, a minha senhoria trancou-me a porta. Todas as minhas posses terrenas estavam no meu quarto. Uma chuva fria caía, e as ruas estavam quase desertas. Se desse a esta mulher o último tostão que possuía, ainda seria insuficiente para pagar o que devia — e então não teria nada. Talvez com esta escassa provisão de dinheiro, sem nada exceto as roupas que vestia, alguém fosse bondoso o suficiente para me confiar até que tivesse a sorte de ganhar o meu sustento. Certamente, devia haver pessoas assim bondosas no mundo — pessoas generosas o suficiente para acreditar que uma menina de catorze anos não mentiria!

Estava a ficar tarde, mas as ruas ofereciam-me o único lugar onde parecia ter direito de estar.

Caminhei pela chuva miudinha, e o meu coração estava tão pesado como os meus próprios pés cansados. Virei esta esquina e aquela, para não ter de mostrar as minhas lágrimas àqueles que passavam pelas vias mais iluminadas.

E então, nesta hora de angústia, A Minha Voz disse: «Suba estes degraus e toque à campainha.»

Obedeci. Uma senhora idosa maternal veio à porta. «Mantém — mantém hóspedes?», gaguejei.

«Ora, não criança, mas o que se passa? Entre da chuva.»

«Não tenho nenhum lugar para ficar», disse eu. «Devia o aluguer do quarto. A senhora ficou com as minhas coisas — todas elas. Tenho só isto — um dólar e cinquenta cêntimos. Não posso ter um lugar para ficar?»

Ela acolheu-me, esta querida senhora idosa, e abraçou-me e chorou um pouco e disse coisas sobre a humanidade que eu não podia endossar

inteiramente mesmo na minha situação. E ajudou-me a recuperar a minha mala, e disse à minha antiga senhoria algumas verdades sobre a ética da vida que acredito não terem sido fáceis para uma pessoa culpada ouvir.

Eu encontrara um lar — e conforto — e abrigo, pelo menos, e no dia seguinte encontrei um emprego. Afinal, por trás das nuvens sombrias da dura realidade, havia um pouco de sol! Havia algumas pessoas muito boas no mundo, que nunca haviam sofrido demasiado para deixar um cantinho quente algures nos seus corações para aqueles que sofriam tanto, ou mais!

Ser capaz de ganhar o meu sustento — encontrar um lugar onde houvesse trabalho todos os dias, era a minha concepção de paraíso. O sol sorria através de cada nuvem agora, e sendo muito cuidadosa, tinha dois ou três quartos a mais do que as minhas necessidades reais no final de cada semana.

Havia muitas outras raparigas muito como eu no lugar onde trabalhava. Algumas pareciam muito sérias sobre a vida e os seus caminhos, e outras não pareciam levar os problemas da vida a sério de todo. Tinham os seus jovens, e os seus bailes. O trabalho era, na sua opinião, uma necessidade desagradável, e nunca perdiam uma oportunidade de exprimir as suas opiniões sobre isso. Para mim, o trabalho era um privilégio bendito, e perguntava-me quem o teria inventado originalmente. Maravilhei-me com o facto de a firma ter homens tão notavelmente inteligentes à frente dela, que eram capazes de encontrar dólares suficientes cada sábado para pagar aos empregados!

Foi bom eu maravilhar-me, porque num sábado, os envelopes de pagamento ficaram curtos, e a maioria de nós enfrentou um domingo desconsolado.

Ser atrasada nos meus esforços uma semana inteira era uma tragédia! O que diria a minha amiga — a querida senhora idosa que confiara em mim?

«Eles não nos pagaram, honestamente não pagaram!», solucei, mas ela beijou as minhas lágrimas e disse que veria o que poderia ser feito. Mas acho que o xerife também estava a tentar resolver o mesmo enigma!

Uma das outras raparigas e eu partimos cedo na manhã de segunda-feira em busca de um novo emprego, e encontrámo-lo.

A Minha Voz disse: «Entre aqui e pergunte!»

Esta rapariga tinha muita confiança na Minha Voz, e quando lhe disse o que ouvira, ficou ansiosa para testarmos a nossa sorte.

Havia trabalho à nossa espera. Fomos contratadas no local, com um salário um pouco melhor do que recebêramos no nosso último lugar. Assim, as nuvens de tempestade não haviam pairado tão baixas desta vez. E porque haveriam? Eu podia olhar diretamente nos olhos do meu novo empregador e dizer que tinha EXPERIÊNCIA! Havia magia nessa palavra. Há magia nela

mesmo entre os Anjos. Experiência! O objetivo de toda a vida! Experiência! O «abre-te sésamo» que nos leva além de portas barradas, e prova aos outros que, finalmente, «pertencemos!»

Há tanta alegria genuína em saber que o seu trabalho é apreciado, e que pode GANHAR O SEU SUSTENTO!

CAPÍTULO VI

ASSISTINDO À MINHA PRIMEIRA SESSÃO

Chegara-me a notícia de que havia uma mulher muito respeitada em Chicago, a Sra. Clark. Ela era uma desenvolvedora que conseguia obter vozes para qualquer um que viesse com a atitude certa. Eu desejava assistir a uma das suas sessões?

Desde o dia em que a notícia da Sra. Clark me chegou até à noite em que me sentei na sua sessão, eu estava radiante de expectativa. Afinal, não estava isolada na minha esquisitice! Uma mulher de carne e osso que servia um dom como o meu!

A Sra. Clark realizava estas sessões no seu apartamento. A sala de sessões era grande o suficiente para acomodar cerca de vinte pessoas. A maioria dos presentes eram adultos. A minha amiga e eu éramos das mais novas presentes. Eu tinha quinze anos na altura.

A Médium olhou em volta para os recém-chegados com curiosidade. Depois, o seu olhar pousou em mim.

«Menina pequena», disse ela, «é muito mediúnica. Alguém me diz que poderia obter as Vozes através das trombetas da forma como eu as obtenho.»

Pareceu-me que todos os pares de olhos naquela sala se fixaram em mim. Eu era uma privilegiada. Afinal, ouvir as Vozes ia significar algo mais do que uma experiência pessoal. Ia ser um serviço à humanidade — e a partir desse momento, considerei a Sra. Clark como uma missionária muito grande e honrosa.

Mal a sala foi escurecida e a música começou, um irmão meu, que passara para o espírito na infância, veio até mim e saudou-me.

Desejo que toda a pessoa que entra numa sala de sessões pela primeira vez pudesse experimentar a felicidade que eu senti. Não era que eu nunca tivesse ouvido a voz do meu irmão. Isso viera até mim muitas vezes. Mas agora ele vinha até mim através de alguma outra força fora de mim mesma. Era maravilhoso além da descrição.

Ouvi atentamente cada palavra que foi proferida em todas as conversas. Algumas das pessoas ali, observei, vinham regularmente. Havia familiaridade na forma como saudavam os seus entes queridos — como se se encontrassem e conversassem frequentemente. Havia riso — havia encorajamento, e uma ou duas vezes, havia lágrimas. Alguns dos recém-chegados estavam sobrecarregados com a evidência de que a morte não é o fim — de que ninguém morre realmente, mas continua a viver na luz do amor e da bondade de Deus.

Um ou dois dos estranhos procuravam testes. Havia dúvida, havia questionamento, na sua atitude. Tinham assumido que todo o mundo era falso, e que só eles eram verdadeiros.

«Oh, porque não se sente feliz quando os seus entes queridos vêm até si!», gritei eu, envergonhada de pensar que qualquer mortal pudesse falhar em detetar aquele pequeno toque de individualidade que só os nossos entes queridos nos podem trazer.

Eu encontrara O MEU MUNDO. Finalmente, após estes anos de trabalho árduo, estava a entrar no meu próprio. Aqui estava a Terra Fronteiriça que estava estabelecida. Já não era a Terra Fronteiriça um lugar onde só eu ouvia vozes e via formas. Era um lugar muito populoso, e estava realmente estabelecido neste mundo como um facto reconhecido! Fiquei radiante por saber que a verdade da comunicação espiritual era compreendida por muitos.

E então uma voz veio até mim que eu não ouvira antes — uma voz que esperara até que eu assistisse à minha primeira sessão.

«Eu sou Flor de Neve!», informou-me esta voz docemente. «Sou uma das suas guias. Tenho velado por si desde o início. E vou ajudá-la no seu trabalho!»

Milhares desde então aprenderam a amar Flor de Neve. A sua doçura e bondade trouxeram esperança a muitos corações abatidos. A pureza da sua voz levou uma mensagem de nova esperança a homens e mulheres que vieram à Terra Fronteiriça, esperando contra a esperança que os seus entes queridos ainda vivessem!

A vinda de Flor de Neve significou mais para mim do que consigo contar. Eu estava realmente a ser preparada para algo grande — para um lugar no mundo. Estava a ser velada e protegida de mais formas do que alguma vez imaginara.

Peço-lhe que se lembre de que, até esta altura, nunca encontrara mediunidade nos outros. Durante estes muitos anos, sentira que era simplesmente diferente — e perguntara-me muitas vezes se viria o tempo em que encontraria outros do meu tipo.

E nesta noite, na casa da Sra. Clark, estava a receber a minha primeira grande recepção. A partir desta noite, todas as coisas mudariam. Ia ser designada para um lugar perto do Portão, e teria o privilégio de manter esse portão entreaberto, e permitir que entes queridos no espírito conversassem com entes queridos na carne. Ia ser uma das servas do mundo espiritual!

Não via os anos de dificuldades e perseguição que me aguardavam, nem me importava. Qualquer preço que pudesse ser chamado a pagar para cumprir a minha missão na vida, sabia nessa noite que estava perfeitamente disposta — ansiosa — para pagar. Encontrara aquilo que o meu coração sempre desejara. Ia ser realmente uma Médium!

CAPÍTULO VII

A MINHA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA COM TROMBETA

Nessa noite, quando cheguei ao meu quarto, sozinha — sem ser ouvida por mortais — ajoelhei-me ao lado da minha cama e agradeci a Deus pela experiência que entrara na minha vida. Estava cheia de um agradecimento que nunca poderia descrever.

Da Sra. Clark, alguns dias depois, obtive uma trombeta. Ia pôr a minha mediunidade à prova no meu próprio quarto — sozinha!

Perguntava-me que resultados teria. A trombeta tinha cerca de noventa centímetros de comprimento, feita de um metal leve. Embrulhei-a com cuidado, e após a sessão dessa noite, corri de volta para o meu quarto. Ia fazer precisamente como a Sra. Clark fazia com as suas trombetas. Ia colocar uma bacia de água no chão — grande o suficiente para a trombeta ser mergulhada. De alguma forma, as vozes parecem vir mais claras quando as trombetas estão húmidas. Há algo nas forças que se assemelha a energia elétrica.

Coloquei a bacia no chão, e a trombeta a alguns centímetros dela, e depois arrastei uma cadeira para cerca de quarenta e cinco centímetros da bacia. Desenhando um mapa de direções com cuidado na minha mente, apaguei a luz e dirigi-me à minha cadeira. Mal me sentei, a trombeta bateu na bacia e depois mergulhou na água. Ergueu-se do chão, e pude ouvi-la a bater no teto. Andou por todo o quarto, sobre a minha cabeça, ao lado de mim e para cima novamente.

As vozes vinham através dela. Muitos que eu conhecera na carne, mas que haviam passado para o espírito, vieram falar comigo. Flor de Neve falou comigo. O meu irmão veio. Antigos colegas de escola meus vieram.

A porta entre a terra e o espírito fora aberta de par em par para mim. Sabia agora que podia obter as Vozes sozinha. Perguntei se podia obtê-las para os outros. Disseram-me que podia.

Nessa noite, não dormi muito. O meu coração estava demasiado cheio de gratidão para dormir. Estava a construir castelos no ar. Pensava na felicidade que Deus me permitira levar para as vidas de homens e mulheres de coração partido. Encontrara um novo mundo. Descobrira a minha própria mediunidade. Compreendia o que significavam todos estes anos de preparação.

Mas ainda era demasiado jovem para dar muitas sessões. No início, disseram-me, podia convidar alguns dos meus amigos, e obter resultados para eles. Devia ter mais experiência. Viria o tempo em que os duvidosos se aventurariam na minha sala de sessões. Seria submetida a muitos testes severos. Teria de provar-me uma e outra vez.

Quando se é muito jovem, a energia é algo com que não nos preocupamos. Parece haver abundância. Desperdiçá-la é um incidente. Sabia que estava disposta a sofrer qualquer dificuldade pela minha verdade. Sabia que nenhuma desilusão poderia ser tão severa a ponto de me roubar aquilo que agora era meu!

No início, os meus amigos vinham. Isso era sempre à noite. O meu trabalho regular tinha de ser feito. Era obrigada a trabalhar de dia pelo meu pão. Os meus amigos eram solidários, e traziam boas condições. Era perfeitamente natural para eles que eu fosse uma médium. Mas quando contavam a alguns dos seus amigos, começava a encontrar os duvidosos. Isso era difícil para mim. Não conseguia ver como alguém podia pensar em duvidar do mundo espiritual.

Eu não estava a trazer os seus amigos espirituais. Não tinha poder para fazer isso. As pessoas que vinham até mim deviam trazer os seus entes queridos no espírito consigo. Eu estava no Portão, mantendo-o entreaberto. Era tudo. Porque não conseguiam compreender que isso era verdade?

Nos primeiros dias da minha mediunidade, Flor de Neve controlava-me muitas vezes e trazia mensagens para aqueles que não conseguiam fornecer as condições para obter as Vozes. Também, através deste controlo, que é comumente chamado «mediunidade em transe», era possível trazer maior força para «as forças».

Lamentava por vezes ter de ser controlada. Desejava ouvir tudo o que era dito. Mais tarde, descobri que, como guardião do Portão, raramente retinha algo do que ouvia. As mensagens trazidas aos outros através da minha mediunidade eram para esses outros. Não eram para mim, tanto quanto as mensagens dadas por um fio telefónico são para os operadores telefónicos. Esses operadores podiam ouvir muitas mensagens, mas ouvindo tantas e tendo as suas próprias vidas para viver, esqueceriam a maioria delas! Isso era natural. Realmente não fazia diferença se eu era controlada. Desde que os outros fossem melhor servidos dessa forma, estava a cumprir o meu dever, e

uma das primeiras lições que aprendi na mediunidade foi cumprir o meu dever da melhor forma que sabia.

À medida que os meses passavam, outros ouviam falar do meu dom — e não passaram muitos meses até que tivesse meia dúzia de pessoas no meu quarto a participar nas minhas sessões.

Chamavam-me «a médium criança». Lisonjeavam-me. Esqueciam que as minhas forças estavam a ser usadas, e não achavam necessário reembolsar-me. Mas se eu ia continuar a trabalhar num escritório todo o dia e tentar dar sessões todas as noites, o que seria da minha força?

CAPÍTULO VIII

A CHEGADA DE CARA BRILHANTE

Para milhares, o meu pequeno controlo é conhecido como «Olhos Brilhantes». Ela submete-se a esse nome, porque lhe foi imposto, suponho. Mas o nome espiritual que deu e pelo qual era conhecida pelos meus amigos durante anos era «Cara Brilhante», e como Cara Brilhante, ainda é conhecida por muitos.

Tão insistentes se tornaram os pedidos dos meus serviços como médium, que descobri que não podia ser uma médium e uma empregada também. Portanto, reunindo toda a coragem ao meu alcance, e insistindo no meu direito de comer — pois mesmo os médiuns têm fome — informei aqueles que vinham até mim que devia ser reembolsada, que enquanto dava consultas e sessões, não tinha outra forma de ganhar a vida, e que uma taxa moderada seria apreciada.

«Eu pensaria», disse uma senhora que ficara encantada em usar as minhas forças gratuitamente, «que não ousaria cobrar por um trabalho deste tipo.»

«Mas quem pagará o meu aluguer do quarto e a minha comida e comprará as minhas roupas?», perguntei. «É pedir demasiado ser permitida viver na carne para que possa servir os outros enquanto ainda estou na carne?»

Não conseguia compreender este tipo de lógica que me mantinha fora da luz do sol a maior parte do dia e me repreendia por insistir que tinha direito ao meu sustento! E mesmo agora, conhecida por milhares, sou informada por vezes de que é pecaminoso cobrar por aquilo que exige todo o meu tempo e força!

Vejo ministros do evangelho, para cuja oratória teórica maravilhosa são construídas igrejas dispendiosas — e para cujo conforto material são

construídas belas residências paroquiais. Eles têm a luz do dia para os animar, mas o médium deve sentar-se no escuro, porque os mortais não se desenvolveram o suficiente para obter manifestações à luz.

Não estou a repreender, porque encontrei muitas pessoas generosas e atenciosas. Estou apenas a dizer que não era fácil, nestes dias de infância, ver pessoas que professavam amar os seus entes queridos no espírito saírem do meu quarto após o fim da consulta, sem colocar uma pequena moeda à minha disposição para me ajudar a manter corpo e alma juntos. Eu era uma criança e elas eram adultas, e tinham a falsa coragem de me defraudar. Tê-las-ia eu defraudado, quando vinham chorando e lamentando?

Ao descobrir a minha mediunidade, aprendi muito sobre o hábito de alguns mortais decidirem sobre valores — e descobri inúmeras surpresas sobre aquilo que algumas pessoas chamam sofrimento.

Mas não devo divagar da minha narrativa.

Flor de Neve anunciou-me que Cara Brilhante seria o meu controlo, e Cara Brilhante veio — uma criança no espírito, tão cheia de malícia como qualquer criança na carne. Se eu tivesse algo que não agradava a Cara Brilhante, não havia descanso até me livrar disso.

Enquanto frequentava esta estranha academia da natureza humana, o meu pequeno controlo também recebia alguma instrução valiosa nas travessuras da humanidade. Mas era infalivelmente certa nas suas mensagens. Enviava arrepios pela espinha daqueles com mentes más, e trazia alegria aos corações das pessoas honestas que haviam sentido a dor aguda da separação — por uma estação — dos seus entes queridos.

Cara Brilhante era uma pessoa em quem se podia contar. Detetava a insinceridade no momento em que entrava na minha sala de sessões. Também encontrava a verdade nos corações e encorajava essa verdade.

O meu séquito estava a crescer. Amigos contavam a amigos. Os curiosos vinham juntamente com os sinceros.

«Esta miúda uma médium?», perguntava algum indivíduo extremamente esperto. «Ora! Ela terá de me mostrar.»

Cara Brilhante geralmente fazia a prova — e sou informada de que os testes que aplicava a alguns destes duvidosos reviravam um pouco os seus passados questionáveis e os deixavam inquietos. Se não pudessem ser convencidos de outra forma, isso, pelo menos, era uma forma convincente de os alcançar. Se percebessem que o mundo espiritual não ignorava o mal que haviam feito, tinham respeito pelo mundo espiritual.

Se se recusassem a conhecer o significado de amor e ternura, deviam ver que os seus registos estavam escritos de forma indelével algures no rolo da

vida. Mas de tais inícios, muitos Espiritualistas sinceros surgiram. Tinham alimento para o pensamento — talvez pela primeira vez nas suas vidas, e Cara Brilhante fez algum trabalho missionário maravilhosamente eficaz entre aqueles que «tinham de ser mostrados!»

Chegara agora o momento em que devia estabelecer-me como médium. Devia arranjar algum tipo de apartamento que me fornecesse as instalações de que precisava.

O meu primeiro equipamento doméstico era tristemente simples. Era o melhor que podia permitir-me. Não estava sobrecarregada com mobiliário ou utensílios. Não estava equipada para dar banquetes ou entreter.

Sentada muitas horas por dia e dando várias sessões grandes por semana, servia apenas para me ajudar a «sobreviver». Cada cadeira que comprava representava horas e dias de dedicação ao meu trabalho. Devia sentir cada dor que os consulentes sentiam — e sentir cada agonia de morte que havia sido experimentada por aqueles no espírito que nunca haviam vindo através das minhas forças antes! E desta forma, através de trabalho real, comprava pouco a pouco, e contava cada nova peça de mobiliário como uma posse valiosa. Representava o meu sangue vital!

CAPÍTULO IX

A APARIÇÃO DE PAT

Ele nascera na Irlanda, quase cem anos antes, o Pat O'Brien, e as suas lutas haviam sido muitas, e as suas recompensas escassas. Pat soubera o que era ter ambições sem realização, e sentia que a experiência de tal falhanço ainda lhe seria cara. Se essa experiência pudesse ser ganha ajudando os outros, pois bem. Pat tinha coragem e tinha força, e possuía também jovialidade.

Eu estava no trabalho público apenas há cerca de seis meses, quando Pat se juntou ao meu grupo. Trouxe força sustentadora e uma maneira alegre que conquistou um lugar nos corações das pessoas.

Pat fala com um sotaque gaélico pronunciado. Esse sotaque nunca perdeu. Como Flor de Neve, fala de forma independente — isto é, sem usar a trombeta.

E agora, para informação daqueles que possam ler esta experiência, explicarei algumas coisas tão claramente quanto sei. A maioria das Vozes fala através das trombetas, seguradas nas suas próprias mãos. Eu não toco nas trombetas. Ninguém mais na carne as toca.

Às vezes, essas trombetas passam sobre as cabeças de pessoas que estão a uma dúzia de pés de distância de mim, e a minha respiração pesada continua ininterrupta, enquanto as Vozes estão a falar.

Quando sou controlada, então o meu controlo fala através de mim — usa as minhas cordas vocais. Não tenho conhecimento do que é dito. Estou literalmente fora do meu corpo. Está ocupado por outro espírito. Flor de Neve e Pat e alguns outros falam de forma independente. A voz de Flor de Neve é muito alta e clara — exatamente como se estivesse na carne. Geralmente fica perto de mim. Muitas vezes move-se muitos pés para longe de mim, mas a sua voz continua tão clara como quando está perto de mim, e portanto, na parte mais forte das forças, que me rodeiam imediatamente. As vozes que vêm através das trombetas variam em força com as condições da sessão e com as condições climáticas. Em tempo de tempestade, os mortais são afetados. O que quer que o químico espiritual extraia dos consulentes para adicionar às minhas forças depende da naturalidade dessas pessoas. O que quer que as deprima diminui imediatamente o poder das forças.

Há materialização real dos espíritos na minha sala de sessões, mas não é uma materialização luminosa; as formas não são visíveis. Se alguma vez sentiu as suas mãos — mãos pequenas e com covinhas de bebé, e as mãos delicadas e esguias de mulheres, e os apertos fortes e poderosos dos guias índios — compreenderia que, nestas forças mediúnicas, aqueles no espírito entram na vibração da nossa classe de material e assumem as características desse material mais grosseiro. São então tanto «carne e osso» como o leitor neste mundo.

Por vezes, quando estou doente, ou a recuperar de uma doença, ou quando cétricos trouxeram condições difíceis para as salas de sessões, Pat raramente fala. Sinto-o de pé atrás da minha cadeira, dando-me força. Nenhum guia poderia ser mais leal ou mais atencioso, nem nenhum guia em qualquer lugar ajudou mais homens e mulheres a resolver os seus problemas de negócios. A experiência que foi negada a Pat O'Brien na carne tem sido sua em medida rica no espírito.

Mantendo todo o seu engenho irlandês, diz muitas coisas humorísticas. Isso impede-os de se tornarem mórbidos e autocentrados, estado em que se «contraem» de tal forma que as forças não podem trabalhar através ou com eles.

Pat adora falar com todos na sala de sessões e ser falado. É sociável. Pat nunca foi e nunca poderia ser um recluso. Adora companhia. Gosta de leveza de coração e riso. E traz uma riqueza de alegria a corações cansados, sempre!

Por trás de toda a gentileza de Pat, há também firmeza. Não vem para concordar amigavelmente com todos ou com tudo. Se o seu julgamento é contrariado, diz-lo. Corrige erros — gentilmente, mas com muita firmeza. Está

comigo para ajudar os outros — e se for necessário «ir ao fundo do assunto» e defender um ponto, faz-lo de forma muito magistral, como milhares atestarão!

Aqueles que vêm à minha sala de sessões amam os guias do círculo. Pat é um deles e Flor de Neve é uma delas. Cara Brilhante, ou Olhos Brilhantes como é familiarmente conhecida, é outra. E há alguns outros sobre os quais lhe falarei mais tarde.

Os guias chamam-me «Médie», e os meus amigos chamam-me «Médie», que é uma abreviatura de «Médium». Sou conhecida no meu próprio lar como «Médie», e há muitas pessoas aparentemente que não sabem que tenho outro nome.

Enquanto os outros beneficiam do conselho útil de Pat na sala de sessões, tenho o privilégio de ter a sua companhia alegre onde quer que esteja. Dirá: «Agora, observa com atenção, Médie, porque vais ver algo muito engraçado!» Invariavelmente, vejo-o.

Ou, quando estou a fazer compras, Pat dirá: «Para de olhar aqui. Vai ao quarto andar, no departamento Tal-e-tal. Sei exatamente o que procuras e devias ter!»

Conheci muitos mortais alerta, mas nunca conheci um que fosse um quinto tão alerta como o meu guia, Pat. Nada lhe escapa. Nenhuma tarefa parece ser demasiado complicada para ele empreender. O seu sucesso parece não conhecer limites!

CAPÍTULO X

O COMPANHEIRISMO DE «DAISY»

Vou contar-lhes agora sobre uma amiga que era tão leal, tão verdadeira, como qualquer amiga poderia ser.

Era uma nobre Collie, a «Daisy», e se alguma vez um animal compreendeu aquelas coisas que estão além do véu de muita compreensão humana, não hesito em conceder esse conhecimento à minha Collie.

Uma vez, quando eu estava na minha sala de sessões, alguém abriu inadvertidamente a porta, admitindo uma inundação de luz. Quando a luz entra subitamente numa sala de sessões escurecida, o efeito é REBATER as forças de volta sobre a médium. É um choque terrível. Nos últimos anos, através da vigilância e da capacidade dos meus amados guias em fazer certas mudanças em mim, não sofri tão intensamente com esta condição. Mas qualquer médium lhe dirá a mesma coisa; isto é, qualquer médium que dê manifestações no escuro. A médium de controlo, que é tão facilmente controlada à luz como no escuro, não está a ser usada para estas forças de manifestações físicas.

Daisy veio a correr para o quarto exatamente quando eu desmaiara. Lambeu-me as mãos — ficou de guarda sobre mim, ganiu e tentou à sua maneira muda coaxar-me de volta à consciência. A senhora que estava no quarto na altura contou-me sobre isso mais tarde.

Mas depois disso, cada vez que eu entrava na minha sala de sessões, enquanto tive Daisy, ela estava lá, deitada à porta. Entrar na sala de sessões significava passar por Daisy, e passar por Daisy teria significado problemas!

Deus, o Doador de toda a vida, a Fonte de toda a inteligência, deu a muitos dos animais uma riqueza de ternura e lealdade que o homem raramente mostrou. E tão verdadeiramente como Ele deu aos animais estas qualidades mais finas, assim também lhes deu vida — eterna.

Ouvi pessoas dizerem: «Se a vida humana continua além da mudança chamada morte, então porque não tem toda a vida a mesma continuidade?»

Toda a vida é eterna. Pode acreditar que um belo cão como Daisy poderia simplesmente deixar de existir, porque os seus dias terrenos haviam chegado ao fim? Toda a minha vida, VI espíritos, e não só vi os espíritos dos nossos entes queridos que outrora estiveram na carne, mas também vejo animais — e particularmente cães e cavalos. Vi Daisy na minha sala de sessões muitas vezes desde que me deixou, e ela sabe que a vejo.

Por vezes, Daisy entrava na sala de sessões comigo. Daisy também tinha «o olho aberto». Podia ver aqueles no espírito tão bem como eu, e ficava ali deitada no escuro, com a cauda a abanar batendo no chão, e a ganir. Para ela, as Vozes eram uma parte lógica da natureza — e compreendia o meu trabalho muito melhor do que muitos mortais o compreenderam.

Com os seus instintos aguçados que muitas vezes eram mais dependíveis do que o julgamento humano mais ativo, Daisy era uma companheira fiel. Acompanhava-me nos meus passeios — dormia ao lado da minha cama e continuava a sua vigília durante o meu sono, tal como fazia enquanto eu estava na minha sala de sessões.

«Às vezes», ouvi pessoas dizerem, «quase penso que os animais podem pensar.» SEI que alguns deles podem pensar. Daisy podia pensar, e o seu pensamento era muito mais razoável do que o de muitas pessoas que afirmam possuir conhecimento.

CAPÍTULO XI

QUANDO FLOR DE NEVE VEIO DE FORMA INDEPENDENTE

Passaram-se dezassete anos desde que Flor de Neve veio de forma independente, falando com uma voz tão clara como qualquer menina pequena poderia ter neste mundo. E desde então, tem falado de forma independente — e para aqueles que vieram com astúcia nos corações, pode parecer que Flor de Neve tem sido amplamente capaz de falar de forma independente em todos os sentidos da palavra!

Em ternura e doçura, nunca houve nada que se comparasse ao canto de Flor de Neve. A qualidade da sua voz mendiga descrição. É diferente de qualquer voz que alguma vez ouviu.

Lembro-me de um incidente que aconteceu há muitos anos. Uma senhora veio para uma consulta privada, e era evidente que não estava totalmente convencida. Flor de Neve disse-lhe isso, e a senhora admitiu-o francamente.

«Agora», disse Flor de Neve, «vou dizer-lhe o que farei: Algum tempo, durante a semana ou duas vindouras, vá a algum teatro — qualquer um em Chicago. Não me importa o dia ou a noite em que vai ou para onde vai. Da próxima vez que estiver aqui, terei prova para si de que sei onde esteve e o que viu e ouviu.»

Esta senhora aceitou alegremente o teste, mas permita-me dizer que não convidamos testes. Temos demasiado a fazer ajudando aqueles que estão de coração partido para nos preocuparmos com os cétricos. Esta senhora não era uma cética no sentido comum da palavra. Havia sinceridade nela — bondade em cada palavra e ato seu.

Cerca de duas semanas depois, esta senhora marcou outra consulta e veio para uma sessão.

Durante o progresso da sessão, Flor de Neve entrou e começou a cantar «A Minha Rosa Selvagem Irlandesa».

«Agora», disse ela, quando terminou, «não me diga que não ouviu isso no Olympic!»

«Foi exatamente para lá que fui», admitiu esta senhora. «Fui ouvir Chauncey Olcott!»

Mas além da sua doçura e da sua capacidade vocal maravilhosa, Flor de Neve é uma poetisa. Vamos publicar um volume dos seus poemas em breve, e para antecipar este evento real, reproduzirei um aqui, para que sintam que conhece melhor a minha pequena guia.

QUANDO DEUS CHAMA

Ontem à noite, naquele berço pequenino, o Bebê partiu —
Mas porquê?
Ama Deus corações doridos e lares despojados?
Contra o Seu dar, mas para cada alma faminta que pede,
Para o caminho de hoje: Ele sabe! Ele mostra!
Talvez aquela mãe tenha vindo à terra para sentir
Esta dor,
E através da criação dessa angústia real,
Para ganhar
Alguma inspiração mais nobre que um dia
Lá em cima,
A ajudaria a guiar alguém, de alguma forma doce,
Com amor!
Qualquer que tenha sido a razão, foi o melhor.
Para sempre.
Pois quando Deus chama o Bebê, Ele abençoa
O caminho!

Há anos, quando era necessário estar sozinha no meu apartamento a maior parte do tempo, tinha o meu telefone na sala de sessões. Durante o dia, diferentes pessoas ligavam para marcar consultas. Durante a sessão, colocava o telefone no chão, e geralmente Flor de Neve pegava no auscultador e continuava a conversa. A sua voz era tão bem conhecida pelos meus clientes regulares pelo fio como na sala de sessões. Desta forma, a minha pequena guia não só ajudava na condução da sessão, como também era a minha secretária particular!

Pode interessá-lo saber que, nestas condições (isto é, onde um telefone pode ser localizado numa sala de sessões e dentro do círculo das forças), a voz de um espírito pelo fio é exatamente tão clara como a voz de uma pessoa terrena — e esta condição seria a mesma para uma chamada de longa distância como para uma mesmo na cidade.

Há vários anos, o telefone no Centro não está localizado na sala de sessões, e portanto Flor de Neve foi privada de uma das suas ocupações regulares.

Para ilustrar quão rapidamente as forças podem ser construídas, lembro-me de uma circunstância datada de apenas alguns anos atrás. Éramos muitos na sala de jantar no Centro Stead, desfrutando do nosso bolo e café. Havia uma pequena reunião dos membros regulares nessa noite, e entre sessões, tínhamos a nossa própria pequena diversão. Alguém, por brincadeira, estendeu a mão e tocou no botão que controla as luzes elétricas. Imediatamente, o

quarto mergulhou na escuridão — e sem um momento de hesitação, Flor de Neve falou bem ao meu lado e saudou os convidados!

Mesmo eu fiquei demasiado assustada para dizer algo. Tenho a certeza de que não passaram dois segundos desde o apagar da luz até ela falar — e no entanto, para falar de modo que todos a ouvissem, as forças tinham de ser construídas, e são controladas pelo meu químico. Cada médium tem um químico no espírito — mas nestes muitos anos do meu trabalho, nunca vi nem falei com o meu químico. Não conheço a sua identidade!

CAPÍTULO XII

A INTRODUÇÃO DE «ROSA COR-DE-ROSA»

Passaram-se dez anos desde que «Rosa Cor-de-Rosa» se anunciou. Como Cara Brilhante, Rosa Cor-de-Rosa é um controlo. Fala apenas através de mim — não através das trombetas ou de forma independente.

Mas tal como Cara Brilhante é hábil em trazer mensagens individuais, assim Rosa Cor-de-Rosa adora dirigir-se a muitos. A audiência nunca era demasiado grande para ela.

Há uma sinceridade, uma dignidade em Rosa Cor-de-Rosa que é maravilhosamente impressionante. A sua voz é inteiramente diferente da de Cara Brilhante. Rosa Cor-de-Rosa não está connosco para brincar. É séria, pensativa.

Para lhe dar uma melhor conceção da tendência do seu pensamento, citarei aqui uma oração que foi oferecida por Rosa Cor-de-Rosa precedendo uma das nossas Aulas Orientais em 1917:

«Ó Tu Bênção Infinita, Tu Luz e Tu Vida, Tu grande Doador de todos os dons, abençoa estes belos Professores para esta noite; fortalece os Teus entes queridos e os Teus mensageiros para dar a estes corações o alimento necessário para eles — o amor fraterno e a união necessários neste plano terreno.

«Pedimos a Tua força para a cura, para esta grande saúde que é tão necessária para a existência mortal; e sabemos que se estas crianças mortais encherem os seus corações com amor, esta oração será concedida — Ámen.»

Tal como há muitos tipos diferentes de pessoas neste mundo terrestre — cada um com uma missão — assim encontramos tantos tipos diferentes no espírito, cada um com um talento.

Na vida terrena, Rosa Cor-de-Rosa era uma rapariga de Nova Inglaterra, criada numa família de educação e refinamento. Os seus gostos naturais estão com ela agora, os mesmos que eram então.

«Rosa Cor-de-Rosa», como «Flor de Neve», é um nome espiritual — um nome assumido para fins de identificação. Fazem isso muito no espírito. Muitos dos nomes que selecionam são belamente simbólicos. E estes nomes espirituais também ajudam estes queridos guias a aproximarem-se de muitos mortais mais do que suspeitamos.

Não me lembro de alguma vez ter ouvido Rosa Cor-de-Rosa dizer o seu nome terreno. Para mim, é totalmente irrelevante. A sua personalidade é igualmente doce, e a sua missão é precisamente tão bela como se a tivéssemos conhecido na carne.

Muitas vezes, Rosa Cor-de-Rosa entra enquanto Cara Brilhante me tem. Aqueles presentes na sala de sessões dizem-me que a mudança é feita instantaneamente. Cara Brilhante sai e Rosa Cor-de-Rosa entra — tudo na mesma respiração. Não é necessário chamar-me de volta antes de a mudança ocorrer.

E enquanto estou neste assunto de controls, relatarei os meus sentimentos ao «voltar» para a carne.

Há vezes, após ter voltado, em que sei que estive num lugar muito belo. Estive a descansar. O meu espírito está quase tão livre como estará quando a mudança da morte me reclamar. Mas há esta diferença: A ligação entre o meu espírito e o meu corpo terreno permanece inquebrada. Esta ligação é referida pelos nossos entes queridos do outro lado como um fio — e quanto mais longe vamos do corpo terreno, mais delgado este fio se torna. Uma vez quebrado, não há remendo.

Às vezes, ao voltar ao meu corpo, a sensação é de voar rapidamente através do espaço e entrar de cima — descendo através do telhado do edifício, diretamente para o meu corpo.

Outras vezes, volto lentamente — com dificuldade. Há vezes em que devo ser ajudada a voltar, por alguém a bater nas minhas mãos e braços e a chamar-me, e houve muitos períodos em que estive sob controlo durante horas.

Menos de dois anos antes de escrever este volume, foi necessário submeter-me a uma operação importante. Fui levada para um dos hospitais, e quando chegou a manhã, fui removida para a sala de operações.

Havia as enfermeiras habituais, e o cirurgião e os internos, e o éter usual.

Quando tudo estava pronto e começaram a administrar-me o éter, Cara Brilhante entrou e controlou-me, e manteve-me durante a operação, tomando o efeito total do anestésico. Senti cada dor que eu teria sentido — mas como uma troiana, ficou fielmente comigo.

Quatro dias após a operação, estava na minha sala de sessões! Durante o período desta operação, que começou cerca das dez e meia da manhã, vários dos meus amigos estavam no Centro Stead na sala de sessões, para que os médicos espirituais pudessem extrair melhor deles para as Forças de Cura do Espírito.

No momento em que a operação começou, ouviram uma batida alta na bacia, na qual as trombetas são mergulhadas, e à medida que a operação se aproximava do fim, uma das senhoras presentes foi controlada pelo seu guia índio, que relatou que estava terminada e fora um sucesso.

Saindo da sala de sessões, um do grupo ligou para o hospital, para saber que eu estava exatamente a ser trazida para baixo para o meu quarto. Assim, aqueles membros que contribuíam alegremente alguma da sua força para mim estavam em posição de saber precisamente que progresso estava a ser feito no hospital!

Em diferentes ocasiões, a admissão súbita de luz na sala de sessões esteve perto de resultar seriamente.

A primeira destas ocorrências foi antes de o Centro ser construído. Eu estava então num apartamento, e o edifício estava melhor equipado para gás do que para eletricidade. A grande sessão acabara de terminar, mas Flor de Neve não dissera o seu familiar «Boa-noite». Um senhor, excessivamente desejoso de ajudar, riscou um fósforo para acender o gás. As forças ainda estavam ligadas, e o resultado foi que essas forças, como um choque elétrico violento, voltaram sobre mim.

Cara Brilhante manteve-me durante um período de quase vinte e quatro horas. Durante todo esse tempo, os médicos no espírito trabalharam em mim, mas requeriam a presença de um controlo para me proteger de resultados desastrosos. E qualquer dor que teria sido minha, Cara Brilhante tomou para si.

Outra instância a que me refiro foi quando um automóvel, ao virar uma curva na rua, projetou os seus raios diretamente através de uma porta que, negligentemente, fora deixada aberta. A porta da sala de sessões estava aberta para proporcionar espaço para várias pessoas no corredor e para assegurar melhor ventilação. Mais uma vez caí, e mais uma vez o meu espírito foi permitido permanecer no astral, enquanto Cara Brilhante mantinha o meu corpo e sofria a dor.

O controlo sente exatamente o que o mortal sentiria. Se eu tiver uma constipação quando sou controlada, o controlo sente a constipação. Se eu estiver com dor, ela sente a dor.

Em bom tempo e mau, em dias bons e maus, o meu grupo de guias amorosos e fiéis está sempre comigo — vendo-me através das minhas provas e recusando desertar-me ou negligenciar-me mesmo por um

momento. São vigilantes no portão. Eu sou o seu instrumento. O seu amor, a sua ternura, a sua atenção superaram de longe quaisquer qualidades semelhantes entre amigos terrenos, que realmente não encontro base para comparação!

CAPÍTULO XIII

«O PEQUENO PROFETA» VEM ATÉ MIM

Foi cerca de dois anos após a entrada do Sr. Wm. T. Stead no espírito que «O Pequeno Profeta» veio até mim, como controlo.

Ela é indiana oriental — hindu, presumo. E até ao ano passado, falava apenas na sua língua nativa. Mas mais recentemente, o Pequeno Profeta tem mostrado uma inclinação para falar algumas palavras em inglês.

Este pequeno controlo possui o dom da profecia, e quando fala, prediz com precisão.

Qualquer pessoa que compreenda hindustani poderia compreender este controlo. Mas sem ninguém perto de nós que compreenda, devemos depender das traduções dadas pelos guias.

A questão por vezes é colocada se é possível um controlo, conhecendo uma língua, falar através de uma médium que não conhece essa língua. Não só é possível, como é feito frequentemente. As minhas próprias cordas vocais nunca foram treinadas para o hindustani, e talvez não se prestassem a essa língua quase tão bem como as cordas vocais de uma médium que fosse hindu. Mas embora esse facto possa de alguma forma retardar a clareza da enunciação, em nada proíbe a fala de uma língua diferente através de mim.

Muitas vezes, o Pequeno Profeta entrega mensagens através dos outros entes queridos. Há uma língua universal no espírito. Compreendem-se sem respeito à variedade de línguas. Sabem — intuitivamente, talvez.

As qualidades da voz do Pequeno Profeta são muito diferentes das vozes dos outros controladores. Há uma solenidade profunda que se pode sentir. Embora eu não pudesse ouvir este pequeno controlo a falar através de mim, posso ouvi-la clarividentemente.

Há tanta diferença entre as naturezas daqueles no espírito como encontramos entre aqueles na carne. Alguns são leves e alegres e cheios de brincadeiras. Mas o Pequeno Profeta leva a vida a sério. O seu talento é olhar para o futuro, e olha para ele infalivelmente.

Cada um dos queridos guias e controladores tem o seu próprio trabalho a fazer. Esse trabalho é a sua missão, mas alguns deles têm deveres adicionais a desempenhar no espírito. Tal como estão a fazer trabalho missionário aqui,

assim o fazem lá. Ajudam a ensinar espíritos em planos inferiores, espíritos que precisam de orientação e ajuda; e estão a ajudar a alcançar espíritos na carne, que também precisam de orientação e ajuda.

Sempre que sinto o Pequeno Profeta à minha volta (e sinto a influência de cada querido guia ou controlo rapidamente), sei que há algo de importante a acontecer. Isso pode não me concernir. Pode relacionar-se inteiramente com algum membro de um círculo.

Embora já tenha feito a declaração antes, repito que um controlo pode falar através de uma médium em qualquer lugar na rua, da mesma forma que na sala de sessões. Há uma diferença decidida entre o trabalho de um controlo e a construção das forças necessárias para voz ou manifestações semelhantes, tais como materializações e eterizações, ou outras manifestações físicas.

Cara Brilhante controla-me por vezes fora da sala de sessões, mas o Pequeno Profeta não. Prefere a sessão, e manifesta-se quando é necessária — quando as suas missões exigem a sua presença, para entregar alguma mensagem, quer de aviso quer de esperança. Como todos os entes queridos no espírito, prefere muito mais trazer uma mensagem de esperança.

CAPÍTULO XIV

«QUERIDINHA», UM «CONTROLO LATERAL»

Os controladores a que me referi, Cara Brilhante, Rosa Cor-de-Rosa e o Pequeno Profeta, são controladores completos. Quando eles estão dentro, eu estou fora — fora do meu corpo. Têm controlo completo do meu ser físico e retêm esse controlo enquanto falam, ou enquanto quiserem, aliás.

«Queridinha» é bastante diferente. É a pequena guia de uma senhora que vive comigo, mas essa senhora não é uma médium e, portanto, não oferece a esta pequena donzela indianas oportunidades para se manifestar, e ela tem muita vivacidade e propósito para se manifestar.

O seu nome é «Estrela Brilhante», mas prefere o nome de «Queridinha», que é a sua forma de dizer «Queridinha».

«Queridinha» vem a qualquer hora — e faz na maior parte o que lhe apetece. Mas enquanto me tem, estou ciente do que está a ocorrer. Sei, sem ser capaz de me ajudar. «Queridinha» antipatiza com algo que possuo e procede a pô-lo em condição onde não a incomode. Se for uma prega numa saia, arranca-a, e eu percebo o que está a fazer.

Pode dizer: «Porque permite que um pequeno espírito venha e tome conta de coisas que são suas?» Mas alguém que ama o mundo espiritual da

forma como eu amo vê apenas a malícia. Repreender «Queridinha» é um desperdício total de fôlego. Ela faz a sua vontade, e a sua vontade invariavelmente é divertida.

A infância é tão real no espírito como é na carne. Onde quer que exista, é o mesmo tipo de infância que conhece. Devem crescer do outro lado, e embora se desenvolvam mais rapidamente do que na carne, é um caso de crescimento.

«Queridinha» tem um sentido de humor que não conhece limites. Vê coisas engraçadas em qualquer lugar onde estejamos. Deseja partilhar as suas risadas comigo, mas o seu riso é o de uma criança — não o riso de uma mulher. Controla-me na rua, num restaurante ou numa loja, e diz o que pensa. Os seus pensamentos são muito pronunciados em alguns assuntos.

«Queridinha» consegue desfrutar de parte de cada taça de gelado que como e adora ir tomar banho comigo, particularmente na água salgada. Vê espetáculos através dos meus olhos e faz parte do riso para mim se houver comédia nas falas. Às vezes deseja ver alguma da paisagem através dos meus olhos — não que não consiga ver bem o suficiente por si mesma, mas gosta de obter o ponto de vista humano. E vê muitas coisas que os meus olhos não detetariam.

Faz uso das trombetas também. Fala através da trombeta num minuto e no minuto seguinte está a falar através de mim. Desfruta desta versatilidade de talento. É talento falar como controlo. É o mesmo que aprender qualquer outra coisa. Há regras a seguir e há destreza a que prestar atenção.

Há médiuns que dão mensagens apenas através de controladores. Às vezes estes são controladores regulares, mas alguns médiuns são controlados por vários espíritos, e quando a mensagem vem, há uma grande semelhança entre as vozes dos entes queridos do outro lado e as vozes que tinham quando estavam na carne. Não há a mesma semelhança infalível que há na voz direta, e especialmente na voz independente, porque o ente querido deve usar os órgãos vocais da médium.

CAPÍTULO XV

MENSAGENS ATRAVÉS DE ESCRITA AUTOMÁTICA

Embora não pratique escrita automática, recebo-a sempre que desejo. Veio quando as Vozes vieram pela primeira vez e veio de forma bastante natural.

Quando escrevo automaticamente, é tomado controlo completo do meu braço. É exatamente como se pertencesse a outra pessoa. Não o sinto. Posso vê-lo mover-se, mas é tudo. O que o lápis nos meus dedos vai escrever, não sei. Posso observar a escrita à medida que vem.

Ouvi pessoas dizerem que podiam dizer o que ia ser escrito antes de ser escrito. Encontrei tais escritos defeituosos. São tão prováveis de serem produto do cérebro dessa pessoa como de serem a escrita de um ente querido no espírito.

Mas há vezes em que recorro ao meu dom de escrita. Desejo enviar uma carta a um amigo. Esqueci o endereço desse amigo. Um dos meus queridos amigos no espírito agarra a minha mão, segura um lápis e escreve o endereço. Nunca soube de um endereço assim escrito que não fosse correto.

Se desejasse obter mensagens por escrito, poderia fazê-lo. Prefiro as vozes. Isso parece trazer os meus entes queridos mais perto de mim. As minhas escritas automáticas são precisas, mas não são do meu agrado. Não estão em consonância com o tipo de mediunidade que desenvolvi. Olho para elas mais como um passatempo, um relaxamento.

Raramente prestei atenção à tábua ouija. Sei que há um tipo de mediunidade que se manifesta através da ouija. Mas não posso dizer que gosto dela. Nada mais é suscetível de cometer erros. Porque deveria qualquer pessoa ser capaz de se sentar e obter escritas automáticas ou mensagens de tábua ouija, quando a mediunidade se desdobra gradualmente?

Até agora, mostrei-lhe que comecei a ouvir Vozes quando tinha quatro anos. Produzi Vozes que os outros podiam ouvir quando tinha seis anos. Aos sete, fui controlada. Mas passaram mais de oito anos após esse tempo quando dei a minha primeira consulta.

Como será razoavelmente possível para uma pessoa que nunca se desenvolveu, que não estava familiarizada com mensagens dos nossos entes queridos no espírito, desenvolver a mediunidade subitamente — em poucos momentos? A música é aprendida dessa forma? Algo que valha a pena é aprendido assim tão rapidamente? Não conheço nada que seja.

Ainda assim, há pessoas que desenvolvem ambos os tipos de mediunidade — as escritas e a ouija. Mas descobri que as mensagens vêm com facto — facto indiscutível. Porque é que a ouija e a mensagem escrita

automaticamente média vêm apenas com generalidades, ou com declarações que nunca têm verificação?

Diria a qualquer pessoa que está a desenvolver estas fases de mediunidade para desenvolver com cuidado, para não tentar apressar as coisas, para nunca exagerar. Vá devagar. Nunca passe mais de trinta minutos por dia a tentar obter mensagens. Lembre-se de que nenhum crescimento pode ser forçado e de que a mediunidade é um crescimento, mesmo quando a médium «nasceu com o dom da mediunidade».

A comunicação dos nossos entes queridos no espírito é algo demasiado sagrado para tratar levemente. Leve-a a sério. Se vai desenvolver, não se torne todo impaciência. Nunca coloque a velocidade à frente do desdobramento real. Não funciona dessa forma.

CAPÍTULO XVI

O DOM DAS FLORES

Expliquei-lhe que, quando criança, podia ver belas flores a desabrochar no astral, exatamente onde as nossas flores haviam desabrochado, aparentemente do mesmo solo. E disse-lhe que, por vezes, quando colhia flores, pouco depois via essas mesmas flores a desabrochar novamente com uma frescura e fragrância novas.

Isso é olhar para o astral. É diferente de receber flores que desabrocharam no espírito e que são trazidas para as nossas vibrações materiais e mantidas aí, até que mais uma vez as suas pétalas caiam e se desfaçam, e sejam entregues novamente de volta ao espírito. Mas tudo o que era «mortal» ou material dessas flores permanecia. Alguns dos meus amigos têm belos espécimes que foram prensados entre as folhas de livros.

Relatarei vários incidentes que lhe darão uma melhor conceção de como estas flores vêm.

Lembro-me de uma noite de inverno, na nossa sala de sessões, quando as condições eram muito boas, todos os presentes receberam flores — rosas, ervilhas-de-cheiro, muitas espécies diferentes. Vieram quase como uma chuva. Todos disseram: «O que foi isso?» enquanto os ramos os atingiam. Alguns desses ramos foram deixados cair nos colos e alguns caíram sobre as cabeças. Foi uma chuva por toda a sala ao mesmo tempo.

Uma senhora que outrora vivera no Centro era extremamente apaixonada por flores. Adorava tê-las no seu quarto e na sala de sessões. Fornecera uma grande cesta quadrada que pendurava na sala de sessões e muitas vezes colocava flores recém-cortadas nessa cesta. Entrei na sala de sessões nessa

noite particular cerca de uma hora antes de a sessão começar, e lá estava a cesta cheia até à borda!

Chamei esta senhora e perguntei-lhe onde obtivera uma oferta tão maravilhosa de flores de todas as descrições.

Quando viu a cesta, explicou: «Palavra de honra! Não pus uma florzinha nessa cesta há dias!» E no entanto, sem a presença de ninguém nesse quarto, as flores haviam-se materializado.

Noutra ocasião, numa das sessões, recebemos algumas rosas muito belas. Eram invulgares — nunca vira nenhuma como elas antes, nem os outros, e havia vários amantes de flores que estavam familiarizados com muitas espécies diferentes de rosas.

No dia seguinte, levámo-las a floristas vizinhos, mas nenhum deles conseguiu nomear a espécie; nunca haviam visto rosas desse tipo. Levámo-las a diferentes floristas na cidade, mas a espécie permaneceu irreconhecida. Eram flores do lado espiritual, e se haviam desabrochado em algum momento no plano terreno, deve ter sido em alguma parte distante do nosso mundo.

Uma noite, um senhor trouxe uma planta em vaso — uma azaleia. Havia três belas flores.

Este homem tinha um amigo no espírito que fora florista — pelo amor ao trabalho. Essa era a sua recreação. Cultivava flores como passatempo e mantinha as mesas e secretárias dos seus amigos abundantemente fornecidas.

Durante a consulta deste senhor, uma rosa de haste longa American Beauty foi trazida para ele, e o seu amigo espiritual, o florista, disse: «Quando as luzes forem acesas, examine a sua planta.» Ele fê-lo e uma flor estava murcha — caída e a morrer!

O nosso Presidente, Sr. Jones, teve uma consulta logo a seguir a esta. A planta ainda estava na sala de sessões. O Sr. Jones examinou as flores e ficou interessado em ver a que havia caído — na qual, sem dúvida, as forças espirituais haviam extraído para materializar a rosa.

Durante a sua consulta, o Sr. Jones recebeu um ramo de violetas, e quando a sua consulta terminou, descobrimos que uma segunda das azaleias havia caído e se oferecera como sacrifício para permitir que as flores espirituais entrassem nas condições terrenas e permanecessem!

Poderia nomear inumeráveis incidentes semelhantes da vinda de flores espirituais. Mas estes factos desejo impressionar em si: A textura das flores trazidas do espírito é mais fina. São mais delicadas, mais belas do que as nossas flores terrenas. São feridas mais rapidamente pela atmosfera fria. Raramente duram tanto tempo, mas a sua fragrância é maravilhosamente doce.

Trazer flores assim é um tipo de mediunidade. Não sinto sensação quando é feito. Não sei que suplementos químicos são retirados do meu próprio corpo para o tornar possível. Sei que durante muitos anos, estas maravilhosas flores espirituais vieram frequentemente para a minha sala de sessões. Às vezes encontro belos ramos de flores raras na minha mesa de toucador — colocados aí enquanto dava uma consulta. Vêm sem serem chamados. Às vezes são prometidos de antemão, talvez dias ou semanas. Muitas vezes vêm sem anúncio.

Vi praticamente todas as classes de flores trazidas para a sala de sessões pelos nossos entes queridos do outro lado. Encontrei belas orquídeas no auge do inverno. Rosas tivemos em variedades intermináveis. Mas são sempre bem-vindas e sempre doces — e sabemos que quando terminarem de nos dar o seu perfume raro, crescerão mais uma vez no espírito. São coisas vivas, e tudo o que tem vida em qualquer forma vive sempre — significando sem fim.

CAPÍTULO XVII

TRÊS OUTROS GUIAS ÚTEIS MEUS

Gostaria de lhe contar sobre cada ente querido que conheço do outro lado da vida. Tenho a certeza de que o número excede em muito o número daqueles que conheço na carne.

Às vezes, acontece que aqueles que admirávamos neste mundo, ou que nos ajudaram ou que ajudámos, conforme o caso, atuam como os nossos guias quando entram na outra vida.

Isso provou-se no meu caso com o Juiz Hoaglund, um jurista muito esplêndido de Chicago, que eu conhecera na carne.

Durante os anos que passou no espírito, tem sido muito bondoso comigo — sempre útil e atencioso.

Não posso dizer que se sinta mais próximo daqueles guias amorosos que se conheceu no mundo terreno. Não sei se o laço da memória terrena tem um domínio mais forte sobre nós. Não diria isso, mas sinto que é uma coisa boa perceber que alguns daqueles que conhecemos — que, a nossa memória nos diz, sentiram as mesmas dificuldades e preocupações que foram nossas — estão connosco, na sua vigilância amorosa, do lado mais brilhante da vida.

«O Bispo» é também outro guia muito maravilhoso. É a sua voz que sempre lidera o canto de «A Oração do Senhor» na abertura de cada sessão e Aula de Cura, e o Doxologia perto do seu fim. É raro que o Bispo fale a alguém. Fala comigo por vezes, mas com os outros raramente.

A maioria daqueles que vêm até mim há anos sente-se muito familiarizada com o Bispo. Faz sempre parte das nossas reuniões com o seu canto profundo e rico. Vejo-o tão claramente como vejo os mortais à minha volta.

Acredito que compreende que não estou a escrever este livro sobre o Sr. Stead. Contamos sobre a sua parte do nosso trabalho em «O Mundo de Deus». Mas o Sr. Stead tem tal riqueza de bondade que conhecê-lo é amá-lo. Tem sempre uma palavra reconfortante para aqueles que estão de coração pesado — está sempre a tentar animar aqueles que estão abatidos. O seu interesse no mundo terreno e nas suas pessoas nunca o deixou durante estes anos no espírito, nem nunca o deixará. Tenho a certeza de que sente as crianças terrenas mais próximas dele mesmo do que estavam quando ele estava na carne.

Anos antes de os médicos virem, o meu guia, «Águia Branca», era o meu principal curador. A sua força maravilhosa trouxe alívio da dor a muitos sofredores. Mas os trabalhadores do outro lado são tão numerosos que muitos deles não nos falam na sala de sessões com muita frequência. Realmente não têm oportunidade. Veem tantos entes queridos ansiosos por alcançar os seus queridos deste lado que se afastam e dão aos recém-chegados a oportunidade que procuram.

Na sala de sessões no Centro Stead, há uma pintura pendurada na parede. Esta pintura é obra do Sr. Phil Sawyer, um artista de jornais bem conhecido. O Sr. Sawyer vinha aqui há muito tempo e sentia-se grandemente atraído por Águia Branca.

«Gostaria de o ver algum dia», disse o Sr. Sawyer a Águia Branca uma noite, e o meu guia índio respondeu: «Eu mostrar-me a ti — em breve!»

Cumpriu a promessa.

Cedo uma manhã, o Sr. Sawyer foi acordado e de pé ao fundo da sua cama, com as mãos erguidas como em súplica, estava Águia Branca. Tão profundamente esta visão se imprimiu na mente do Sr. Sawyer que se lembrou de cada detalhe e a imagem de Águia Branca na sala de sessões é o Águia Branca que eu conheço!

CAPÍTULO XVIII

A MINHA PRIMEIRA «SESSÃO À MESA»

Sabe o que quero dizer com uma «sessão à mesa»? Não me refiro a «inclinações de mesa» ou batidas. Este tipo de manifestação que lhe descreverei é inteiramente diferente.

Um senhor veio com marcação um dia há alguns anos. Era o que eu chamaria um «investigador itinerante». Acredito que conhecia todos os médiuns na terra. Era um homem falador, mas trazia condições muito boas. Os seus amigos espirituais saudaram-no maravilhosamente. Ficou grandemente satisfeito com os resultados, mas após a consulta ter terminado e estarmos fora da sala de sessões, demorou-se a contar sobre algumas das suas experiências.

Uma amiga minha estava a visitar-me na altura e este senhor perguntou-me se alguma vez tentara sessões à mesa. Pensei que se referia a inclinações e batidas, mas disse que as manifestações a que se referia eram totalmente diferentes.

Nós os três entrámos na sala de sessões e, sob as suas indicações, coloquei uma pequena mesa de costura no centro do quarto e sobre esta mesa coloquei uma trombeta. Depois encontrámos posições adequadas para manter as nossas mãos a tocar, formando assim um círculo. Talvez circuito seja uma palavra melhor. Com as luzes apagadas, as nossas posições poderiam ser descritas desta forma: sentei-me a um lado da mesa, a minha amiga do lado oposto a mim e este senhor a uma extremidade da mesa. As nossas mãos estavam planas sobre a mesa, com as palmas para baixo. A minha mão esquerda repousava sobre a direita dele. A mão esquerda dele repousava sobre a direita da minha amiga. A minha mão direita repousava sobre a esquerda dela. Mas as nossas próprias mãos não se tocavam umas às outras.

Isto é, a minha mão direita não tocava a minha mão esquerda.

Acredito que as manifestações começaram imediatamente. Senti mãos na minha cabeça e no meu rosto. Algumas eram mãos pequenas de bebé, outras mãos maiores e algumas mãos muito grandes. Havia muitas mãos, que me davam palmadinhas nas faces, e os dedos passavam pelo meu cabelo, e mãos eram colocadas nas minhas costas e ombros. O trompete ergueu-se da mesa e passou por cima das nossas cabeças. Pés descalços de bebé andavam sobre as nossas mãos.

Esta foi a minha primeira experiência com uma sessão à mesa. Estávamos a produzir materializações muito pronunciadas; não do tipo que se manifestam à luz, mas materializações que eram tão substanciais como carne!

Apesar de ser um médium, estes fenômenos assustaram-me. Tinha sentido mãos tocarem-me desde que era criança. Mas agora havia muitas mãos – mãos de todos os tipos e tamanhos, mãos tão musculadas como as do homem mais forte na carne.

Senti-me mais à vontade quando a sessão terminou. Mas tinha aprendido algo novo sobre as forças mediúnicas. Tinha encontrado um meio de estabelecer condições que me eram estranhas. Depois de este senhor ter partido, o meu amigo e eu regressámos à sala de sessões para tentar novamente, e os resultados foram exatamente os mesmos!

Sem compreender exatamente porquê, presumo que há algo nas “forças” muito semelhante a uma bateria. É uma bateria humana, auxiliada por poderes espirituais. E uma bateria humana seria diferente, suponho, de uma bateria elétrica comum. Em qualquer círculo, formamos uma bateria. Numa sessão à mesa, formamos uma bateria altamente carregada, e as forças tornam-se muito mais fortes. Pode perguntar: “Por que razão esses entes queridos no espírito dão manifestações deste tipo?”

Poderia responder fazendo-lhe uma pergunta: “Por que razão as crianças não podem começar logo a ler? Por que razão devem aprender o alfabeto e as formas das palavras?”

Os nossos entes queridos no espírito estão sempre a tentar trazer-nos todas as demonstrações concebíveis de que a vida continua para além da mudança chamada morte. Desejam que compreendamos que a deles é uma vida natural, tão natural como a fase da vida pela qual estamos a passar. Desejam que compreendamos que os seus corpos são como os nossos – têm o mesmo sentimento de carne e sangue, o mesmo calor e humidade. Desejam que saibamos que têm músculos – têm o que chamamos força física.

Descobri, durante os meus anos de mediunidade, que quando esses entes queridos no espírito utilizam forças mediúnicas para um tipo de manifestação, raramente parece haver forças suficientes restantes para manifestações adicionais ao mesmo tempo. Se as forças forem usadas para alterar as vibrações dos corpos espirituais para os termos da nossa vibração material, não há força suficiente restante para usar na fala.

Quando a sessão é uma sessão de voz direta, enquanto os entes queridos do outro lado se materializam – pelo menos até certo ponto – é difícil para eles falar e também se mostrar ao mesmo tempo. Quando se mostram, não há forças suficientes restantes para conversa. Se houver tanto conversa como materialização, uma ou outra manifestação geralmente sofre, ou ambas as manifestações ocorrem apenas durante um curto período.

Mais uma vez, as condições da sessão têm muito a ver com isso. Posso não me sentir bem. Posso estar exausto ou doente devido aos esforços

prolongados de muitas sessões. Então as forças são mais fracas. Ou a condição da atmosfera pode ser tal (como em tempestades ou tempo quente) que nós, no lado mortal, estamos deprimidos, sem o sabermos, talvez. Então as forças são mais fracas. A bateria está em curto-circuito.

CAPÍTULO XIX

VOZES ESPIRITUAIS À LUZ

Dois anos depois de ter começado o meu trabalho público como médium, comecei a receber as vozes à luz, desde que as condições fossem adequadas; isto é, desde que aqueles para quem eu obtinha as vozes desta maneira estivessem na condição adequada de harmonia.

Ouvi falar de palestras e sermões proferidos por desinformados, baseados em ataques a sessões no escuro. Disseram-me que palestrantes afirmaram: “Por que razão o Espiritualismo recusa vir à luz do dia? Que forças obscuras estão em ação quando é...”

Se compreendessem os factos, este ataque seria contra nós, e não contra os entes queridos no lado mais luminoso da vida, que estão SEMPRE À LUZ. Não há noite no seu mundo mais feliz – nenhum período de escuridão. Se os mortais pudessem trazer a condição adequada, NÃO HÁ MANIFESTAÇÃO RECEBIDA NO ESCURO QUE NÃO POSSA SER OBTIDA À LUZ.

Muitas vezes, sem o notar ou sentir que tal é o caso, as pessoas estão tensas, positivas, à luz. Se vier à minha sala de sessões, traz consigo os seus entes queridos. O químico espiritual que preside às minhas sessões extrai certas forças de mim e certas outras forças de si. Os seus amigos dependem das suas forças tanto como das minhas.

Se quisesse uma chávena de café, precisaria dos grãos de café tanto como da água, e do calor tanto como de qualquer um deles. Não poderia dizer que um é mais importante do que o outro. Deixe de fora a água, ou os grãos de café, ou o calor, e não teria café. Dependeria de TODOS OS ELEMENTOS NECESSÁRIOS.

Assim deve ser na comunicação com os nossos entes queridos espirituais. Eles estão sempre a fazer o seu melhor. Mas devem formar algum tipo de ligação connosco, com o nosso estado material de ser, para nos impressionar com a sua presença. Isso é necessário. Se estivermos “à luz” – significando tensos e positivos –, então o espírito...

...misturado com as forças do médium e com forças suplementares fornecidas do lado espiritual. Não haveria circuito estabelecido – nenhuma ponte construída para criar este terreno de encontro na Fronteira, onde as

condições materiais e espirituais se fundem. Quando as condições são adequadas, as manifestações podem vir à luz tão facilmente como no escuro.

Ao obter as vozes à luz, digo ao amigo que vai receber as comunicações para segurar a extremidade pequena do trompete ao ouvido e a outra extremidade esticada para fora, de modo que fique numa posição horizontal. Então as vozes vêm – vozes claras que podem ser ouvidas por qualquer um presente.

Uma noite, à luz, na nossa sala de assembleia no Centro Wm. T. Stead, o nosso presidente, o Sr. Jones, sentou-se junto à lareira na extremidade oeste da sala. Eu estava na extremidade leste, a uma distância de talvez trinta e cinco pés. Perto de mim estavam quatro ou cinco outras pessoas. As luzes da rua iluminavam a sala, e todas as pessoas e objetos eram claramente visíveis.

O Sr. Jones segurou a extremidade pequena do trompete ao ouvido e a extremidade grande em direção à parede oeste.

Um após o outro dos seus entes queridos vieram, e tão altas e claras eram as suas vozes que todos podíamos distinguir cada palavra que era dita.

Então outros tentaram, e os resultados foram exatamente os mesmos. Podíamos detetar a nova voz quase assim que ela falava – podíamos dizer qual delas estava a falar.

Muitas vezes, obtive as vozes para pessoas sob a forte luz do sol. Levei um trompete em viagens de automóvel, e sentávamo-nos debaixo das árvores, ou no carro quando parava, e recebíamos as nossas mensagens tão claramente como se estivéssemos na sala de sessões escurecida. Mas as vozes vêm desta forma, geralmente, apenas depois de uma pessoa se ter tornado perfeitamente familiarizada com as manifestações e se sentir tão à vontade a conversar com os seus entes queridos do outro lado como estaria se estivesse a falar com um amigo na carne. Toda a artificialidade desapareceu. Não há nada forçado. Não há sentido de mistério. Então as condições são boas. É fácil para o químico espiritual extrair e unir as forças da outra pessoa e as minhas.

Sou muitas vezes controlada no elétrico ou num restaurante. Na mediunidade de controlo, as forças não precisam de ser construídas. Os entes queridos espirituais entram no meu corpo, usam os meus órgãos físicos, falam através de mim. Isto já expliquei antes.

Mas permita-me repetir que, quando me refiro às “Vozes”, quero dizer vozes a falar tão independentemente como falaria; NÃO através de mim, mas a alguma distância de mim – as vozes de INDIVÍDUOS vivos e respirantes, que diferem de nós apenas no facto de viverem no espírito. E o mundo espiritual é mais belo do que o nosso, e diria MAIS SÓLIDO E MAIS REAL. Nós estamos

no lado etéreo – e qualquer um que se lembre de viagens astrais reconhece que esta é uma afirmação verdadeira.

CAPÍTULO XX

A APARIÇÃO DOS MÉDICOS

Embora toda a mediunidade não seja necessariamente mediunidade de cura, a maioria dos médiuns tem o poder de fornecer forças de cura até certo ponto. Todos os curadores, quer o reconheçam ou o neguem, são – num sentido – médiuns. A sua mediunidade não lhes permite, talvez, produzir as manifestações que geralmente associamos ao Espiritualismo, mas fornecem forças que são usadas pelos médicos no espírito para o tratamento de mortais doentes.

No início do meu trabalho como médium, os médicos do espírito vieram, e com o passar do tempo, e médicos no plano terrestre que eu conhecia passaram para o espírito, o grupo de curadores cresceu em proporções e em força, e à cura comum foi adicionada muita especialização.

É muito natural que um médico deste mundo deseje continuar o seu trabalho quando entra no espírito. Não há doença no espírito, mas há muitos casos trazidos à nossa atenção de pessoas recém-libertadas da carne, que não conheceram nenhuma das verdades da imortalidade e que se recusam a acreditar que passaram para o outro lado. Elas persistem em apegar-se às condições da sua última doença mortal – e precisam da atenção de médicos no espírito tanto como os mortais sofredores precisam dessa atenção. A doença não está presente de todo – e se soubéssemos mais da Lei de Deus, descobriríamos que a nossa própria doença mortal, real como parece, é ainda uma “condição”.

Quebramos a Lei de Deus de alguma forma – através da ignorância, na maioria das vezes. Mas a nossa ignorância não nos desculpa. Se o fizesse, como aprenderíamos alguma vez, aqui ou no espírito? Podemos orar e ser piedosos e muito bons, mas se quebrarmos a lei de Deus, sofremos, porque estamos fora de harmonia com essa lei. Quando voltamos a entrar em harmonia com ela, deixamos de sofrer, fisicamente ou mentalmente, ou de qualquer outra forma.

Os primeiros médicos no espírito que vieram até mim e começaram a praticar através das forças da minha sala de sessões foram os Drs. Fenger, Rush e Henrotin. Não poderia começar a enumerar os médicos que vieram desde então. Alguns deles, como o Dr. Stubbs e o Dr. Senn, eram especialistas bem conhecidos de Chicago. Outros eram desconhecidos para mim. E muitos que vieram à minha sala de sessões também trouxeram os seus médicos espirituais – e muitas vezes sem o saberem.

O Dr. Rush foi o primeiro a sugerir a nossa Classe de Cura. Ele disse: “Há tantos pobres mortais sofredores, nós, médicos no espírito, amamos ajudá-los tanto como fazíamos quando estávamos na carne. Sabemos que quanto maior o número interessado nesta força de cura, melhores os resultados. Gostaríamos de ter uma Classe de Cura que se reúna regularmente às sextas-feiras à noite, e através dessas forças, que continuamente ganharão em força e volume, podemos alcançar não só aqueles na classe e os seus amigos, mas muitos estranhos cuja localização e identidade não conhecem de todo.”

É o que eu poderia chamar de pateticamente divertido testemunhar como muitos mortais se apegam à ideia de uma doença. Uma senhora insiste que tem algum crescimento intestinal terrível; outra tem apendicite; outra um fígado aumentado; outra um coração mau e com fugas, e assim por diante. Refiro-me àqueles com males imaginários. E tantas vezes, mesmo quando os nossos amados médicos do outro lado insistem que essas condições não existem, esses pobres mortais apegam-se ao erro de que têm razão. Parecem acariciar e amar as suas maleitas.

Outros insistem que têm um problema que não existe, mas os médicos no espírito descobrem outro problema do qual o sofredor não tem conhecimento.

Os nossos amados médicos do lado espiritual tratam-nos sem respeito à doença. Testemunhei curas que poderiam bem ser chamadas milagres. Mas noutras ocasiões, descobri os seus esforços pacientes infrutíferos, porque Deus tinha chamado o sofredor para casa, e quando Deus chama, isso é o melhor. Não há força de cura que possa contrariar a vontade de Deus – e embora oremos pela prolongação da vida de um ente querido neste mundo, devemos fazê-lo sempre com a compreensão de que “Seja feita a Vontade de Deus!”

O ente querido cujos olhos mortais se fecham no último sono terrestre foi para um mundo mais luminoso e melhor. Em breve, percorreremos o mesmo caminho. Apegamo-nos à carne por causa da sua realidade para nós. Oramos para que um ente querido permaneça connosco, quando o doce julgamento e vontade de Deus decidiram que chegou a hora de esse ente querido regressar a casa!

Mas até ao fim, mesmo quando é evidente que a Vontade de Deus deve ser feita, os médicos do outro lado trabalham tão fielmente e arduamente para ajudar o pobre sofredor como qualquer médico mortal poderia trabalhar. Se não puderem curar, pelo menos podem e aliviam o sofrimento de forma decidida. Estão a fazer tudo o que podem para suavizar o caminho e trazer alívio nos últimos momentos da vida terrestre.

Penso que a maioria dos membros da nossa Classe de Cura sabe quando alguém próximo de nós está a partir. Todos podemos SENTIR as condições na sala de sessões. Geralmente, nessas ocasiões, há muito canto

pelos entes queridos no espírito. Fazem isso para manter as nossas próprias condições o mais leves possível – e isso permite que os médicos no espírito retirem pesadamente das nossas forças. Estamos A DAR – estamos A DERRAMAR as forças certas no cadinho da química espiritual. E tantas vezes, na manhã seguinte, aprendemos que – talvez na hora do canto mais doce e mais animado da noite anterior – algum bom amigo estava a deixar a carne.

Às vezes, somos informados quando a mudança da morte vai ocorrer. Normalmente, não somos informados. Não temos já preocupações suficientes? O que ganharíamos ao saber que um ente querido neste mundo estava prestes a deixar a carne e juntar-se aos entes queridos no espírito?

Lembro-me, há não muitos meses, quando Alice Jennings veio uma noite falar com os seus pais. Alice, como Snowdrop, fala independentemente – tão alto e claramente como qualquer mortal falaria.

A Sra. Jennings disse: “Alice, o Sr. Blank estava muito mal quando saímos. Receio que não melhore.”

“Ora, mamã,” respondeu Alice, “o Sr. Blank está connosco agora. Veio há cerca de uma hora.”

Isto foi por volta das nove horas. A Sra. Jennings soube na manhã seguinte que o Sr. Blank tinha partido por volta das oito horas da noite anterior!

Mas noutras ocasiões, os nossos entes queridos no espírito não sabem imediatamente que um mortal partiu. Esse espírito recém-libertado pode apegar-se às suas cenas terrestres – pode não se ter mostrado nos reinos espirituais. Os seus próprios entes queridos no espírito estiveram com ele, tentando confortá-lo, e não tiveram tempo para enviar a notícia de que um recém-chegado tinha chegado do lado mortal.

A população do mundo espiritual é grande para além da contagem. A nossa própria população é muito escassa comparada com as hostes do espírito. Claramente, não é razoável que todos os que estão no espírito saibam precisamente o momento em que um ente querido se junta a eles do lado terrestre. Há tanto trabalho a fazer no espírito, os nossos entes queridos do outro lado nem sempre se demoram a aprender todas as notícias.

CAPÍTULO XXI

AS MINHAS MANIFESTAÇÕES DE ETEREALIZAÇÃO

A diferença entre uma materialização e uma eterealização é principalmente esta: Numa sessão de materialização, é costume ter uma luz fraca acesa. Esta é geralmente de cor rubi. As formas materializadas, parecendo exatamente como os entes queridos apareciam quando estavam na carne, saem do gabinete e cumprimentam os seus amigos. São “sólidas”, como diríamos ao referir-nos a pessoas terrestres.

Nas eterealizações, a sessão é realizada no escuro, mas o médium entra num gabinete precisamente como numa sessão de materialização. Nas eterealizações, os entes queridos do outro lado trazem as suas próprias luzes. Iluminam-se a si mesmos.

Sendo um médium de voz, uma sessão de eterealização é bastante severa para mim. Esforços especiais devem ser feitos pelo meu químico para extrair o tipo certo de forças. É raro que eu dê uma sessão deste tipo. Posso fazê-lo, mas fico enfraquecido durante dias.

Temos uma ideia tão limitada do que consistem “as forças”, que é difícil para nós compreender a variedade de manifestações que são produzidas pelos nossos entes queridos no espírito. OS NOSSOS ENTES QUERIDOS DO OUTRO LADO ALCANÇAM-NOS DE QUALQUER MANEIRA POSSÍVEL. Por isso, os tipos de manifestações são quase sem fim. Não poderia começar a nomeá-los, porque parece que novas formas de manifestações estão sempre a ser recebidas.

Durante uma eterealização, estou sob controlo. Perco todo o procedimento. Poderia bem não estar presente, no que diz respeito a participar no prazer de ver os entes queridos no espírito, mas presumo que os meus próprios entes queridos do outro lado pensam que estas manifestações são desnecessárias para mim, porque vejo os que estão no espírito precisamente como vejo os mortais. Parte do tempo, confundo um espírito com um mortal.

Quando a sessão de eterealização começa, os entes queridos saem do gabinete – às vezes apenas um, e outras vezes talvez três ou quatro ao mesmo tempo. Estão iluminados – aparentemente fosforescentes, poderíamos dizer. Usando as forças para estas manifestações, falam pouco. Geralmente, pegam nos seus entes queridos terrestres e, após preparação especial, às vezes permitem que os seus entes queridos na carne os toquem.

O seu toque é tão quente, tão natural, como o de qualquer mortal. Mas – se uma pessoa na sessão colocar as mãos subitamente na forma eterealizada, sem convite, o resultado provavelmente seria um desvanecimento dessa forma. A mão espiritual que foi agarrada pareceria derreter, e o mortal excessivamente ansioso estaria a segurar – nada!

Estas eterealizações são muito belas. Acredito que os artistas que se tornaram famosos pelas suas pinturas de anjos devem ter tido o privilégio de assistir a sessões desta natureza. Há algo tão requintadamente belo nestas formas queridas – algo tão celestial nas suas feições, nas suas vestes fluídas, na graça dos seus movimentos – ninguém precisaria de ser informado de que estava a olhar diretamente para os reinos onde não há doença e onde não há separação nem morte.

A minha força tem sido taxada por tanto tempo e tão severamente nas minhas sessões de voz, que é raro que eu reúna coragem suficiente para dar uma eterealização.

CAPÍTULO XXII

VISITANTES INESPERADOS NA SALA DE SESSÕES

Vou contar-lhe alguns incidentes que acredito serem interessantes. Foram para mim. O mesmo tipo de incidentes é sempre interessante para mim, porque vivo num mundo – ou Fronteira – onde recebo prova contínua da verdade de que a morte não acaba mais a vida do que o pôr do sol acaba toda a luz. Observamos o sol poente e vemos as longas sombras do crepúsculo aproximarem-se, e a escuridão chega, mas nesse momento, algures no Pacífico, os primeiros tons rosados da aurora estão a mostrar-se. A noite funde-se numa nova aurora – e a morte numa nova vida.

A pequena Esther Hoppe tinha vindo à sala de sessões com os seus pais durante três anos. Tinha feito a sua primeira visita quando tinha quatro anos de idade e sentia-se tão à vontade na sessão como na sua própria casa.

Quando tinha sete anos de idade, presumo que Deus desejou que ela viesse para casa – para a sua casa real e duradoura; talvez para preparar o caminho para os seus pais e o seu irmão e irmã, sempre que regressassem.

Sabia que a pequena Esther estava muito mal. Era uma menina terrivelmente doente, mas não sabia que ia ser chamada para os entes queridos no lado mais luminoso da vida. Partiu num domingo por volta das quatro da tarde – e menos de cinco horas depois, estava na sala de sessões, enviando uma mensagem consoladora ao seu papá e mamã!

Nem sempre me sinto livre para usar os nomes das pessoas. Algumas pessoas não gostam de ocupar uma posição na imprensa. Usar iniciais deve ser tão satisfatório para ilustrar alguns destes incidentes.

Durante vários anos, um jovem e a sua esposa vinham às minhas sessões. Por vezes, tinham discussões violentas, e o primeiro lugar que qualquer um procurava era a minha sala de sessões. Os entes queridos do outro lado falavam com qualquer um que viesse, aconselhavam e

recomendavam, e voltavam a uni-los com uma nova compreensão. Amavam-se um ao outro, mas nem sempre estavam inclinados a concordar em todos os assuntos, e cada pequena desacordo parecia-lhes uma terrível tragédia.

Alguns meses tinham passado, e não tinha visto nenhum deles. E nesta noite de domingo em particular, não tinha notado que o marido estava sentado no meu círculo. Mas não demorou muito após o início da sessão quando vi a esposa – Florence – no espírito. “Jesse Blank!” chamei, “está nesta sala?”

“Sim,” respondeu, “estou aqui.”

“Mas o que significa isto?” perguntei. “Vejo Florence mesmo aqui ao meu lado – no espírito!”

“Ela partiu há mais de uma semana,” explicou Jesse.

Uma Sra. H., amiga do Sr. Jones, partiu num meio-dia de segunda-feira. Tinha adoecido subitamente alguns dias antes, e o seu irmão tinha telefonado para o Centro na sexta-feira anterior. A sua irmã estava num hospital do South Side, sofrendo agonia. A partir do momento dessa chamada, a dor desta jovem mulher foi aliviada, e não houve retorno dela durante o resto da sua última doença.

Nove horas após ter passado para o espírito, veio ao Sr. Jones e relatou os detalhes da sua entrada na vida mais luminosa. Enviou uma mensagem ao seu irmão e pediu-lhe para ser especialmente vigilante com o seu pequeno menino, Jimmie.

Mas o interesse não acaba aqui. Ao falar com o irmão alguns dias depois, o Sr. Jones soube que o pequeno Jimmie era muito psíquico ele próprio. Tinha dito ao seu tio:

“A mamã não está morta, tio. Aquilo que puseram na terra não era ela. Era apenas algo em que ela vivia. Vi-a ontem à noite. Veio ter comigo enquanto eu estava na cama a chorar. Estava toda branca e bela. Primeiro, flutuou sobre a cama, e depois aproximou-se mais de mim, pôs a mão na minha cabeça e beijou-me. Não vou chorar mais. Não há razão, porque ela não está na terra. Está à minha volta o tempo todo, ajudando-me a estudar e a ser bom. Caramba, não vejo por que razão alguém devia chorar nos funerais!”

Gostaria que alguns adultos pudessem compreender a filosofia da vida da mesma forma que este pequeno rapaz a compreendia. Não me admiro que a Bíblia diga que uma criança pequena nos guiará!

“Clara” era uma mulher grande – cheia de diversão e muito boa companhia. Tinha vindo à nossa sala de sessões muitas vezes e frequentado a Classe de Cura várias vezes.

Clara decidiu que tinha um tumor. Os médicos espirituais informaram-na de que não tinha tal coisa. Mas ela insistiu que não seria feliz até estar na mesa de operações. Aconselharam contra isso, mas Clara era insistente. Se queria uma operação, teria a sua pequena festa exatamente como desejava.

Esperou até o marido estar fora da cidade. Preferia ter tudo terminado durante a ausência dele – tal como uma dona de casa gosta de surpreender o marido limpando a casa enquanto ele está fora.

A operação pareceu bem-sucedida, e Clara estava feliz no seu quarto no hospital. Era muito otimista. Mas uma viragem para pior veio subitamente, e Clara foi contada entre as hostes do “mundo invisível”. Foi um choque terrível para a sua mãe e tia. A morte geralmente é um choque. É assim com os adultos. Não conseguem assimilar a fé simples que o pequeno Jimmie demonstrou quando a sua mamã foi chamada para casa. Demasiada sabedoria terrestre pode tender a tornar alguém demasiado material.

Enquanto o seu corpo ainda jazia nas salas da agência funerária, a mãe e a tia vieram para uma sessão. Foi patético. Clara foi muito corajosa e fez o seu melhor para as consolar. Mas até ela desmoronou por vezes. Não suportava ver os seus entes queridos tão tristes. Se soubéssemos o quanto as nossas lágrimas inúteis magoam os nossos entes queridos que partiram para o outro lado, tenho a certeza de que seríamos um pouco mais corajosos e tentaríamos ter um pouco mais de fé na bondade de Deus.

Assisti aos seus serviços fúnebres. Foram belos. Ela pertencia a alguma ordem secreta e uma senhora pregou o sermão. Foi muito espiritual. Havia uma abundância de flores. Os enlutados estavam muito tristes – e o marido, que só tinha chegado à cidade naquela manhã, estava chocado de mais para chorar. Estava atordoado.

Mas durante todo o tempo, eu conseguia ver Clara. Ela punha os braços à volta da mãe e depois à volta do marido. Lutava para ser corajosa. Ansiava tanto que eles ouvissem a sua voz. Tentava repetidamente dizer-lhes que estava ali – que o corpo no caixão era apenas uma vestimenta que agora estava posta de lado! O canto foi muito belo. O coro cantou “A Bela Ilha de Algures”.

Clara veio ter comigo quando a canção terminou e disse: “É a canção que o Sr. Jones detesta tanto. Vou cantá-la para ele na próxima sessão. Ele disse uma vez, quando eu estava lá na carne, que quando era rapaz tinha sido sacristão da igreja e tinha sido obrigado a bombear o órgão de tubos em todos os funerais, e que todos tinham essa canção. Vou mesmo cantá-la para ele.”

E fê-lo – com os efeitos desejados!

Pergunto-me se consegue perceber o que significa para os nossos entes queridos que acabaram de regressar a casa ver todo o preto, todas as

lágrimas, todo o luto, quando eles, do lado espiritual, estão a tentar ao máximo dizer-nos que Deus, na Sua grande bondade, nunca permitiu e nunca permitirá que qualquer criatura viva morra!

CAPÍTULO XXIII

PRENUNCIANDO O GRANDE TRABALHO

Lembro-me de que, pouco depois de termos começado a vender “O Mundo de Deus”, uma senhora no Tennessee escreveu-nos uma carta muito interessante. Vou dar-lhe os factos principais que continha.

No final dos anos sessenta e início dos setenta do século XIX, esta senhora e a sua família tinham entre o seu pessoal doméstico um médium de voz. Todas as noites, realizavam sessões e, à medida que os meses passavam, alguns dos Mestres começaram a vir.

“Porquê, oh porquê”, perguntou esta senhora a um dos Mestres, numa noite de 1872, “não pode o mundo conhecer estas verdades?”

“Não se preocupe”, respondeu ele, “o mundo virá a conhecê-las. Verá que este assunto será levado diretamente à luz perante a humanidade. Verá o Espiritualismo colocado perante o mundo como merece.”

“Mas quando será isso?”, perguntou ela novamente.

“Em 1919 ou 1920”, foi a resposta dele.

“E”, disse esta senhora ao escrever-nos, “quando vi o vosso anúncio de página inteira no Cincinnati Enquirer, soube que os dias do grande trabalho tinham chegado!”

Chamamos-lhe “o grande trabalho”. Os nossos entes queridos no espírito referem-se a ele dessa forma. Dizem que é “o grande trabalho missionário” e, ao olhar para trás agora, consigo compreender o que muitas coisas significavam – coisas que não tinham um significado particular para mim na altura.

Há doze anos, os Drs. Fenger, Rush e Henrotin disseram-me que, com o tempo, eu teria de ter um lugar maior – um belo edifício, que o grande trabalho começaria um dia. Isso foi seis anos antes de organizarmos a nossa grande Classe de Cura. Dois anos depois, os Orientais apareceram.

O edifício que ocupamos no 533 Grant Place, em Chicago, é o resultado das minhas próprias lutas fortificadas pelas forças amorosas do espírito. O “grande edifício” ainda está para vir! Será construído pelos nossos inumeráveis amigos nesta Verdade quando chegar a hora.

Notei que estes Orientais, como se autodenominavam, usavam belas túnicas e turbantes. Eram espíritos de aparência erudita – verdadeiramente, Doutores da Verdade.

Mas foi vários anos depois que sugeriram a Classe Oriental. Quando essa classe começou, os Mestres (referindo-se aos Orientais) insistiram que tivéssemos um registo taquigráfico perfeito de tudo o que era dito nessas classes. Não via a importância disso na altura e eles não explicaram. Obedeci.

Foi com base nas transcrições dessas notas taquigráficas que “O Mundo de Deus” foi compilado e escrito pelo Sr. Lloyd Kenyon Jones cinco anos após a organização da Classe Oriental. Sem essas verdades cuidadosamente preservadas, não teríamos tido um grande livro!

O material estava a ser reunido antes da chegada do escritor – mas o próprio escritor estava a ser preparado não só na habilidade para escrever o livro, mas com o conhecimento de como vendê-lo e como construir a sua parte do “grande trabalho”.

Para mim, ao olhar para trás sobre estes anos – anos que foram muitas vezes cheios de dor e dificuldades, e com perseguições aparentemente incessantes –, consigo ver que um evento se encaixava no outro. Era como um belo mosaico. Por vezes, os eventos que se revelariam tão importantes pareciam não ter lugar em qualquer plano bem ordenado. Gradualmente, tornou-se claro que esses vários eventos eram necessários. Eram como fios de um tecelagem maravilhosa. Pouco a pouco, descobria-se que SE ENCAIXAVAM. Estavam a formar um padrão muito definido e muito belo.

Gostaria que todos os nossos amigos pudessem compreender a beleza e o propósito destas Lições Orientais. Gostaria que soubessem o que significa para os mortais ajudar as suas almas; fazer apenas um pouco pelas suas essências espirituais enquanto fazem tanto pelos seus corpos. Gostaria que todos os nossos amigos pudessem captar a ideia de que o que está a ser feito através destas Lições Orientais é preparar mestres que serão qualificados em conhecimento para espalhar o evangelho desta verdade a outros – para alcançar e alimentar outros corações famintos que estão esfomeados pela VERDADE!

Com o tempo, todas as coisas se resolverão. Para um após o outro, virá a bela luz da compreensão. E à medida que estas Lições Orientais treinam homens e mulheres na grande filosofia da vida sem fim, sei que a palavra se espalhará e será enviada com compreensão; a filosofia mais bela e salutar que o mundo terrestre já conheceu!

Desde que “o grande trabalho” começou, vários que se juntaram a nós nos primeiros dias passaram para o “além”. Partiram para se juntar às hostes do espírito e, com a compreensão que o nosso trabalho lhes trouxe, ficaram

melhor qualificados para assumir os seus novos deveres no lado mais luminoso e ajudar os seus entes queridos mortais com uma força nova e melhor.

PRENUNCIANDO O GRANDE TRABALHO

Esta vida terrestre é tão terrivelmente fugaz que me pergunto como as pessoas não veem que, em pouco tempo no máximo, estarão entre os incontáveis muitos do espírito. Pergunto-me por que razão podem mostrar indiferença para com as maiores de todas as verdades – essas verdades da própria VIDA – quando por TODA A ETERNIDADE habitarão nos reinos espirituais.

Se pudesse passar o meu dom para si, para que também pudesse ver e ouvir e SABER, ficaria mais do que contente em fazê-lo. Mas, não sendo capaz de o ajudar dessa forma, fico satisfeita por ser privilegiada em ser um instrumento através do qual estas belas Verdades podem ser trazidas aos meus semelhantes mortais, cada um dos quais é um filho de Deus!

CAPÍTULO XXIV

UM NOVO PODER DE “PROJEÇÃO”

Há cerca de três anos, veio até mim muito subitamente uma nova manifestação de mediunidade. Não sei exatamente que nome dar-lhe, mas acho que a palavra “projeção” a explicará melhor, talvez, do que qualquer outra coisa.

Pareço estar realmente em algum lugar distante sem perder completamente o reconhecimento dos meus arredores materiais. Vejo pessoas que conheço neste mundo e ouço o que dizem, exatamente como se estivesse presente. Às vezes esta experiência dura apenas alguns segundos e outras vezes dura vários minutos. A distância parece não fazer absolutamente nenhuma diferença.

Enquanto jantava no Centro em Chicago, pareceu-me ter sido transportada subitamente para amigos em Nova Iorque. Via o interior da sala, cada artigo de mobília, tão claramente como se estivesse realmente lá. As vozes deles são tão altas e claras para mim como se eu estivesse presente.

Frequentemente, estive em posição de comparar estas projeções com o que aconteceu. Invariavelmente, descobri que eram precisas.

Agora, não posso dizer que o meu espírito realmente deixa o meu corpo, mas por outro lado não posso dizer que esta não é a solução. Sei, por diferentes experiências que tive no passado, que enquanto estamos ligados aos nossos corpos temos a sensação de viver na carne, mesmo que os nossos espíritos possam estar a uma distância.

Sinto-me bastante segura de que estas experiências não podem ser respondidas no termo de visões. Tenho visões, mas são de caráter diferente. Vou tentar explicar a diferença: Uma visão pode vir até mim como um sonho no qual vejo coisas simbolicamente. Uma visão é como uma parábola encenada. Estas visões sei que são coisas que vejo enquanto estou no plano astral. Não são como os sonhos comuns, mas a memória delas é tão clara como a memória de qualquer experiência.

Mas quando sou projetada, acontece tão subitamente que não há interrupção na consciência. Isto é, posso estar a falar com alguns amigos e, mesmo enquanto falo, encontro-me num lugar distante, a ouvir uma conversa ou a ver algum evento.

UM NOVO PODER DE “PROJEÇÃO”

Por um momento, perco-me. Aqueles com quem estou a falar geralmente notam que alguma mudança veio sobre mim.

Estas projeções não são resultados que desejo obter. Não vêm porque tenho algum desejo de saber o que algum amigo estava a fazer. Vêm inesperadamente. Geralmente, sou testemunha e ouço coisas para as quais os meus pensamentos não se viraram de todo. O que vejo e ouço pode pertencer ao bem-estar de alguns dos meus amigos e, muitas vezes, ouço os nomes desses amigos mencionados na conversa que está a ocorrer onde quer que eu seja projetada. Desta forma, estive em posição por vezes para avisar amigos meus de perigos iminentes.

Os nossos entes queridos do outro lado nem sempre explicam exatamente o que estas coisas significam. Notei que falam muito pouco sobre o mecanismo ou os processos que tornam estas coisas possíveis. Estão preocupados com os resultados. Portanto, aprendi a considerar os resultados mais do que o método ou os meios através dos quais estas experiências são tornadas possíveis.

Testemunhei acidentes. Vi coisas em países distantes. Qualquer que seja a força que leva o meu ser ou o meu pensamento para esses lugares distantes, opera instantaneamente. Não há sensação de viagem. Estou lá e regresso aos meus arredores reais tão subitamente. Isto é o mais próximo que consigo chegar a explicar este poder de projeção.

Agora vou tentar dar-lhe uma ideia de como as visões vêm até mim. Como afirmei, geralmente vêm durante o meu sono. Mas há muitas vezes em que tenho a sensação de deixar o meu corpo. Estive de pé no chão ao lado da minha cama, virei-me e vi o meu corpo a dormir. Conseguia vê-lo respirar. Embora soubesse que era noite, estava de pé à luz do dia.

Às vezes tive a sensação de viajar realmente uma curta distância ou uma grande distância. Noutras vezes não houve sensação de movimento.

Simplesmente encontrei-me em algum lugar distante, provavelmente algum local que não reconhecia.

Uma visão veio até mim desta maneira. Na companhia de entes queridos, que eu sabia estarem no espírito, estava numa grande planície. Caminhávamos pela relva. Subitamente, um dos Orientais disse-me: “Vire-se e diga-me o que vê.” Obedeci e, não muito atrás de nós, vi duas árvores gigantescas que cresciam dessa planície. A sua altura era tremenda. Tinham centenas de pés de altura. Estavam talvez a duzentos pés de distância. Depois pareceu-me viajar pelo ar acima, onde conseguia ver os ramos mais claramente. Notei que em cada ramo havia quantidades incontáveis de mirtilos. Você e eu sabemos que os mirtilos não crescem em árvores!

Agora vou explicar esta visão: Pertencia aos empreendimentos comerciais de um amigo. Mostrava que duas coisas em que ele estava interessado cresceriam para uma força invulgar. Os mirtilos eram fora do comum e isso indicava que o seu sucesso seria fora do comum.

Os Mestres explicaram-me estes significados e foi muito fácil para mim regressar com o conhecimento do que tinha visto, exatamente como se tivesse ido até lá de comboio. Quando regressei, conseguia ver o meu corpo na cama a dormir e a próxima coisa de que me apercebi foi virar-me na cama e bocejar. Não tive nenhuma sensação real de deixar o meu corpo ou regressar a ele. Mas a visão lembro-me distintamente, exatamente como se lembraria de qualquer viagem que tivesse feito onde tivesse visto paisagens maravilhosas.

Estas visões são simbólicas, mas as projeções são partes da minha experiência quotidiana.

CAPÍTULO XXV

AS MINHAS VISITAS NO ASTRAL

Ir para o astral não é uma experiência peculiar aos médiuns. Dizem-nos que sempre que uma pessoa dorme, esse indivíduo entra no astral. Só desta forma é possível ganhar a força necessária para continuar o trabalho terrestre.

A maioria das pessoas não se lembra destas viagens astrais. No entanto, não é só o médium que se lembra delas, mas outros que se desenvolveram espiritualmente e que podem ser ditos mediunísticos no que diz respeito às suas próprias experiências. Posso qualificar isto dizendo que são médiuns para o seu próprio benefício, mas não podem dar mensagens a outros.

Não me lembro de todas as minhas viagens astrais. Às vezes passam muitos dias e até semanas sem que me lembre de uma dessas viagens aos reinos espirituais.

Sei que está interessado em saber que sensações experimento e o que vejo e faço. O mais próximo possível que o meu poder de explicação permitir, vou relatar-lhe alguns exemplos.

Um dia, há alguns anos, estava muito cansada. Foi entre compromissos e deitei-me num sofá para descansar. Não adormeci. Mas subitamente conseguia ver-me de pé a alguns pés de distância. Via o meu corpo espiritual. Sorriu para mim e caminhou na minha direção. Não me peça para lhe dizer como isto foi possível, porque não posso. Não sei. Sabia que o espírito que via era eu própria e sabia que o mesmo eu estava a olhar através dos meus olhos mortais para esse espírito. Esta experiência durou alguns minutos e senti-me muito descansada. Tinha recuperado a minha força subitamente. Não vi o meu corpo espiritual vir nem o vi ir.

Desde então, apercebi-me de que o corpo espiritual é inteiramente separado da carne. Não sei se este corpo espiritual partilha as nossas experiências conosco ou se tem experiências separadas. Não diria isso. Mas sei que estamos vitalmente ligados a ele, que dependemos dele e que é impossível partir desta vida tão subitamente que não entrássemos imediatamente no corpo espiritual.

Quando entrei no astral, notei que uma espécie de fio luminoso se estende da minha cabeça para a cabeça do meu corpo físico e que quanto mais longe vou, mais fino este fio se torna. Consigo ver outros passarem diretamente através deste fio sem o perturbar. Presumo que seja mais da natureza de uma força do que de um material fino. Quando este fio é cortado, não há regresso ao corpo. O corpo físico começa então a decompor-se. A mudança chamada morte ocorreu.

Durante as minhas viagens astrais, vi muita paisagem bela e cidades maravilhosas, mais como grandes parques. Não pareciam ter distritos comerciais como as nossas cidades têm. Não tinham elétricos ou os outros tipos de transporte dos quais dependemos. A relva do lado espiritual é muito fina e aveludada. Tudo parece um belo parque. Não há lugares selvagens como há neste mundo. Os edifícios são magníficos – são palácios. Vi grandes salões, ou como diríamos deste lado, edifícios públicos. Muitos desses salões, como os salões educacionais, são muito maiores do que qualquer edifício que temos no mundo material. Parecem ser construídos de um material que é muito como joias esmagadas. Emitem uma luz suave e iridescente. Sentei-me nesses salões e ouvi os Ensinamentos proferidos pelos Orientais.

Vi festas do lado espiritual, verdadeiras reuniões sociais. Assisti a banquetes. Sei que comem comida, que esta comida consiste principalmente em frutas preparadas de diferentes maneiras. Sei que bebem um fluido que eu chamaria água. Sei que têm pratos e facas e garfos e colheres. Vi o Sr. Stead e outros em fatos de gala. Ouvi a sua música e vi-os dançar.

Garanto-lhe que o outro mundo é muito belo e está mais perto de nós do que podemos imaginar. Não há nada de antinatural nele.

Vi lagos e riachos, mas nunca vi massas de água do outro lado que correspondessem aos nossos oceanos. Vi árvores e vi flores em profusão – espécies de flores e plantas que nunca vemos neste mundo. Algumas das flores têm pétalas transparentes. As cores naturais do espírito são diferentes das cores neste mundo. Se alguma vez viu pinturas espirituais, reconheceria essas diferenças de cor. Vi algumas cores no nosso mundo que correspondem em certa medida às cores do espírito.

As pessoas lá têm tez. Parecem as pessoas aqui, só que mais belas. Muitos usam túnicas, mas alguns usam roupas que parecem muito com as roupas que usamos.

Tive muitas destas experiências astrais que me lembro perfeitamente.

Gostaria que fosse possível para si reter memórias destas viagens astrais, se não teve essa sorte. Mas dizem-nos que, se os mortais pudessem ver as esferas espirituais sempre que desejassem, não se importariam de viver na carne. Tenho a certeza de que isto é verdade, porque a Pátria é a nossa casa natural. A sua beleza é muito apelativa.

CAPÍTULO XXVI

A ERA DA PERSEGUIÇÃO

Se alguma vez estive em Salem, Massachusetts, sabe que todos os ardinas e quase todos os alunos estão ansiosos para lhe mostrar, se for um estranho, “A Casa dos Sete Frontões”. Acrescentariam a este convite a informação de que este edifício é “a casa das bruxas”.

Não foi há tanto tempo que a cidade de Salem, Massachusetts, condenou médiuns à morte porque o medo dos ignorantes não podia tolerar algo como a comunicação espiritual. Abanamos a cabeça e dizemos que eram idades das trevas. Pergunto-me se eram mais escuras do que a era em que vivemos?

Quatro vezes fui colocada sob prisão por “praticar Espiritualismo”. Fui levada para esquadras de polícia onde tive de passar pelo mesmo suplício que os carteiristas e os vadios e os assassinos que lá estavam reunidos. Para uma pessoa que é sensível, entrar nestas condições terríveis significa sofrimento agudo. Fui insultada por polícias baratos e policiais femininas. Tive humilhações acumuladas sobre mim “em nome da lei”.

A minha última prisão foi em março de 1918. Exigi um julgamento por júri e o caso foi transferido para o tribunal do Juiz Sullivan, um dos juizes municipais, na Câmara Municipal de Chicago. As únicas testemunhas contra

mim foram as duas policiais femininas e tenho a certeza de que não encontraram nenhum prazer particular no seu testemunho.

Tive talvez sessenta testemunhas no tribunal e renunciámos ao direito de julgamento por júri. Tive dois advogados muito excelentes e foi feito um registo perfeito do caso com vista a apelar para os tribunais mais altos, se necessário.

O Juiz Sullivan, pelo que sei, é um católico romano ardente. Decidiu de acordo com a lei e os factos e absolveu-me.

Era muito claro que, pela causa do Espiritualismo, o Centro Memorial Wm. T. Stead estava perfeitamente disposto a ir a qualquer extremo na defesa dos direitos desta verdade.

Muitas vezes tem sido o hábito de funcionários policiais “invadir” reuniões Espiritualistas exatamente como invadiriam covis de jogo e casas de vício. Demasiadas vezes os médiuns estavam desprotegidos e ignorantes e extremamente assustados. Declaravam-se culpados e aceitavam uma multa e, em poucos meses, eram presos novamente.

Recusámo-nos a deixar que a lei nos dissesse que, se operássemos, tinha de ser às escondidas. Não digo que estou livre de perseguição, mas sei isto: Tantas vezes quantas a lei tentar interferir com os nossos direitos legais, vamos lutar por esses direitos, que são constitucionais.

Ainda não vi nenhuma disposição por parte de funcionários policiais e procuradores para permitir que um caso desta natureza chegasse muito longe nos tribunais superiores. Um ou dois casos desse tipo no Illinois foram levados ao Tribunal de Apelações, onde as opiniões dos tribunais inferiores foram revertidas e os médiuns foram libertados.

Muitos jornais, infelizmente, publicam histórias sensacionais após prisões de médiuns, mas muito poucos deles são bons o suficiente para publicar qualquer um dos factos após uma absolvição. Talvez seja necessário que esta perversidade exista na natureza humana. Se for necessário, é apenas porque os mortais a tornam assim. Lamento que seja necessário em qualquer altura que perseguições deste tipo sejam requeridas na construção de algo que valha a pena.

Dizemos que o mundo mudou muito, mas medimos o tempo de forma diferente dos que estão no lado mais luminoso da vida. Para eles, foi apenas ontem que os primeiros mártires cristãos foram lançados nos anfiteatros de Roma para serem assassinados pelos gladiadores ou mortos por animais selvagens.

A intolerância tem sido o mal maior do mundo. Nunca houve nada que tenha retardado mais o progresso humano do que esta intolerância dos mortais uns para com os outros, nas suas crenças e credos.

Nós, Espiritualistas, somos ensinados a não perturbar a crença de ninguém. Somos ensinados a respeitar o católico e o protestante, o judeu e o gentio, e a lembrar que os mortais veem a verdade do seu próprio ponto de vista e que, afinal, não faz diferença se dizem que estão a adorar Deus ou Alá.

Há apenas uma forma de pôr fim à perseguição em qualquer direção particular e isso é através de esforço organizado. É através de ter a coragem de vir a público e dizer ao mundo que somos Espiritualistas. Se nos faltar esta coragem, então certamente não nos devemos queixar amargamente se formos tidos em desprezo. Não quero dizer que devemos andar por aí como fanáticos a proclamar a nossa fé. Quero dizer que devemos estar dispostos em todos os momentos, quando nos pedem para expressar as nossas visões religiosas, a dizer que somos Espiritualistas. Demasiados estão dispostos a aceitar os frutos sem participar no cultivo.

Veze sem conta, vi pessoas proeminentes virem ao Centro, que deixam os seus belos automóveis a um ou dois quarteirões de distância porque têm medo de ser reconhecidos como vindo a um lugar onde podem comunicar com os seus entes queridos do outro lado da vida. E no entanto dizem que amam os seus entes queridos no espírito. E enquanto protestam este amor, têm vergonha de o proclamar e estão a adicionar à inclinação de funcionários policiais ignorantes para perseguir o Espiritualismo.

Acho que o tempo está próximo em que será possível para um espiritualista vir a público e dizer o que é. Por que razão nos devemos importar com o ridículo ignorante que é acumulado sobre nós? Temos os nossos direitos e devemos defendê-los. Se não os defendermos, então quem o fará por nós? O mundo nunca teve respeito por um cobarde, e nunca terá e nunca deveria ter.

Aprendi quando criança a apoiar-me nos meus guias – a ter fé no mundo espiritual. Alegro-me que esta fé nunca me tenha abandonado ou enfraquecido. Tem sido um prazer e um privilégio saber que algures no universo existe o sentido certo de lei e justiça. Nós, que estamos a defender os nossos direitos, estamos a estabelecer esses direitos não só para nós próprios, mas para os milhões que virão depois de nós. Sabemos que o dia deve chegar em que as pessoas terão orgulho em dizer que são espiritualistas.

Muito fielmente sua,

Sra. Cecil M. Cook

Pastora e Médium

O Centro Memorial Wm. T. Stead



APÊNDICE

COMO RECEBO MENSAGENS PARA OUTROS

De vez em quando, consigo sair de Chicago, para levar a minha mediunidade a outras pessoas, e onde quer que vá, homens e mulheres perguntam-me inevitavelmente: «Como é possível, Mrs. Cook, obter mensagens para pessoas que vivem longe e que nunca viu?»

Na verdade, tenho prazer em responder a essa pergunta, porque me dá oportunidade de impressionar os estudantes com a verdade da continuidade da vida e com o facto de o mundo espiritual ser um só. Com isso, quero dizer que o mundo espiritual funciona como uma grande família harmoniosa. Além disso, dá-me oportunidade de explicar como a Lei da Atração realmente opera.

Cada um de vós tem os seus guias. Esses guias podem ser entes queridos que conhecestes na Terra, mas que passaram para o espírito; bem como outros seres queridos que atraístes, mas cujas identidades não conheceis.

Todos esses entes queridos no espírito não estão convosco continuamente. Alguns estão convosco num momento, e outros noutro, mas todos estão em contacto convosco — sentem quando lhes chamais e conhecem as vossas dores de coração e as vossas alegrias.

Decidistes enviar-me um pedido de mensagem e, se o vosso propósito for puro e não estiverdes a tentar usar os vossos entes queridos no espírito apenas como instrumentos de uma experiência, enviareis do coração um desejo sincero. É sincero porque o seu propósito é puro. É honesto e limpo. Isso é como um fio claro para o envio de um telegrama. Não tendes à vossa volta uma atmosfera toldada. As vossas vibrações estão em sintonia com os entes queridos do outro lado. Estais a pedir-lhes alguma palavra e não tendes intenção de os testar. Mas se pretendeis testá-los, o fio já não é claro. Eles

farão o seu melhor, mas não podem fazer melhor do que vós lhes permitis. A obrigação é vossa, e não deles.

Não vindo pessoalmente à minha sala de sessão, deveis enviar algo que vos represente, algo que ponha as forças em ação. Isto pode parecer uma afirmação algo vaga, mas vou explicá-la melhor:

Se entrardes na minha sala de sessão, por mais forças que o mundo espiritual retire de mim para construir as condições que tornam possível a comunicação, têm de retirar algo de vós. Se vos fechardes, como faria uma pessoa cética ou alguém que não compreende a comunicação, isso seria como guardar dentro de vós as forças necessárias. Fecharíeis a porta, e os vossos entes queridos no espírito não poderiam aproximar-se tanto de vós.

Mas se vierdes de espírito aberto e acreditar que há muitas coisas no céu e na terra a aprender, relaxareis; dareis essas forças e limpareis o fio para os vossos entes queridos.

Suponhamos que não estais presente na minha sala de sessão, mas enviastes perguntas para eu responder? Enviastes essas perguntas não como testes, mas como pessoas motivadas. Enviai-las para que as vossas próprias vibrações entrem na minha sala de sessão. Estabeleceis uma espécie de procuração por vós próprios.

A vossa carta não vem sozinha. Alguns dos vossos entes queridos

vêm com ela, vigiam-na, sabem quando chegou a Chicago e quando foi tomada para resposta na minha sala de sessão. Estão em contacto com ela. Para eles, essa carta é o mesmo que uma ligação elétrica, e não seria possível à nossa secretária, Miss Horack, pegar nessa carta sem fazer soar o alarme do lado espiritual da vida. Uma entidade real foi trazida à existência. Essa carta é como uma bateria.

No momento em que a vossa carta é tomada, a vossa condição precisa é sentida pelos que estão no espírito. O quão sincero fostes ao escrever as perguntas é-lhes conhecido. Se fostes insinceros, eles sentem-no. Se fostes sinceros no vosso propósito, sentem também essa condição.

Não posso impressionar demasiado homens e mulheres sobre o quão cruel é considerar que os seus entes queridos no espírito mentiram ou alguma vez pensariam em mentir-lhes. Começar acreditando que é preciso «testar os espíritos» e que eles são tão propensos a ser falsos como verdadeiros é o caminho errado. O mundo deles não é como o nosso, porque nós podemos esconder as nossas mentiras, de certa forma, dos outros mortais. No mundo deles, mais luminoso e mais belo, todas as vidas são livros abertos, e o que alguém pensa e é tem de ser sentido por qualquer espírito que esteja suficientemente interessado para descobrir.

A ansiedade excessiva é quase tão má como a descrença. Bloqueia as forças. Perturba as condições. A ansiedade excessiva é uma barreira, e só o amor, a confiança e a sinceridade limparão o caminho. Se enviardes a condição errada, não tenho poder para a superar. Não sou eu que trago os vossos entes queridos. Sou como o fio telefónico, por onde a mensagem virá.

O meu instrumento responderá precisamente ao propósito e à condição que estão por trás de cada pedido de mensagem ou de cada visita à minha sala de sessão.

As mensagens são ditadas não por mim, mas por um dos meus Controles; geralmente Bright Face ou Pink Rose. Não sou eu que entrega esta mensagem, mas esses guias — e eles, por sua vez, são auxiliados por outros do lado mais luminoso.

A secretária senta-se a uma pequena mesa na sala de sessão, com o seu caderno e lápis. Ela lê o pedido de mensagem, incluindo as perguntas, enquanto eu estou sob controlo.

Os meus guias não trazem os entes queridos do outro lado. O desejo sincero, o pedido de uma mensagem, é o que os traz. Eles vêm com toda a força possível. Essa força não é determinada por eles, mas pelas pessoas que pedem as mensagens. Não é força como entendemos a força muscular. Quero dizer que esses entes queridos têm de vir através das condições de comunicação, através das forças que foram construídas, e que essas forças são claras ou toldadas conforme a atitude mental da pessoa que pede notícias do espírito.

Os meus Controles veem e ouvem, mas se as condições não forem boas, é como ver através de uma névoa ou observar uma imagem projetada num ecrã sem estar devidamente focada. Se houver dúvida ou desejo de testar por parte do perguntador, o meu controlo vê as formas imperfeitamente, porque está no meu corpo e está sujeita às forças da sala de sessão. Ouve imperfeitamente e pode errar ao receber nomes.

Podeis perguntar: «Porquê isto? Esse controlo não está ele próprio no espírito? Porque não pode ver os outros no espírito e ouvi-los claramente?» Não cabe a vós nem a mim fazer a lei para o mundo espiritual. Qualquer comunicação é recebida através de condições de «Terra de Fronteira». Nessa Terra de Fronteira, não é inteiramente espírito nem inteiramente material. As vibrações dos dois planos interpenetraram-se. É um composto de ambos.

Quando não estou sob controlo e vejo clarivamente e ouço clariaudientemente, experimento condições semelhantes. Se uma pessoa vem ter comigo em busca sincera, assim que essa pessoa entra no Center, posso ver os seus amigos e ouvi-los. Muitas vezes penso que vieram três pessoas, quando há apenas uma. Mas se uma pessoa vem em dúvida e ceticismo, sinto-

me agitada assim que essa pessoa entra, e muitas vezes vários minutos antes de ela chegar. Raramente, nessas condições, vejo ou ouço os seus entes queridos no espírito. Eles estão lá, tentando fazer o seu melhor. Têm amor e fidelidade, mas estão sujeitos à lei da comunicação. Essa é lei natural — tão real como qualquer das leis mais amplamente reconhecidas ou expressões da Grande Lei Una.

Considerando a grande variedade de condições que surgirão, não é estranho que nem todas as mensagens sejam exatamente o que cada pessoa esperava. Muitas vezes é essa expectativa que retarda a recepção da mensagem. O notável é que quase todas as mensagens chegam claramente, embora os que as pediram vivam em muitas partes deste continente. Mas seria o mesmo se vivessem no Oriente. A distância não faz diferença para o espírito.

Mesmo quando as mensagens são claras e transmitem precisamente a informação que as pessoas deveriam ter, podem não as ler corretamente. O que para elas pode parecer de grande importância pode ser trivial na estimativa dos seus entes queridos no espírito. Toda a mensagem merece ser lida e relida, pensada, estudada, porque os que estão no espírito dizem muito em pouco.

Como médium que tem longa experiência em trabalho público, sei como as pessoas vêm buscar mensagens. Entram na sala de sessão com apenas um pensamento na mente: obter um O. K. para algo que desejam fazer. Talvez isso seja o pior para elas. Como crianças, choram por algo que lhes chama a atenção. Um homem casado pode estar apaixonado por uma rapariga jovem e desejar que a mulher lhe seja tirada para poder formar uma nova aliança. Isso é o que tem na mente e, quando é repreendido pelo seu desejo, diz que o mundo espiritual é estreito e injusto. Não vem com um propósito limpo e honesto, mas porque procura justificação para aquilo que sabe ser errado.

Outra pessoa fixou a mente em ir para algum lugar distante e quer ir; é só isso. Tem simplesmente a mente decidida a ir. Não vai receber com agrado qualquer sugestão de que está errada.

Os mortais têm de aprender que os seus desejos e opiniões, os seus gostos e desgostos, muitas vezes dependem de alguma condição material. Cedem a esse desejo. Não é o seu desejo espiritual, mas a sua fraqueza material. Se alguém concorda com eles, essa pessoa é um ótimo amigo. Talvez em poucos anos, semanas ou dias, as condições mudem de tal forma que o desejado se revele a pior coisa que a pessoa poderia ter. Enquanto o desejo estiver presente, nenhuma outra opinião é aceite por ela.

Os entes queridos no espírito não vêm com aquilo que gostaríamos de ouvir, mas com os factos que devemos ouvir e atender. Amam-nos não como uma mãe excessivamente indulgente finge amar uma criança travessa; não nos mimando e cedendo, mas repreendendo-nos e apontando o caminho certo.

Isso não é o que pedimos, mas é o que devemos ter — e até vemos que este conselho nos é dado para nosso próprio bem, de que vale a comunicação? Se os nossos entes queridos no espírito tiverem de concordar connosco no nosso erro, apenas para manter termos amigáveis connosco, o que lhes diremos quando entrarmos no espírito e virmos o verdadeiro estado das coisas?

Quanto mais naturalmente viermos aos nossos amigos espirituais, mais naturalmente eles podem vir até nós. Têm de usar as forças à sua disposição, e as nossas atitudes mentais têm muito a ver com a natureza dessas forças. Uma condição tensa significa forças não naturais. Um estado de espírito cético é como um curto-circuito; impede as forças de se acumularem.

Se vós, que lestes isto, não vissem a vossa mãe há muitos anos e ela chegasse inesperadamente a vossa casa, ficaríeis radiantes — ou deveriam ficar. Porque não haveríeis de sentir a mesma felicidade ao saudar entes queridos no espírito? Porque tratá-los como se fossem o pó da rua? Porque mostrar-lhes claramente que acreditais que eles mentem? Achais que isso seria tratamento justo mesmo para um pobre mortal — para uma pessoa de quem não gostásseis muito?

Temos de aprender a vir aos nossos entes queridos no espírito naturalmente, e então eles podem vir até nós naturalmente. As forças estão claras. Não há obstruções. Não há nada a superar. As mensagens serão diretas; e trarão muito mais testes do que alguma vez pensastes.

Vejamos honestamente esta questão dos testes: Tendes alguma ideia preconcebida de uma declaração que identificaria um ente querido no espírito. Vinde à sala de sessão ou enviais um pedido de mensagem por correio, e essa preconcepção está na vossa mente. Dizeis a vós mesmos que isso seria um teste admirável. Em primeiro lugar, pôr ao vosso ente querido a tarefa de cumprir esse teste equivale a dizer que o vosso ente querido é capaz de uma inverdade. Se vos desculpades dizendo que não pretendeis isto como insulto a um ente querido no espírito, mas como proteção contra espíritos mentirosos em geral, isso equivale a admitir que não acreditais que o mundo espiritual seja honesto e confiável.

No entanto, esperais encontrar o vosso ente querido nesses ambientes e acreditar que ele é honesto e verdadeiro. Se assim é, porque havia esse ente querido de viver numa condição de desonestidade e inverdade? Que lei obrigaria uma pessoa honesta a procurar tal companhia duvidosa? Não o fazemos neste mundo. Porque o fariam eles no espírito?

Suponhamos que o vosso ente querido conseguisse transmitir esse teste particular. Por um tempo, ficaríeis encantados. Depois, podereis começar a dizer a vós mesmos: «Oh, isso foi só telepatia!» O vosso teste teria desmoronado pela vossa própria dúvida, porque o vosso teste era

originalmente injusto e dele não poderia sair a convicção que esperáveis. Não se pode pegar numa coisa desonesta e transformá-la numa honesta.

Quando vindes naturalmente, sem procurar testes, sem pedir que algo seja provado, descobrireis que os testes vêm e são testes. Coisas que esquecesteis serão mencionadas. Factos serão dados que estão fora do vosso alcance de conhecimento; factos que descobrireis corretos à medida que o tempo passa. Tereis testes que não podem ser atribuídos à telepatia ou a qualquer outra causa, exceto às comunicações que pretendem ser.

Há outra coisa a ter em mente: Se fôsseis trabalhar num escritório ou fábrica, ficaríeis confusos nos primeiros dias. Nada pareceria natural. Teríeis de encontrar os vossos pontos de referência. Com o tempo, compreenderíeis melhor o trabalho e sentir-vos-íeis mais à vontade no local. Seria como mudar para uma casa nova numa parte estranha da cidade. Por um tempo, a rua pareceria desconhecida e teríeis de ter cuidado para chegar a casa.

Se vos levantásseis à noite, teríeis medo de andar no escuro. Possivelmente teríeis alguma dificuldade em encontrar a luz. Mas à medida que os dias passassem, o bairro e a casa parecer-vos-iam mais familiares, e encontraríeis o caminho pela casa mais facilmente.

Enviais-me um pedido de mensagem, e as minhas forças são estranhas para vós e para os vossos entes queridos. Ambos estais a lidar com algo desconhecido, e só em boas condições a mensagem pode chegar clara, ou completa, ou ambas.

À medida que vindes repetidamente, lideis com forças com as quais os vossos entes queridos se familiarizaram. Para ilustrar melhor, suponhamos que ides a um médium há anos; possivelmente duas ou três vezes por mês, ou mais. Depois ides para uma cidade estranha e sabeis de outro médium. Indo lá, esperais que os vossos entes queridos venham tão rapidamente e claramente como com o primeiro médium. Ficais desapontados e podeis dizer, ao sair: «Bem, esse médium não pode ser grande coisa. O Frank não conseguiu vir claramente e a Ella nunca apareceu. Pedi pelo William e ninguém parecia saber nada dele.»

Em vez de ajudar a situação, prejudicaste-la. Pedistes aos vossos amigos que usem forças com as quais não estavam familiarizados e sobre as quais nada sabíeis. Talvez não tenhais dado nenhuma das vossas próprias forças, ou muito parcamente. Podem passar semanas até estabelecerdes uma condição de harmonia para que os vossos amigos venham facilmente. Se não tiverdes em conta estes factos, não só é provável que fiquéis desapontados, como os vossos entes queridos ficarão ainda mais desapontados.

Ouvi pessoas dizer na nossa sala de sessão: «Porque não vens tão claramente como ontem; o que há de errado?» Provavelmente o ente querido responderá:

«Se decidires qual o médium que pretendes visitar regularmente, podemos estudar as forças. Mas vais a um médium uma vez, a outro na seguinte, e a um terceiro na terceira; e em casa tentas tornar-te médium de materialização sentando-te num gabinete, e depois trabalhas com a tábua ouija, e depois de misturar assim as tuas forças, esperas que o mundo espiritual produza condições só para te agradar.»

Considerando que os que estão no espírito vivem em condições diferentes das nossas, que a sua parte do grande universo difere em aspetos essenciais da nossa, e que vir até nós e manifestar-se para nós requer grande paciência e muitos esforços da parte deles, certamente nós, do lado mortal da vida, deveríamos tentar fazer o nosso melhor para facilitar o seu trabalho.

A natureza das próprias perguntas é importante. Perguntas triviais são como correntes de força fracas e interrompidas. Perguntas de adivinhação são demasiado triviais para atrair qualquer guia. Perguntas que pedem informação além do poder do destinatário compreender essa informação, mesmo que explicada, não fazem bem a ninguém, mas às forças fazem muito mal.

As nossas perguntas são reflexos dos nossos estados mentais. Se perguntamos perguntas sem objetivo, estamos num estado de espírito instável. Se perguntamos perguntas demasiado profundas para a nossa própria compreensão, confundimos as forças, porque estamos confusos na compreensão dos factos. Não ultrapassámos a inteligência dos que estão no espírito, por mais que alguns investigadores gostassem que as pessoas acreditassem. A nossa inteligência é muito pequena, fraca e limitada comparada com a dos que estão na vida mais clara.

Só quando perguntamos perguntas que temos direito de perguntar e cujas respostas nos seriam de algum valor, podemos esperar atrair uma resposta. Muitos mortais fazem perguntas que não têm direito de fazer. Procuram conselho sobre quando algum inimigo, ou mesmo um ente querido na carne, passará para o espírito. Há momentos em que Deus quer que os mortais tenham essa informação, mas se a resposta for contrária à Vontade de Deus, nenhum espírito pode dar nem mortal receber a resposta.

Perguntas sem propósito são negativas. Afastam as forças. Destroem a energia finamente equilibrada que foi retirada de muitas fontes e misturada nas forças da Terra de Fronteira. Destroem aquilo que pensavam estar a ajudar a criar.

Acredito que vamos ao mundo espiritual em busca de informação, primeiro para encontrar os nossos entes queridos que passaram pela mudança chamada morte; e depois para que nos ajudem a compreender, a viver melhor e a fazer coisas mais de acordo com a Lei de Deus. E estou convencida de que, quando saímos destes fases legítimos, só nos toldamos a nós mesmos e tornamos a assistência dos nossos entes queridos no espírito ainda mais difícil.

Temos de aprender a lei da comunicação. Uma vez aprendida, achá-la-emos muito fácil de seguir. É natural e não complicada. Os entes queridos no espírito estão tão dispostos a ajudar-nos, que deveríamos aprender a fazer a nossa parte e tornar possível que nos ajudem. Até o fazermos, não chegámos ao primeiro grau na escola de aprendizagem onde deveríamos saber que a vida além e a vida aqui são apenas expressões de uma grande vida — e que qualquer separação que pareça existir se deve à ignorância mortal.

A LEI DO ESPÍRITO É A LEI DA VERDADE

Sempre que leio uma declaração nos jornais no sentido de que os investigadores do Espiritualismo devem precaver-se contra «espíritos mentirosos», sinto-me muito triste ao pensar que alguém pode ser tão ignorante a ponto de fazer uma afirmação desse tipo.

Penso que a maioria das pessoas familiarizadas com as manifestações espirituais admitirá que há pessoas do outro lado da vida que são ignorantes.

Embora a ignorância implique uma tendência para aquilo que é falso, ao mesmo tempo, porque haveríamos qualquer um de nós de atrair espíritos subdesenvolvidos e ignorantes?

A existência do lado espiritual da vida assegura faculdades que requerem maior conhecimento. Assim que uma pessoa vê e compreende a coisa certa, essa pessoa terá menos probabilidade de tentar fazer uma coisa errada. Neste mundo, estamos cercados por muitas limitações.

Aprendemos apenas um pouco, e aprendemo-lo de forma imperfeita.

As pessoas que recorrem à falsidade fazem-no ou porque acham que é inteligente, ou porque procuram encobrir a verdade.

Num estado de existência em que a verdade se torna evidente por si mesma para todas as pessoas, é tolice tentar esconder aquilo que é verdadeiro. Isto aplica-se à existência espiritual. Os que estão no espírito podem aprender tudo o que desejarem sobre outros no espírito ou na carne. Uma mentira é transparente.

Se todos nós neste mundo soubéssemos que não poderíamos enganar ninguém com uma falsidade, então mentir tornar-se-ia inútil. Não aprendemos que é inútil, pela simples razão de que isso é revelado aos que estão do lado espiritual da vida. Muitas vezes pensamos que uma mentira nos protege de algo que não queremos que os outros saibam. Os que estão no espírito sabem que uma mentira não os protege.

Mas esta faculdade de ver a diferença entre a verdade e a falsidade não significa que todos os que estão no espírito tenham compreensão ilimitada.

Eles não vêm até nós reclamando infalibilidade. Vêm até nós com as suas opiniões e dizem-nos que essas opiniões podem mudar. Têm maior probabilidade de estar certos do que errados, mas ao mesmo tempo podem estar errados.

O buscador de testes assume que todo o indivíduo é falso, e a própria natureza da sua dúvida e dos seus testes perturbará de tal forma as condições de comunicação que ou bloqueará essa comunicação, ou a toldará de modo que os factos completos não possam vir através dela. Se um mortal estivesse rodeado por outros mortais que conhecessem o verdadeiro estado das coisas de qualquer assunto que estivesse a ser discutido, é provável que nenhuma falsidade fosse recorrida nas declarações feitas por essa pessoa. O valor atribuído pelos seres humanos a uma mentira deixa de existir quando a falsidade pode ser penetrada pelos outros.

Quando os que estão no espírito comunicam, estão rodeados por muitos outros no espírito, e qualquer declaração falsa feita intencionalmente seria reconhecida imediatamente pelos outros como sendo falsa. Não poderíamos esperar comandar o respeito dos nossos amigos se mentíssemos na sua companhia. Os que estão no espírito vivem entre outros no espírito, e vivem naturalmente, e sabem que só podem comandar respeito vivendo a verdade.

A questão da verdade é-nos apresentada tantas vezes neste mundo como uma questão de moralidade. No espírito, torna-se uma questão de lei natural. Quando a verdade não pode ser ocultada, quando se torna propriedade comum, então já não há valor — nem mesmo temporário — naquilo que é falso.

Os buscadores de testes que procedem nas suas investigações com apenas um conhecimento superficial da comunicação espiritual por trás deles parecem pensar que o que devem fazer é testar os espíritos. É até aí que chegam. A sua fonte de conhecimento relativa à comunicação espiritual cessa com a sua assunção de que os que estão no espírito têm tanta probabilidade de mentir como de dizer a verdade. Acredito que qualquer médium que tenha estado em trabalho público durante vários anos se tenha tornado tão cansado desses buscadores de testes que é preciso grande paciência e maravilhosa fortaleza para tentar ensinar-lhes a diferença entre o verdadeiro e o falso.

Eles entram nas salas de sessão numa condição de impertinência e insolência. Vêm com a crença de que a mente mortal é uma mente clara e onisciente. Parecem esquecer que o verdadeiro propósito da comunicação é estabelecer intercâmbio de amizade, amor e harmonia com entes queridos que partiram antes. Esses buscadores de testes parecem ignorar a verdade de que, quando vão perante o mundo espiritual e pedem comunicações do lado espiritual da vida, são como viajantes que foram para um país estrangeiro e que devem respeitar as leis dessa terra.

Devem vir ao mundo espiritual de acordo com a lei do espírito, e não de acordo com a lei do homem. Vêm sob tolerância. Vêm não na posição de quem pode comandar ou exigir, mas como quem procura. Não cabe aos mortais estabelecer a lei da comunicação. Não é direito deles dizer que as vozes ou as formas materializadas ou as outras manifestações da existência espiritual devem ocorrer de acordo com certas regras feitas pelo homem.

Não devemos esquecer o facto de que é a Lei que governa este universo — a grande Lei de Deus. A lei da gravidade é simplesmente uma expressão dessa grande lei, e não faz diferença o que o homem pensa sobre a lei da gravidade, porque essa expressão da Lei de Deus opera do mesmo modo. É igualmente ignorante esperar que qualquer mortal possa fazer ou mudar de alguma forma qualquer outra expressão da Lei de Deus.

Vimos ao mundo espiritual como buscadores — como investigadores. E só quando viermos em verdade e honestidade, aberta e francamente, é que receberemos as comunicações que desejamos. Não faria diferença para o mundo espiritual se os mortais mais poderosos e influentes se reunissem em convenção e adotassem um conjunto de regras para governar as comunicações espirituais. O mundo espiritual comunicaria de acordo com a lei natural. E se os mortais não quisessem harmonizar-se com essa lei, não teriam resultados.

No mundo terreno, através da ignorância humana, os factos podem ser retidos. Só podemos reter factos daqueles que não os compreendem. Todos os factos retidos não são falsidades. Não é mentira dizer à esposa de um homem que foi morto num acidente que ele ficou gravemente ferido. Não é mentira prepará-la por etapas suaves para o pior. Não é mentira reter conhecimento inútil que seria apenas um choque e uma causa de preocupação. Nós na carne temos um limite para os choques que podemos suportar. Os que estão no espírito podem perceber o verdadeiro estado das coisas e não são chocados pela verdade. Estão em melhor posição do que nós para compreender, e isso significa que conhecem o valor da verdade. Sabem que uma mentira é distorcer algum facto, e que os factos existem como são e não podem ser remodelados pela opinião de qualquer pessoa. Conhecendo estas verdades, os que estão no espírito vêm apenas com aquilo que é verdadeiro.

A maioria dos mortais, ao procurar comunicação espiritual, deseja que as suas próprias opiniões sejam endossadas. Quando os que estão no espírito se recusam a endossar opiniões mortais e se recusam a sorrir perante as coisas erradas que os mortais fazem, então muitos desses seres humanos ficam desagradados e estão prontos a rotular como falsidade a informação que os desagradou. Quando nos propomos aprender uma coisa, não podemos fabricar os factos relativos a esse conhecimento. As nossas teorias podem estar erradas no todo ou em parte. Se verdadeiramente desejamos aprender, então deveríamos ficar contentes por descobrir onde e como estamos errados. O

conhecimento significa adquirir uma compreensão das coisas como elas são; isto é, as coisas como existem nem sempre são precisamente aquilo que gostaríamos que fossem.

Ao comunicarmos com entes queridos do lado espiritual, estamos a lidar com aqueles que conhecem factos além da nossa compreensão — que sentem e percebem condições que estão além da nossa percepção, que vivem numa forma de vida onde os factos são revelados e onde o falso cai pelo seu próprio peso inútil — e que vêm até nós apenas através do amor e do desejo de nos ajudar. Assim, quando olhamos para o mundo espiritual em busca de comunicação, de orientação, devemos procurar aquilo que é verdadeiro, mesmo que discorde completamente das nossas próprias ideias. Ao comunicarmos, estamos a pôr-nos em contacto com seres que vivem sob uma condição de vida onde o grande desejo é aprender factos.

A falsidade não existe no espírito, mas existe nas mentes dos mortais. É a sua conceção errada. A mentira não é do espírito, mas é da carne. É muito perturbador para a pessoa que tem um vício secreto ou um desígnio mau ser informada sobre essa coisa errada. O mortal que é assim chocado ao ter os seus segredos revelados, e ao descobrir que há outros no universo que sabem o que ele pensa e faz, pode desejar retaliar. O único tipo de vingança que consegue pensar é dizer que lhe mentiram.

Faz parte da fraqueza humana gostar de ser louvado. Gostamos de acreditar que somos pessoas muito sábias, muito dotadas, muito maravilhosas. Talvez não tenhamos realmente nenhum desses atributos. O mundo espiritual não vai vir dizer-nos que temos todas essas virtudes quando não as possuímos. Por essas razões, as comunicações dos que estão do outro lado vêm muitas vezes como um choque. Parecem indicar uma falta de simpatia pelos que estão na carne.

Se os pais não repreendessem os filhos pelas coisas erradas que fazem, então essas crianças cresceriam com hábitos viciosos. Tornar-se-iam criminosos, talvez. Só porque os pais corrigem os seus erros e os repreendem quando estão errados é possível que essas crianças aprendam que fazer a coisa certa é o caminho mais seguro para a felicidade.

Temos de aprender a vir ao mundo espiritual em amor, porque a lei do amor, ou a lei da atração como por vezes é chamada, é uma lei natural que torna possível a comunicação. Descobrimos através destas comunicações com os nossos entes queridos do outro lado que eles vêm até nós não só porque nos amam, mas porque desejam ajudar-nos. Desejam assistir-nos a aprender através da nossa própria experiência e em razão da nossa própria compreensão que a coisa certa é a única coisa e que o caminho certo é o único caminho. Não vêm para concordar connosco, mas vêm para nos ajudar. Muitas pessoas procuram comunicações apenas pela consolação que trazem, mas

outras desejam comunicações pelos ensinamentos elevadores que podem vir através delas.

Os críticos do Espiritualismo, que sustentam que há espíritos mentirosos, fariam bem em estudar esta lei da atração e em aprender algo sobre a lei natural que torna possível esta comunicação entre o mundo espiritual e os mortais.

O MUNDO MARAVILHOSO

Se soubéssemos quão fina é a véu entre esta vida material e a vida mais bela do espírito, e quão perto esse reino mais luminoso está de nós, tenho a certeza de que ganharíamos coragem, quando tudo parece correr mal, e diríamos a nós mesmos: «Será apenas mais um pouco. Tenho muito pouco tempo para fazer bem o meu trabalho aqui.»

A diferença entre esta expressão de vida e a próxima expressão é a diferença entre uma realidade baça e uma realidade luminosa. É a diferença entre antecipação e realização.

Tantas homens e mulheres perguntam: «Como é exatamente a próxima vida? Como é o próximo mundo?»

E eu desejaria poder dizer-lhes e fazê-los compreender. Desejaria poder ajudá-los a ver que eles próprios devem determinar como é a próxima vida e como é o próximo mundo. À medida que cumprimos bem os nossos deveres aqui, encontraremos maior beleza lá.

Determinamos o grau de beleza e o grau de felicidade.

Este Mundo Maravilhoso do espírito pode ser comparado à atmosfera. Está ao ar livre e também está nas nossas casas. Não são duas atmosferas, mas duas condições da atmosfera. Quando saís da vossa casa, continuais no mesmo ar, respirando o mesmo ar que tínheis e respiráveis na vossa casa. Assim, quando entraís no espírito, não ides para condições totalmente estranhas, mas da confinamento e limitações da carne para a liberdade e maiores facilidades do espírito. Realizais que estas são apenas comparações. Por vezes, as pessoas tomam comparações por declarações literais. Mas nenhum de nós pode dizer o que é literal e o que é figurativo, porque tornamos literal o que pode ser figurativo para outros.

Poderia comparar a proximidade do espírito ao material às duas faces de uma janela. Olhamos através desta janela e vemos o que está do outro lado, sem estarmos realmente lá. Para o inválido, a visão do céu azul e da relva verde e das árvores é muito bela. Não é exatamente como estar lá fora onde elas estão e associar-se com elas, mas é melhor do que nada saber da sua existência. O

inválido sente que um dia estará na relva e perto das árvores e sob a grande cúpula azul do céu.

Os mortais são muito como inválidos, que se devem contentar olhando através da janela e vendo aquilo que está a curta distância deles e que os espera quando estiverem preparados para ir até lá; mas há outros mortais que não têm de todo essa vista e que se devem contentar, por enquanto, olhando para imagens daquilo que, um dia, poderão ver.

Tenho falado com muitos espíritos que argumentavam que não tinham passado por nenhuma mudança, tão natural foi a transição. Mas eram espíritos que não tinham absorvido muito da grande verdade de Deus, e alguns deles tinham duvidado da imortalidade. Ficavam mesmo perto do mundo terreno até aprenderem a procurar algo mais belo. Continuavam a olhar através da janela, embora na realidade estivessem do outro lado. Preferiam voltar para dentro das condições materiais e olhar para as coisas do espírito, como se ainda estivessem distantes.

Há pessoas na carne que encontraram o Mundo Maravilhoso. Enquanto estão nos seus corpos materiais, estão suficientemente perto das belezas do espírito para viver mais no espírito do que na carne. Essas pessoas veem maior beleza na natureza e encontram maior felicidade na vida do que o mortal médio, porque olham mais com olhos de espírito do que com as vidraças materiais da visão que chamamos olhos. Aqui, se um homem é muito forte fisicamente, chamamo-lo atleta, mas a sua força vem do Mundo Maravilhoso. O espírito é sempre forte. Os espíritos materializados são muito mais fortes do que os mortais, e no entanto, trazem apenas uma fração da sua força para manifestações materiais. É o espírito que traz força ao corpo físico; e, se força, então também saúde.

A criança, cuja cada expressão está cheia de alegria pura e que põe animação em cada palavra e movimento, está a viver mais no espírito do que na carne; está a sentir a força e felicidade do espírito, apesar da carne. A força está lá o tempo todo, só que nós mortais não aprendemos como invocá-la.

A doença é um erro humano. Se soubéssemos como evitar os erros que culminam na doença, não conheceríamos senão saúde. E tal saúde como temos vem do Mundo Maravilhoso. Muitas vezes tocamos na sua fonte sem perceber como ou porquê. Se soubéssemos como e porquê, poderíamos invocar essa fonte infalível de saúde e força em todos os momentos. Não conheceríamos indisposição e apenas uma fadiga corporal natural. Tiraríamos descanso completo dos nossos sonos e enfrentaríamos cada novo dia com toda a energia que alguma vez poderíamos esperar ter. Não sabendo, aproximamo-nos o mais que podemos, mas depois de algum tempo, os mortais aproximar-se-ão muito mais dessa fonte infalível.

Se estamos bem e «de bom humor», a música soa-nos muito bela. Parece entrar nos nossos corpos, entrar nos nossos espíritos e fazer-nos cantar por inteiro. Se não nos sentimos bem, ou estamos fatigados ou insatisfeitos, então a música pode irritar-nos os nervos. No espírito, a música será parte de nós. Absorvê-la-emos e vibraremos com ela.

Assim, no Mundo Maravilhoso, a nossa capacidade de desfrutar torna-se maior; e se temos maior capacidade para o desfrute, devemos ter maior capacidade para a compreensão. Se podemos absorver felicidade, podemos absorver sabedoria. Abrimo-nos a ela, e isso torna a sua impressão maior.

No Mundo Maravilhoso, embora a nossa capacidade de desfrutar aumente, isso não significa que também nos devamos abrir a sentimentos mais agudos de sofrimento. Estamos a aprender mesmo aqui como procurar as vibrações harmoniosas. Lá não teremos tempo nem simpatia pelo que é inarmonioso, e tão verdadeiramente como desfrutaremos e aprenderemos mais, desenvolver-nos-emos de modo a sofrer menos. É a lei da harmonia que torna possível maior felicidade, e essa lei reduz a possibilidade de infelicidade.

Estes maiores privilégios do espírito virão até nós na proporção em que nos tenhamos preparado para eles na Terra. Não podemos desfrutar ao máximo de tudo de uma vez, se durante anos nos tivermos fechado ao desfrute. Assim, sabemos que algumas pessoas que sofreram muito na carne entram no espírito para encontrar uma condição de paz, em vez de grande felicidade. Encontram uma liberdade tranquilizadora da dor e da preocupação. Isso vem como um passo que um dia as levará ao verdadeiro desfrute — ao desfrute espiritual e felicidade.

Quanto mais nos prepararmos aqui, mais fácil será progredir lá.

Mas esta felicidade no Mundo Maravilhoso, esta capacidade tanto de desfrute como de aprendizagem, não pode vir como recompensa pela indolência e indiferença. Recusar preocupar-se com deveres aqui não é avanço espiritual. Cumprir deveres e suportar dor e revezes ajudar-nos-á a desenvolver. Preparamo-nos não só com pensamentos limpos e elevadores, mas com o nosso sentido de dever.

No Mundo Maravilhoso há muitas pessoas desapontadas que acreditavam, na Terra, que tudo o que tinham de fazer era confiar e não se importar com obrigações. Isso confundiram com a admoestação de Cristo para viver «apenas para hoje». Não era isso que Jesus queria dizer. Queria dizer que este dia deveríamos torná-lo o nosso dia mais pleno e mais cumpridor de deveres. Era isso que Ele dizia, só que algumas pessoas tomam isso como desculpa para indolência e indiferença e outros defeitos desagradáveis.

Ninguém no Mundo Maravilhoso nos vai puxar para a sua luz e glória. Temos de ganhar o nosso caminho. Se não fosse verdade, quão injusto seria este

mundo terreno, fazendo alguns trabalhar como escravos e dando a outros nada mais do que bons tempos. Se pudéssemos desfrutar daquilo que não ganhámos, que sentido teria o progresso?

A pessoa que toma a atitude de «Não posso evitar viver noutra mundo mais do que pude evitar viver aqui» não está a pavimentar o caminho para tempos melhores. Não gostaríamos de viver sempre numa condição de pânico, e não deveríamos esperar viver sempre numa condição de indiferença. Não podemos evitar viver as nossas vidas de alguma forma, e se alguém se deve importar com a forma como cultivamos as nossas vidas, deveríamos ser nós os principais a preocupar-nos. Se esperarmos que outro alguém resolva sempre os nossos problemas, vamos descobrir um dia que estávamos enganados.

A vossa posição e a minha, no Mundo Maravilhoso, serão decididas em grande parte por nós próprios. Será aquilo que tivermos feito dela. E se não começarmos agora a fazer com que valha a pena, teremos de começar depois de lá estarmos. Podemos seleccionar qualquer caminho que quisermos e fazer o que quisermos, mas também pagamos tudo. Podemos tornar o Mundo Maravilhoso um lugar belíssimo quando lá chegarmos, ou apenas um lugar comum. Podemos elevar-nos acima destas condições terrenas perturbadas, ou permanecer perto delas. Essas são questões da nossa própria escolha.

Há homens e mulheres aqui na Terra que vivem mais no Mundo Maravilhoso do que neste mundo. Estão dentro, rodeados e sensíveis às belas condições do espírito, porque é isso que desejam. Procuram as coisas melhores, e até procurarmos, nunca encontraremos.

Dizem-nos que aqueles que têm mais experiência aqui são os mais privilegiados. Se parecemos ter muitas aflições, estamos a receber a oportunidade de ganhar muita força. Se esta vida fosse só sol, entraríamos no espírito apenas parcialmente desenvolvidos e incapazes de aprender as lições do espírito.

Pode parecer muito tempo daqui até estardes no Mundo Maravilhoso, e podeis impacientar-vos por lá chegar, mas lembrai-vos de que cada dia é um dia mais perto. Que balanço fizestes do dia que acabou de passar? Que balanço dareis do dia imediatamente à frente? Pensai nestas coisas de dever, e os anos passarão depressa. Ninguém deveria desejar entrar na próxima expressão da vida despreparado. Ninguém pode estar preparado quem é negligente com os deveres aqui. Se não estendermos a mão para o céu, não vamos encontrar o céu. Se não tentarmos progredir, ninguém nos fará progredir. Essas são coisas da nossa própria seleção.

Não penseis no Mundo Maravilhoso como muito longe. Está tão perto de vós como o ar que vos roça o rosto. Está dentro de vós bem como à vossa volta e ao vosso redor. O Mundo Maravilhoso está aqui a qualquer momento que

qualquer um de nós escolha tentar ganhar o direito de o ver e, em certa medida, de o compreender.

Os poucos anos que vivemos aqui na carne não são nada comparados com a eternidade, mas o que fazemos durante esses poucos anos determina muito do nosso progresso ao longo da eternidade. Se pudéssemos olhar para a verdade dessa luz, então compreenderíamos que privilégio abençoado é viver aqui, não importa quais sejam as condições, e através dessa permanência preparar o caminho para tempos melhores e uma vida mais bela.

Quando tivermos felicidade, tudo o que fizermos fará

O Mundo Maravilhoso é um mundo de dever, o mesmo que este mundo. Devemos entrar nele preparados para cumprir esse dever. Quando tivermos feito isso, encontraremos toda a glória, toda a compreensão que esperávamos encontrar. Nós fazemos a chave, e a chave que fazemos abre alguma porta. Para onde essa porta levará depende do que fazemos e pensamos, aqui e agora.

VIVER EM DOIS MUNDOS

O universo é povoado por homens e mulheres a quem podemos referir-nos como seres humanos, sem respeito pelo seu lugar de residência, pois todos os espíritos se parecem muito com os mortais, exceto que, quanto mais desenvolvido o espírito, mais luminoso e mais belo esse indivíduo se torna.

Hoje, uma senhora pode vir para uma sessão e, ao saudá-la, vejo duas pessoas — uma não mais real do que a outra. Por vezes, esta visão é tão clara que fico convencida de que são duas, e pergunto se desejam sentar-se juntas.

A mulher terrena cora e diz: «Ora, vim sozinha.» E então compreendo.

«Mas há uma bela senhora idosa consigo», digo-lhe. «Não é tão alta como a senhora — e o cabelo é branco como a neve. Usa um vestido castanho — ligeiramente fora de moda — e olha para cima para si e sorri. Há um pequeno crescimento no lado esquerdo do nariz, e há uma cicatriz no dedo indicador da mão direita.»

«Ora, é aquela com quem eu esperava falar», responde a senhora. «É a minha tia Marta, que partiu há oito anos.»

Mas outras vezes vejo apenas o mortal e ouço uma voz estranha falar comigo — uma voz tão clara, tão distinta, tão individual como a do mortal.

Essa voz diz: «Diga à Jennie que o John está com ela — que foi ele que a trouxe aqui; que foi o John que bateu três vezes na cómoda ontem à noite.»

Repito as palavras que ouvi e a mulher fica espantada. Diz que é simplesmente maravilhoso — e no entanto, só lhe disse aquilo que a voz me falou. Admiro-me mais de que ela não consiga ouvir essa voz espiritual do que de eu a conseguir ouvir.

Há outras vezes em que não ouço palavra alguma e não vejo ninguém exceto a pessoa que veio ter comigo. Então sinto algo — talvez algo muito pesado, ou muito agitado. Há vezes em que uma sensação me invade que não me permite dar uma sessão a essa pessoa.

Digamos que uma pessoa vem para um teste duvidando e cheia de engano. Tal pessoa pode entrar na minha sala de sessão. Os guias podem desejar que essa pessoa seja admitida, e eu fico confusa com as minhas sensações. Não sei se devo dar a sessão ou recusá-la. Provavelmente esse indivíduo precisa de algo que o tire dessa condição.

Se devo recusar, não há dúvida sobre isso. Um dos meus guias dir-me-á, numa tal ocasião: «Não leves este homem para a sala de sessão.» Isso é aviso suficiente. Não devo sacrificar a minha força para satisfazer buscadores de testes, que nunca ficam satisfeitos. Há demasiadas pessoas desejando comunicação — demasiadas pessoas merecedoras a serem servidas.

Por vezes tenho visitantes quando não há mortais presentes — visitantes que parecem ser tanto de carne e osso como qualquer mortal. Muitos destes nunca vi antes. Alguns vêm dizer-me que um ente querido telefonará em breve — está a vir de fora da cidade, que devo marcar uma consulta.

Outros visitantes espirituais vêm com mensagens importantes — e ainda outros pela experiência. São pessoas que estão do outro lado há pouco tempo, e amigos trazem-nas às salas de sessão para que aprendam algo sobre a natureza das forças através das quais podem alcançar os seus entes queridos mortais quando chegar a hora.

Muitas vezes, nas horas negras da madrugada, vêm ter comigo e abanam-me, e dizem-me que precisam dos meus serviços. Algum ente querido na carne está doente — está a sofrer; não quero ajudar? Centenas de vezes levantei-me da cama e fui para a sala de sessão, para que os médicos no espírito pudessem usar as minhas forças no tratamento de algum sofredor — e talvez a identidade desse sofredor eu nunca tenha conhecido.

Durante a guerra, estes visitantes noturnos vinham frequentemente e em grande número.

«Pelo amor de Deus, Médiun», diria um, «deixa-nos levar alguma força curativa para as frentes de batalha e os hospitais. Oh, é terrível ver aqueles pobres rapazes sofrerem!»

Se pudésseis levar convosco várias janelas mágicas e colocá-las em qualquer lugar, a qualquer hora, e olhar para esse mundo etéreo envolvente, saberíeis o que um médium sabe. Veríeis as duas fases da vida — uma não mais real do que a outra. Veríeis cenas diferentes, como se emergissem das nossas cenas terrenas, e ouviríeis conversas que a maioria dos mortais não ouve.

É fácil fazer estas declarações, mas até que cada pessoa experimente estas mesmas sensações, veja e ouça como um médium faz, compreendo que as alegações do médium parecem faltar realidade. Até passarmos nós próprios por experiências, elas não são as nossas experiências.

Houve vezes — muitas delas — em que alguma pessoa com quem eu estava bem familiarizada aparecia de repente perante mim. Por vezes essa pessoa falava, e outras vezes apenas sorria — e não dizia nada.

Estas, descobri, eram os espíritos daqueles que tinham partido recentemente. Horas mais tarde — e por vezes dias depois — eu ficava a saber da sua partida. Mas houve outras vezes em que aqueles que eu via no espírito desta maneira ainda estavam na carne. Tinham ido em viagem, de alguma forma. Talvez estivessem muito doentes. Talvez estivessem a dormir. Talvez estivessem acordados. Diriam, nestas últimas condições, quando voltavam à sua consciência mortal, que tinham estado abstraídos — tinham estado a sonhar acordados. Por vezes tinham memórias destas visitas; geralmente não tinham tais memórias.

Acontece de vez em quando que um médium veja o espírito de uma pessoa que ainda está neste mundo e o diga aos que estão na sala de sessão, e a suposição natural é que essa pessoa passou para o espírito. Mais tarde descobre-se que está viva e bem na carne. Então o Espiritualismo recebe um olho negro figurativo, e o médium é chamado fraudulento. O espírito, fora da carne por um tempo numa viagem, parece precisamente como o espírito que está afastado da carne há muitos anos.

Houve casos — e muitos deles — em que uma pessoa ainda na carne se materializava, e essa materialização era tão real como qualquer outra. Todo o médium de materialização sabe que isso pode acontecer e aconteceu. E sobre tais ocorrências foram baseadas acusações contra o Espiritualismo em geral e médiuns em particular.

Eu sentiria que tais demonstrações ofereciam a prova mais convincente do Espiritualismo. Tão pouco sabemos da vida que não estamos em posição de julgar. Não compreendemos suficientemente a Lei do Espírito para emitir uma opinião. Médiuns e muitos estudantes do Espiritualismo sabem que aqueles que ainda estão neste mundo podem e por vezes manifestam-se em salas de sessão distantes. Por trás desse facto há uma lei, e a compreensão dessa lei traria aos mortais poderes muito maiores do que quaisquer que têm hoje.

Se os que estão no espírito viessem apenas em grande solenidade, se viessem vestidos com as suas roupas de sepultura e parecessem mortos, então viver em dois mundos ao mesmo tempo seria uma penalidade terrível. Ouço crianças a rir e a cantar, e por vezes vejo-as a correr ao meu lado — tão felizes, tão despreocupadas, tão cheias da alegria de viver, que não consigo associar o mundo seguinte à morte. Este nosso mundo é o mundo da morte. Este é o mundo da sepultura. Este é o reino das esperanças perdidas e desesperos. Podeis perguntar: «Como é que podes ver uma senhora idosa no espírito, e vê-la claramente, se há juventude eterna do lado mais além?»

Porque os que estão no espírito têm o poder de se vestirem com a aparência que estava associada a eles nesta vida. Construem um corpo astral — roupa e tudo — que é como uma veste que o espírito enverga. Não vejo o espírito em si durante tais vezes — mas a veste astral que foi preparada para fins de manifestação e identificação. É muito parecido com o tecido material que é empregado numa materialização.

Há esta diferença: Numa materialização, as partículas usadas são materiais, e portanto, a forma é vista da mesma maneira por todos os presentes. Numa visão clarividente, as partículas pertencem ao astral — ou condições de Terra de Fronteira — e são vistas apenas pelo psíquico. Sobre esta verdade dependem muitos factos muito importantes. Muitos estudantes profundos não sabem que há uma condição (e é mais uma condição do que um lugar), na qual há uma espécie de mistura do etéreo e do material. Se não fosse assim, nenhum espírito encarnado poderia entrar num reino diferente do material. Estes espíritos ainda pertencentes à carne, que eu vejo por vezes, não estão literalmente «no espírito». Estão no astral — nas condições de Terra de Fronteira. Para mim, parecem o mesmo que os espíritos que vejo. Para os que estão no espírito, sem dúvida parecem muito diferentes de qualquer espírito ou mortal.

Esta condição astral pode ser comparada com a miragem. Se alguma vez viajastes pelo deserto, notastes uma névoa azul agarrada à superfície — perto das areias quentes. Se moverdes os olhos rapidamente, esta névoa estende-se pelo ar a alguma distância. E dessa condição, a miragem aparece.

Das condições do astral, que são condições parcialmente etéreas e parcialmente materiais, as formas astrais aparecem — e um espírito manifestando-se para fins de identificação construirá uma concha exterior, ou veste, para assumir a aparência (de corpo e roupa) que seria reconhecida por algum mortal quando descrita pelo médium.

Podeis perguntar-me como esta semelhança é construída, e porque parece ser a pessoa e não uma cobertura dessa pessoa.

Não sei. Isso pertence a uma conceção superior de química. É feito. É tudo o que posso dizer.

Aqueles que vêm do espírito, aqueles que vejo como espíritos, são jovens — cheios da plenitude da juventude. Isto é verdade independentemente dos anos que passaram do outro lado, ou da idade que tinham quando partiram.

Mas quando vos encontrarem — quando atravessardes a Fronteira — virão como jovens, e não sereis reconhecidos por vós? Não, a menos que estejais preparados para os encontrar dessa maneira. Caso contrário, saudar-vos-ão parecendo como os conhecíeis. Tentarão tornar essa saudação a mais natural possível, e à medida que vos acostumardes às condições do espírito, e a vossa percepção se tornar mais ampla, vereis que esta aparência é assumida por vossa causa, e desejareis conhecê-los e a vós próprios como todos vós sois.

Muitas pessoas partem desta vida totalmente preparadas para qualquer mudança. Nada de novo as poderia chocar. Esperam uma mudança. Estão afinadas para ela, e desejam-na. Mas outras, cheias do medo e das tradições e memórias da carne, aventuram-se no espírito temerosamente — e sentem-se seguras apenas quando encontram aquilo que esperavam encontrar — pais parecendo como os conheciam, e crianças pequenas não crescidas.

Assim, descobrimos que a nossa ignorância deve sempre vestir-se com as coisas que pode perceber e conceber e aceitar. Só à medida que nos estendemos para os factos, eles vêm até nós. Temos de crescer para eles — desejá-los e lutar para os atingir. Quando tivermos feito isso, tudo está bem; estamos a progredir. Até nos estendermos e tentarmos aprender mais e compreender mais plenamente, somos muito como crianças crescidas que ainda desejam ser amamentadas e metidas na cama.

Homens e mulheres vêm à sala de sessão cheios dos seus desejos, das suas concepções e das suas exigências. Decidem que só podem ser felizes sob certas condições. Essas condições podem estar longe dos factos, mas desejam fazer o planeamento de Deus por Ele — e aceitarão o Espiritualismo apenas se concordar com eles; e rejeitá-lo-ão se discordar.

Para os espiritualistas em geral, a morte perdeu o seu terror. Se há medo, é medo do sofrimento físico ao partir, ou que leva ao partir. Alguns médiuns sentem o mesmo tipo de medo, mas a maioria deles espera o momento em que o seu trabalho terreno terminar.

Desde a infância, sempre considerei a vida como ininterrupta, e o mundo como um grande mundo — parte do qual é vista pelos mortais e parte do qual pode ser revelada aos mortais que desenvolvem os seus poderes psíquicos.

Viver nestes dois mundos torna-se tão natural como viver num só mundo — mas na realidade, compreendeis, estes não são dois mundos, mas duas expressões de vida. O mundo é o universo. Os seus planos são muitos; as suas esferas são numerosas. Tudo está ligado de alguma forma, e tudo pertence ao um grande Sistema.

Passando pela minha casa, há muitas pessoas não vistas por outros. Por vezes sentam-se em cadeiras e tornam-se tão confortáveis como quaisquer mortais. Por vezes vêm à mesa quando estamos a jantar, e falam comigo. Em restaurantes, por vezes vejo muitos no espírito — de pé perto dos seus entes queridos, e por vezes apelando-me para entregar uma mensagem.

Em elétricos e comboios, sou frequentemente abordada por aqueles no espírito que me imploram para dar alguma mensagem a um estranho. Há vezes em que consinto — e assim trouxe muitos convertidos ao Espiritualismo. Há vezes em que sei que estou a viajar com um assassino, e o meu coração enche-se de tristeza. Muitas vezes sei a natureza dos planos que estão nas mentes das pessoas. Esta percepção psíquica das condições traz as suas penalidades.

E do lado espiritual, muitas vezes virão aqueles que desejam poder ter a vida terrena para viver tudo de novo. Estão tristes pelos seus erros. Podem ver os seus erros.

Tal como há dor aqui, há tristeza lá; tristeza sem compreensão. Há arrependimentos e há sofrimento; não físico, mas mental. Se tivermos ensombrado as nossas vidas aqui, levaremos as sombras connosco. Se tivermos ido contra o nosso conhecimento do certo e do errado, arrepender-nos-emos, e é bom que o façamos.

Há muitos que vêm ter comigo que suspiram pelas suas oportunidades perdidas, mas há muitos que estão tão felizes por se encontrarem livres da escravidão da carne, que desejam poder esquecer tudo sobre este mundo de dor e tristeza. Tal como há muitos caracteres diferentes aqui, há um número igual das mesmas classes lá.

Além da dor, há felicidade. Além dos arrependimentos, há nova esperança.

Quer aqui ou lá, é vida — e onde quer que haja vida, deve haver naturalidade, porque viver em qualquer parte do universo de Deus significa viver lá de acordo com a vontade de Deus.

TEREMOS NÓS O DIREITO DE PROCURAR A CURA ESPIRITUAL?

Se existe algum poder que possa trazer ajuda curativa aos mortais, terão os mortais algum direito de o negar?

Tem alguém o direito de no-lo impedir? Estar saudável e feliz deveria ser o privilégio de todo o ser humano. No espírito, há saúde e há felicidade. Refletimos a vida espiritual neste mundo, e temos o direito de exigir a herança que é nossa. A expressão dos nossos dons espirituais depende da saúde. A pessoa doente pode ser moral; pode ser pura espiritualmente. Ainda assim, o

seu estado de doença é evidência de que, embora possa estar em sintonia com uma parte da Lei de Deus, está desafinada com outras expressões dessa mesma lei. Nenhuma pessoa pode dizer que atingiu um estado elevado espiritualmente quando está com má saúde, porque o progresso espiritual atrai saúde. A espiritualidade é o estado natural dos que estão no espírito, e portanto, de todos os espíritos, quer no etéreo quer no material.

A doença é o resultado de vibração errada. Um movimento é iniciado nas iões da parte afetada que difere do seu estado normal de vibração. O resultado é doença. Até que essas vibrações sejam restauradas ao seu estado natural, essa pessoa permanece doente. A natureza das vibrações alteradas determina o tipo de doença. Isso significa, em poucas palavras, que a doença é equivalente a estar desafinado com a lei natural.

Se pudermos aprender a viver em harmonia com os nossos guias e com o mundo espiritual, abrimos o caminho para que esta força curativa venha até nós. Atraímos as vibrações que nos restaurarão a uma condição normal. E quando nos falta a capacidade de atrair essas forças, deveríamos ter o direito de pedir ao mundo do espírito que nos traga essas forças.

Vou ilustrar como estas forças curativas operam e como podemos obter assistência ao entrarmos em comunicação e harmonia com os nossos guias. Podemos ter a comunicação, mas não a harmonia. Ou podemos estar em harmonia e ainda assim faltar a comunicação.

Mr. Thos. Giffney de Chicago teve um ataque de apendicite há mais de um ano. Sobreviveu sem operação. No entanto, a vibração não tinha sido restaurada ao normal. Com o passar do tempo, Mr. Giffney sofreu muito. Mostrava claramente os efeitos do seu problema.

A lesão estava lá, de qualquer modo. Ele finalmente ficou doente. Chamou um médico e parecia estar a recuperar razoavelmente bem, até que um dia a sua condição piorou.

Uma noite, durante a nossa sessão de domingo, para ser exata — o Dr. Senn, no espírito, veio ter com o meu marido e disse: «Mr. Cook, saia desta sala agora mesmo e telefone aos Giffneys e faça com que Mr. Giffney seja enviado para o hospital imediatamente. Instalou-se gangrena e, se não for operado sem demora, estará no espírito em quarenta e oito horas.»

Mr. Cook obedeceu e, à meia-noite, Mr. Giffney estava no hospital, e na manhã seguinte o apêndice foi removido. Embora o órgão estivesse muito inchado, não mostrava sinais externos de infecção. Dois médicos, que tinham estado no Center na noite em que a mensagem chegou, estavam com ele durante a operação. Após regressarem a casa, decidiram voltar ao hospital e pedir o apêndice. Levando-o para o seu próprio consultório, abriram-no e estava cheio

de gangrena! Os médicos espirituais tinham visto uma condição que não podia ser determinada pelos médicos no material.

Podeis perguntar porque os médicos no espírito não curaram este apêndice — porque foi necessário recorrer a uma operação. A razão, penso eu, é clara:

A infecção já estava no apêndice. Literalmente, estava morto. Estava a decompor-se. O princípio de vida já não atuava através dele. Esse órgão tinha deixado de ter valor para o corpo. A sua remoção era imperativa.

Podeis perguntar porque Mr. Giffney não foi curado antes de uma operação ser necessária. Nós mortais não compreendemos a lei natural. Enquanto invocamos as forças curativas do espírito para nos ajudar, continuamos a quebrar a lei natural. Não poderíeis fazer uma escavação se pusésseis uma pá de terra no buraco cada vez que tirásseis uma dele. Se, por ignorância, continuardes a ir contra a lei natural, a vossa procura faz-vos menos bem. Se soubéssemos melhor, faríamos melhor.

Poderia citar muitos casos de cura espiritual, mas esse não é o objetivo desta discussão. Defendo que temos o direito de procurar meios naturais de ganhar e manter saúde, tal como temos o direito de adorar como desejamos.

Isto não diz que o médico neste mundo não é necessário. Através de muitos médicos na carne, os médicos no espírito operam. Mas se desejarmos procurar saúde por meios diferentes da medicina ortodoxa, quem tem o direito de nos negar esse privilégio?

Não há assim tantos anos que os praticantes da Ciência Cristã eram frequentemente presos. Hoje, é-lhes permitido operar em paz. As razões para isso são: primeiro, a Ciência Cristã apresenta a força do esforço organizado e harmonioso; segundo, há a crença na mente de toda a pessoa honesta de que temos o direito de procurar a nossa própria saúde do nosso próprio modo, desde que não tentemos impor os nossos métodos aos outros.

Muitas vezes os espiritualistas têm medo de censura e de problemas. Não se unem suficientemente para apresentar uma frente sólida — e só a frente sólida pode exigir e obter direitos. Ninguém nos respeitará até que nos respeitemos a nós próprios.

Tenho ouvido os médicos no espírito diagnosticar muitos casos, e tenho testemunhado muitas instâncias em que médicos terrenos discordavam do diagnóstico — mas invariavelmente as opiniões dos que estão no espírito provaram-se corretas.

Saber onde está o problema e conhecer a sua natureza torna possível o tratamento adequado dessa maleita. A razão pela qual os médicos no espírito são tão bem-sucedidos no tratamento de doenças é porque sabem onde está o

problema e que forças trazer ao sofredor. Lidam com o conhecido, e nós geralmente lidamos com o desconhecido.

Naqueles Estados que têm leis que processariam espiritualistas por praticarem a sua cura, nenhum esforço é feito para punir Cientistas Cristãos, porque qualquer tal esforço traria toda a igreja da Ciência Cristã atrás da pessoa processada. Se um espiritualista é preso, essa pessoa geralmente é obrigada a lutar as suas próprias batalhas — e não só não tem o apoio do Espiritualismo como um todo, mas por vezes tem de lutar contra outros espiritualistas.

Se não fizermos uso das grandes forças da natureza, elas não nos podem ajudar. Por vezes, acidentalmente invocamos e utilizamos essas forças, e somos beneficiados, apesar de nós próprios. Se invocássemos essas forças mais, e fizéssemos um esforço honesto para viver em harmonia com a lei natural, seríamos saudáveis o tempo todo.

Não sintais que a doença é um meio necessário de nos chamar para o espírito. Quando chegar a hora certa, a pessoa perfeitamente saudável será chamada. O sofrimento não é um castigo imposto aos mortais. É atraído por eles porque o atraem.

OS GRANDES PLANOS E OS PLANOS GERAIS

Um meio-dia, entrei na sala de chá de uma grande loja de departamentos, e estava cheia de senhoras compradoras, estenógrafas, visitantes de fora da cidade e outras que sentiam o chamamento do refresco do meio-dia.

O único lugar disponível para mim era numa mesa onde estavam sentadas duas outras senhoras — uma idosa e matronal, e a outra mais jovem.

Não estava particularmente interessada nelas, mas a conversa delas atraiu-me, e os tons da senhora idosa, embora suaves e macios como tons vão, pareciam penetrar e irritar. A mulher mais jovem, empenhada em agradecer à sua companheira idosa, estava mal à vontade.

E enquanto estava sentada ali, perguntando-me porque a juventude podia ter tanta doçura e a velhice tanto comando imperativo, clarivamente vi o espírito de um jovem — alto, direito, pensativo. Estava perto da senhora idosa e colocou uma mão no ombro dela. Havia um olhar saudoso, faminto nos seus olhos. Estava a falar com ela, mas os seus ouvidos materiais não podiam ouvir. Não dava evidência de que sentia a sua presença.

Uma vez a mulher mais jovem olhou para cima — nervosamente, como se esperasse ver algum rosto querido familiar — mas os seus olhos não viram o ente querido que procurava impressionar a pessoa idosa — presumivelmente a mãe dele.

Sentindo a minha mediunidade, ele veio ter comigo e pediu-me que por favor desse uma mensagem à senhora idosa. Deu-me o seu nome. Contou-me factos ligados à sua partida. Suplicou, mas cada vez que começava a falar, as palavras engasgavam-se. Havia uma barreira que não podia ser penetrada. Havia uma satisfação presunçosa na maneira daquela velha senhora — na sua aura, poderia dizer — que me desafiava. O jovem no espírito sentiu-o, e uma nuvem passou pelo seu rosto. Tinha tentado tanto tempo, e tão sinceramente, disse-me, para conseguir passar uma pequena palavra — uma mensagem que a fizesse pensar na sua alma um momento que fosse do dia.

Fiquei contente quando o meu almoço terminou. Senti-me deprimida até chegar à rua. E o jovem no espírito ainda seguia e ainda suplicava, mas disse-lhe que era inútil — que com o tempo ele compreenderia que era inútil.

Todo o médium sabe que há homens e mulheres que entram numa sala de sessão que parecem fechar-se tanto; é impossível passar uma mensagem para eles. Fecham as portas. Por vezes não exigem. Têm crescido tanto para dentro de si mesmos que não podem formar contacto com as condições do espírito. Estão presos à terra e ao material dela. Estão isolados.

Há outros que vêm pela primeira vez e são tão naturais que as mensagens vêm uma após a outra. Essas pessoas não estão presas dentro de si mesmas. As suas almas são livres. Espiritualmente são independentes. Não é a educação, como o termo vai, que faz as pessoas compreenderem. Pode-se ser muito erudito na sabedoria deste mundo, e muito bem-sucedido e poderoso materialmente, e ainda assim estar enterrado espiritualmente.

Nem é só a bondade que abre a porta. A bondade pode ser fria como gelo, e repelir em vez de atrair. Há pessoas boas do outro lado que estão presas à terra tanto como muitas que pecaram. O pecador pode nunca ter desejado pecar, mas a pessoa boa pode nunca ter sido tentada. É bondade negativa e, como a cobertura num bolo, pode ser bela, mas ainda assim algo à parte do bolo em si.

Em vez de dizer que as pessoas estão presas à terra, talvez fosse melhor dizer que estão presas à alma. Estão enterradas bem fundo no material. E o material pode não ser pecado, como o conhecemos, ou intenção má, mas pode ser demasiada satisfação, ou demasiada estreiteza, ou demasiada preocupação com os assuntos mesquinhos da vida.

Tenho conhecido homens e mulheres que entraram na sala de sessão pela primeira vez e se sentiram tão em casa como se estivessem a falar com os seus amigos terrenos. Tenho conhecido outros que visitaram muitas salas de sessão durante anos, mas que não conseguiam atrair um único espírito.

Se uma pessoa vai para um país estrangeiro, essa pessoa está então sujeita às leis dessa terra. Deve aprender essas leis e obedecê-las. Se diz que é

ignorante das leis delas, e está a fazer como estava acostumada a fazer em casa, não se desculpa. Está no país delas, e enquanto lá estiver deve cumprir as leis desse país.

Quando uma pessoa entra numa sala de sessão, esse indivíduo está a ir para uma terra estranha. Está a ir para a terra do espírito. Está a atravessar a fronteira precisamente tanto como os seus entes queridos no espírito estão a atravessar a fronteira para vir até ele. E enquanto lá estiver, deve obedecer às leis do espírito.

Já não está esse indivíduo a lidar com o material. Está numa terra estranha, e vem sob tolerância das leis dessa terra. Não pode mudar essas leis, nem pode desculpar-se alegando ignorância. Deve vir em conformidade com as leis, e receberá proporcionalmente.

Tenho ouvido pessoas dizer: «Bem, se eles quiserem dar-me uma mensagem, tem de ser do meu modo. Têm de vir como eu desejo, ou não vêm de todo.» E os entes queridos no espírito não vêm, e não podem vir, porque a porta foi fechada contra eles.

O que ganhou esse mortal? Foi satisfeita a sua vaidade? Provou que é mais poderoso do que o espírito? De modo nenhum. Os do outro lado sabem que o tempo passa, e que com o tempo que passa, esse mortal obstinado aproxima-se um pouco mais da dissolução. Se não se pode aprender aqui, há o além, e há a eternidade para aprender.

Pode-se usar vestes finas, e falar muitas línguas e possuir propriedade além de estimativa — mas isso não torna a alma rica. A alma pode ser rica, e livre, apesar dessas posses, mas nunca apesar do orgulho falso.

A senhora idosa tinha um ente querido no espírito, e esse ente querido tinha tentado tanto tempo para conseguir passar uma pequena mensagem — para lhe dizer que tudo estava bem, e que é o espiritual que conta mais. Podia vê-la enredada no material, e o seu coração doía por uma mudança para melhor.

É fácil para algumas pessoas compreenderem as verdades do espírito, porque dão — procuram constantemente — sentem e acreditam e amam. Mantêm as portas entreabertas, e através dessas portas virão belas influências e inspiração e orientação. O mundo espiritual nunca pode aproximar-se mais de nós do que desejamos que se aproxime. Os do outro lado não nos podem alcançar se não desejarmos ser alcançados.

Pode haver alguma satisfação em ser temido, e em ser considerado grande, mas qual é o ganho se a porta está fechada — a porta que leva ao lugar para onde certamente se deve ir!

Por vezes uma pessoa argumentará e não encontrará resposta — e pensará que simplesmente venceu o seu adversário. Mas o seu oponente prefere retirar-se e afastar-se. Não há ganho no argumento.

Podemos pensar que ensinámos ao mundo espiritual alguma lição valiosa, porque não vem resposta para nos contradizer, mas fechámos as portas. Repelimos em vez de atrair. O que foi ganho? De que valor é a satisfação temporária e muito falsa comparada com a perda?

Há «grandes planos» e há «planos gerais» entre os procuradores. Alguns procuram porque em sinceridade desejam saber. Outros procuram porque desejam provar que têm razão e todos os outros estão errados. Um é procura verdadeira e o outro é procura falsa. Um ganha e o outro perde. Um progride, e o outro fica parado — e ficar parado é o mesmo que recuar!

Podemos procurar sem encontrar, ou podemos procurar e encontrar. Tudo depende de nós. Podemos atrair entes queridos no espírito, ou afastá-los de nós. A lei natural permite-lhes vir se enviarmos o desejo sincero. Não tentarão vir se o desejo faltar.